SET

CINE

EDITORA AZUL

56330001 - Ed. 41 - Ano IV - Nº 11 - Cr$ 370,00

EM CARTAZ

OS BONS COMPANHEIROS

A NOVA OBRA-PRIMA DE MARTIN SCORSESE

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS

DAVID LYNCH

MARTIN SCORSESE

PEDRO ALMODÓVAR

VÍDEO

OS 40 MELHORES LANÇAMENTOS DO MÊS

ISABELLA ROSSELLINI TEM O

CORAÇÃO SELVAGEM

MULHERES EM FOGO, CRUELDADE E UM TOQUE DE GÊNIO NO FILME DE DAVID LYNCH

AIWA,
a Líder Mundial
em Áudio Digital, Lança
Agora o Vídeo Superdigital!

AIWA — A D

Com a mais avançada tecnol

GARANTIA DE 1 ANO
À venda na Zona Franca de Manaus

RELAÇÃO DE OFICINAS AUTORIZADAS AIWA

AMAZONAS - MANAUS — CEP: 69003 GETULIO ARAÚJO DE MIRANDA (VIDEOTRON) RUA MUNDURUCUS, 114 FONE (092) 223.2633
DISTRITO FEDERAL — BRASÍLIA — CEP: 70730 VIDEOTEC COM. REPR. IMP. EXP. LTDA SCRN 704/5 BLOCO H LOJA 9 FONE (061) 274.9085
PARA — BELEM — CEP: 66030 VÍDEO CHECK SISTEMAS ELETR. LTDA. TRAVESSA 14 DE ABRIL, 1674 - FONE: (091) 229.2761
PARANÁ — LONDRINA — CEP: 86015 ELETRONICA HIGHTEC S/C LTDA. RUA GOIÁS, 1515. FONE (0432) 231813
RIO DE JANEIRO — RIO DE JANEIRO — CEP: 22600 VIDEOMARTE ASSISTÊNCIA TÉCNICA LTDA. RUA OLEGARIO MACIEL, 460 - LOJA E - BARRA - FONE (021) 399-1171
RIO DE JANEIRO — RIO DE JANEIRO — CEP: 22280 VIDEOMATIC COML. ELETR. LTDA. R. GAL. POLIDORO, 177 LJ. D - BOTAFOGO FONE (021) 295-3849
SÃO PAULO — SÃO PAULO — CEP: 04528 ELETRÔNICA PALM (TECNOVIDEO) R. DO SUMIDOURO, 305 — PINHEIROS FONE (011) 813-6300

Digital Audio & Video
AIWA®
2-11, Ikenohata 1 - chome, Taito-ku, Tokyo 110, Japan

iferença Digital

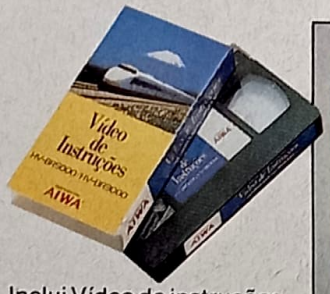
ogia em Videocassete da AIWA

HV-BR5000 VHS M-PAL

- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/ NTSC
- Posição de Cinema
- Controle remoto com mostrador de cristal líquido e som "bip" de resposta
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)

HV-BR3000 VHS M-PAL

- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/NTSC
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)



Inclui Vídeo de instruções

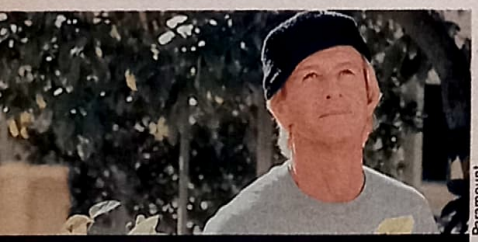
Embalagem completa fácil de carregar

Touchstone

Selleck, Guttenberg, Danson e Robin: um trio de rapazes e a mascote na idade da razão

TRÊS GUAPOS E UMA BONECA

Várias crianças foram "utilizadas" no papel de pequena Mary, em *Three Man and a Little Lady*, a inevitável seqüência de *Três Solteirões e um Bebê* (Abril Vídeo). Agora é revelada toda a vida da garotinha até os cinco anos. Nesta idade ela é vivida pela pequena atriz **Robin Weisman.** A foto prova que Mary realmente cresceu e passa bem. Só mesmo vendo o filme para se ter certeza se os rapazes interpretados por **Tom Selleck, Steve Guttenberg** e **Ted Danson** também passaram por algum crescimento interior, a ponto de aprenderem a passar saias plissadas e ajeitar laços de mariaschiquinhas. A direção não é mais de Leonard Nimoy. A continuação foi para as mãos de Emile Ardoline, de *Dirty Dancing — Ritmo Quente*.


Paramount

Paul Hogan, o ladrão que queria ser anjo

O CROCODILO ESTÁ CERTO

O crocodilo australiano volta à América "tentando fazer a coisa certa", afirma o diretor de *Almost an Angel*, John Cornell. **Paul Hogan,** 50 anos, ex-Crocodilo Dundee, é um gatuno profissional que jura por Deus que é um anjo enviado à Terra para cometer boas ações. Comédia em ritmo de aventura.

30 ANOS DE INFLAÇÃO

Em 1959, uma superprodução como *Ben-Hur* custava 14,7 milhões de dólares. Se tivesse de ser filmado hoje, custaria 124,7 milhões. *O Vingador do Futuro*, que teve um orçamento caríssimo para 1990, gastou sessenta milhões. Em matéria de cinema, é bom não dar muito tempo ao tempo.

Video Arte

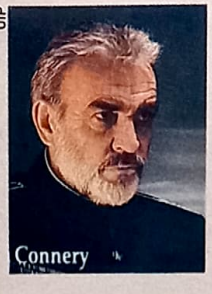
Para recriar Ben-Hur seria preciso dois filmes de Schwarzenegger

UIP

De Niro

- Robert De Niro vai enfrentar Robert Redford na refilmagem de *Círculo do Medo* (1961), de J. Lee Thompson. O diretor será Martin Scorsese.

- *Oscar* é uma refilmagem com direção de John Landis. A comédia original de Edouard Molinaro conta as atribulações de uma família muito louca. Sylvester Stallone e Ornella Muti no elenco.


UIP

Connery

- Sean Connery volta a trabalhar com o diretor de *A Caçada ao Outubro Vermelho*, John McTiernan. O filme é *The Stand*, uma história de amor no seio da floresta amazônica.

OS RICOS TAMBÉM CHORAM

Uma nova reivindicação salarial sacode a indústria de Hollywood: os astros contra os estúdios. A poderosa classe de superstars, não satisfeita com os milhões de dólares que abocanha em salários, cachês e participações nas bilheterias, quer agora rendimentos sobre a fatia mais promissora do mercado: os lucros do home-vídeo. *Batman*, por exemplo, depois de juntar 251 milhões de dólares nos EUA e Canadá (boa parte dos quais foi diretamente para o bolso de Jack Nicholson), já rendeu em vídeo, nos mesmos países, 179 milhões. De mão fechada e cara amarrada, os produtores alegam que precisam dos dividendos do vídeo, sem o que muitas das produções não sairiam do vermelho. *O Calendário da Morte* é um caso. Um dos fracassos de bilheteria de 1989, rendeu 4,5 milhões de dólares. Em vídeo, inacreditavelmente, já faturou sete milhões... Confira quanto ganha este pessoal que reclama.

OS DEZ MAIORES SALÁRIOS 1989-1990

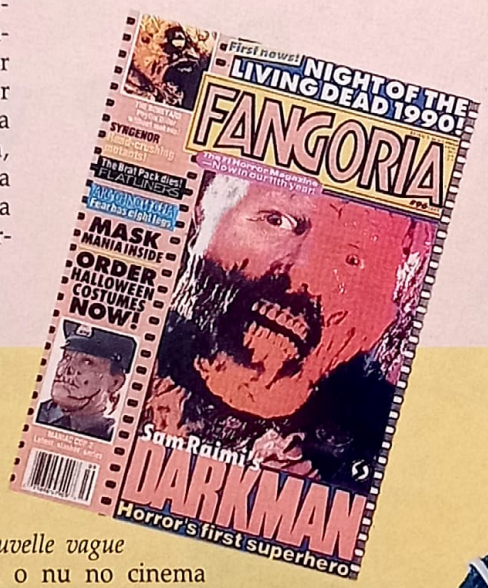
	Milhões de dólares
Sylvester Stallone	63
Arnold Schwarzenegger	55
Jack Nicholson	50
Eddie Murphy	48
Bruce Willis	36
Sean Connery	35
Michael J. Fox	33
Tom Cruise	26
Michael Douglas	24
Harrison Ford	22

Fonte: Forbes Magazine/Variety
Considerados somente os rendimentos diretamente ligados aos filmes; não incluídos os valores provenientes de TV ou música.

ESTRELA NA RUA

Presidente de honra do último Festival de Montreal (ver matéria à pág. 52), **Sonia Braga**, 40 anos, anunciou os prêmios, misturou expressões em inglês, francês e português e conquistou o público. Deu uma entrevista coletiva, glamourosa, em que falou de seu último filme, *The Rookie*, com Clint Eastwood, Charlie Sheen e Raul Julia, a estrear em dezembro, nos Estados Unidos e Canadá. E revelou que gostaria de ter feito filmes como *Minha Vida de Cachorro*, *Cinema Paradiso* e *As Noites de Cabíria*. Também deixou os marmanjos alvoroçados ao revelar que sempre, pouco antes de fazer um filme, procura caminhar pelas ruas, perder-se na multidão. Todos queriam, no íntimo, um mapa desta sua imprevisível jornada particular em busca da perfeição na representação.

Glamourosa em três línguas, a brasileira Sonia Braga se revela estrela, andarilha e presidente ao mesmo tempo



"O Bebê de Rosemary *é o filme mais assustador que eu já vi.*"

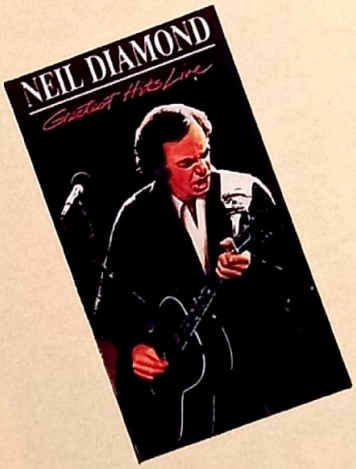
Christopher Lee

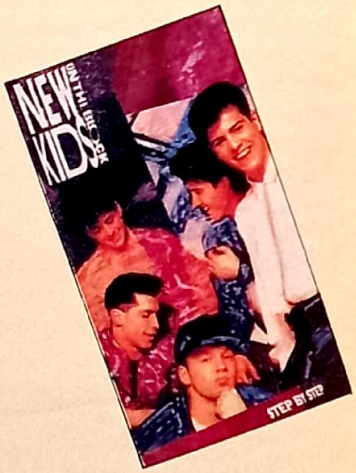
SUSTO NA FANGORIA

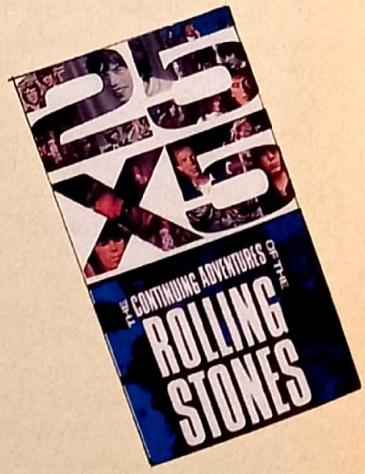
Ela já foi estrela da *nouvelle vague* nacional. Revolucionou o nu no cinema em *Os Cafajestes* (1961), de Ruy Guerra. Em 1987, se aventurou em outra empresa: foi para trás das câmeras e costurou a vida da musa modernista/comunista Patrícia Galvão no controvertido *Eternamente Pagu*. Entre uma atividade e outra, **Norma Bengell**, 55 anos, fez carreira internacional, hoje pouco lembrada. Além de *Mafioso* (1962), de Alberto Latuada, Norma perpetrou outros feitos. A revista *Fangoria*, de setembro, especializada em filmes de horror, faz reavivar nossa memória. Em *Planeta dos Vampiros* (1965), uma produção B rodada em Cinecittà, Roma, ela é uma espécie de telefonista intergaláctica. Numa entrevista exclusiva, o roteirista Louis M. Heyward afirma que o que mais chamava a atenção dos espectadores era o uniforme ZZ Top (macacão em curvim superaderente) que acentuava o corpo da atriz e era o evidente "testemunho do talento dela". O filme é distribuído em vídeo pela LK-Tel/Columbia.

La Bengell, dando um trato no colega. No destaque, a revista especializada em monstros

FINALMENTE A
A BARREIR



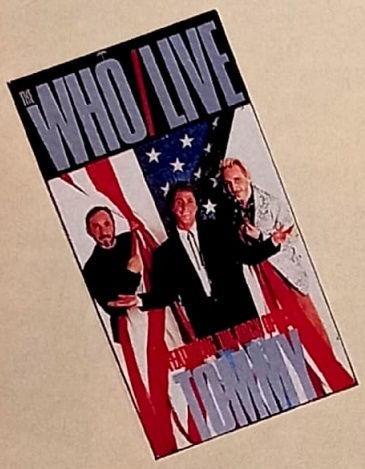


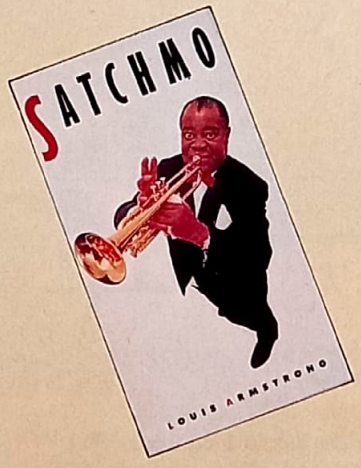


PHILCO - HITACHI

"Os vídeos musicais CBS são em Hi-Fi Stereo, o que proporciona um maior envolvimento com o som e com o realismo das imagens. Tudo isso fica ainda melhor nos equipamentos de vídeo e TV Total Estéreo Philco-Hitachi."

MÚSICA ROMPE A DO SOM





CBS MUSIC VÍDEO chegou no Brasil.
É a primeira distribuidora de vídeo especializada em música, numa combinação perfeita com a CBS Records.
Essa parceria já é vencedora em vários países do mundo.
Agora o Brasil está na rota deste sucesso.
Finalmente a música rompe a barreira do som.

JÁ NAS LOJAS

UMA DISTRIBUIÇÃO CBS

Para revendedores:
Central de Pedidos - Tels.: (021) 372.1131/(021) 372.8181

CMV ENTERPRISES
CBS Music Vídeo

Warner

Grande queima de vaidades com Hanks, Melanie e Willis

CARA DE UM, FOCINHO DO OUTRO

Mais Hitchcock do que nunca, De Palma levou para o cinema o best-seller de Tom Wolf, *Fogueira das Vaidades*. **Tom Hanks** faz o papel do superyuppie Sherman McCoy, um corretor da Bolsa de Nova York. Num passeio pelo bairro negro do Bronx, acompanhado de sua amante Maria — **Melanie Griffith** —, cai na mais pérfida armadilha. Tudo acaba em assassinato. O crime é o estopim para um conflito racial de proporções jurídicas desastrosas para sua carreira. **Bruce Willis** é Peter Fallow, o repórter que acompanha o caso. O diretor Brian De Palma, 50 anos, fiel à mais conhecida lição de Hitchcock, aparece no início do filme como um guarda-costas. Quem vê sua cara, vê sua intenção: ele quer um Oscar.

"O melhor momento que eu passei com ela foi quando a empurrei escada abaixo em **O que Aconteceu com Baby Jane?** *"*
Bette Davis, *sobre sua colega Joan Crawford*

Columbia Tri-Star

Gere

● *The Final Analysis* tem Richard Gere no papel principal. Ele é um psicanalista envolvido com a irmã de um cliente. John Boorman na direção.

● A atriz-cantora-produtora-diretora Barbra Streisand na direção de *Prince of Tides*. Sua última realização à frente e detrás das câmeras foi *Yentl*, 1983.

Warner

Glenn

● Glenn Close, Maria de Medeiros e Erland Josephson estão em Budapeste rodando *Meeting Venus*. Direção: Istvan Szabo, de *Coronel Redl*.

Art Films

Baldwin

● Walter Hill está preparando a adaptação da série *O Fugitivo* para o cinema. Alec Baldwin já escalado.

Fox

Parker

NEM SÓ DE JOBIM SE FAZ UMA ERUNDINA

Ricardo Chvaicer/Abril

Jobim

Flávio Rodrigues/Abril

Gabeira

Claudio Versiani

Erundina

Responda rapidamente: qual diretor inglês que tem um quê da prefeita Erundina (SP), que tem uma parecença com o compositor Tom Jobim, que lembra em alguma coisa o bandeira verde Fernando Gabeira? Se falou Alan Parker, acertou. Agora a coleção de replicantes famosos está completa.

Touchstone

O duelo de metralhadoras-pastelão de Woody Allen e Bette Midler

ADULTÉRIO AOS 16

Depois do drama desgarrado de *Inimigos — Uma História de Amor*, o diretor Paul Mazursky, 60 anos, volta à comédia. Em *Scenes from a Mall*, a Touchstone (leia-se Estúdios Disney) colocou ao lado de sua *major star* **Bette Midler** o mais "independente" dos comediantes: **Woody Allen**, que não trabalha exclusivamente como ator desde *Testa de Ferro por Acaso* (1976). Juntos, eles formam o casal Fifer que, no 16º aniversário de casamento, resolve revelar, em detalhes, suas pregressas infidelidades. Somados os devidos talentos, o resultado será, no mínimo, hilariante.

O SISTEMA EXECUTIVO.

GRAVE OS PRAZERES DA VIDA E REVEJA SEMPRE QUE QUISER.

O avançado Sistema Executivo Panasonic lhe permite facilmente gravar sua viagem de férias, seus momentos com a família, com a incrível câmera Panasonic M-400VHS. Graças ao sistema high-speed e ao exclusivo Piezo Auto Focus. Em seguida, você pode assistir o que gravou diretamente na excepcional CT-3PC2BR; a primeira TV no mundo com sistemas NTSC e Pal-M com tela de Cristal Líquido Digital -LCD de 3 polegadas.

E quando você voltar para casa e quiser editar, acrescentando uma narração, letreiros ou legendas às suas aventuras; é só ligar sua M-400 diretamente no vídeo Panasonic J-38BR para fazer de sua gravação uma obra-prima. Enquanto isso, você pode continuar assistindo à sua TV CT-3PC2BR.

O Sistema Executivo para os prazeres da vida, com replay à vontade.

CT-3PC2BR

TV de Cristal Líquido - 3 polegadas • A primeira TV com tela de Cristal Líquido Digital-LCD do mundo, com apenas 3'' e sistemas NTSC e Pal-M. Mostrador de canais e volume on screen. Pode ser usada com eletricidade, baterias de carro ou recarregáveis; para você assistir onde quiser.

NV-M400PX

Câmera VHS-High Speed • Memória de Títulos Digital para editar títulos, legendas etc. Sistema high-speed (1/500, 1/1000), Piezo Auto Focus, chassi de alumínio e balanço de branco automático.

NV-J38BR

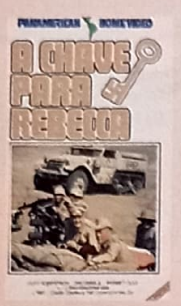
Videocassete VHS • Unidade avançada para uso doméstico com Controle Remoto/Digital Scanner-LCD, sistema de 4 super-cabeças para perfeitos slow e still e dublagem para câmera NTSC.

Panasonic

À venda na Zona Franca de Manaus.

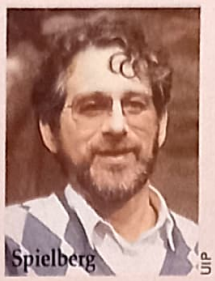
LIVRE DOS COMERCIAIS

As minisséries estão em alta no mercado de vídeo. Depois do cultuado *Twin Peaks*, que virou mania nos EUA (recém-lançada pela Warner), e dos compactos de *Anos Dourados* e *O Primo Basílio* (pela Globo Vídeo), chega *A Chave para Rebbeca* (*The Key to Rebbeca*, EUA, 1985). A novidade não é o filme em si — mais uma aventura de espionagem ambientada na Segunda Guerra —, mas o fato de estar sendo lançado por uma nova distribuidora, que pretende ter como prioridade as minisséries em seus lançamentos. Trata-se da Panamerican Home Video, que resultou de uma *joint-venture* da Discovídeo Fonográfica e da America Video Films argentina. "A minissérie é um excelente produto para o vídeo", diz Roger Divila, diretor-geral da empresa, "pois é uma produção filmada, iluminada e montada para a tela pequena, motivo pelo qual agrada em cheio aos consumidores."



- Michael Douglas cai nas garras afiadas de Paul Verhoeven. *Basic Instint* é um suspense erótico.

- O mutante rock star David Bowie é o dono de um bar em *The Linguini Incident*. Rosanna Arquette é a garçonete. Shelley Winters e Marlee Matlin também têm seus papéis.


Spielberg

UIP

- Steven Spielberg vai produzir seu terceiro desenho de animação, *Cats*, a comédia musical de sucesso na Broadway.

CADA GATO NO SEU GALHO

Buena Vista

Belushi atento aos conselhos de Caine

Quando um cidadão comum chega a sentir-se desamparado como um gato de rua, pedindo ajuda de cima de uma árvore, as coisas parecem realmente não ir muito bem. Em *Mr. Destiny*, **James Belushi** se presta a isso. O mister do título aparece para ajudá-lo e determinar seu futuro. Encarnado na fleuma de **Michael Caine**, o Sr. Destino não é novidade no cinema americano. A crítica internacional já mostrou a cara. Eles afirmam que o resultado é uma mistura de *A Felicidade não se Compra* (de Frank Capra) com *O Campo dos Sonhos* (de Phil Alden Robinson). Sincretismo em busca de sucesso.

INVENÇÕES PARANÓICAS

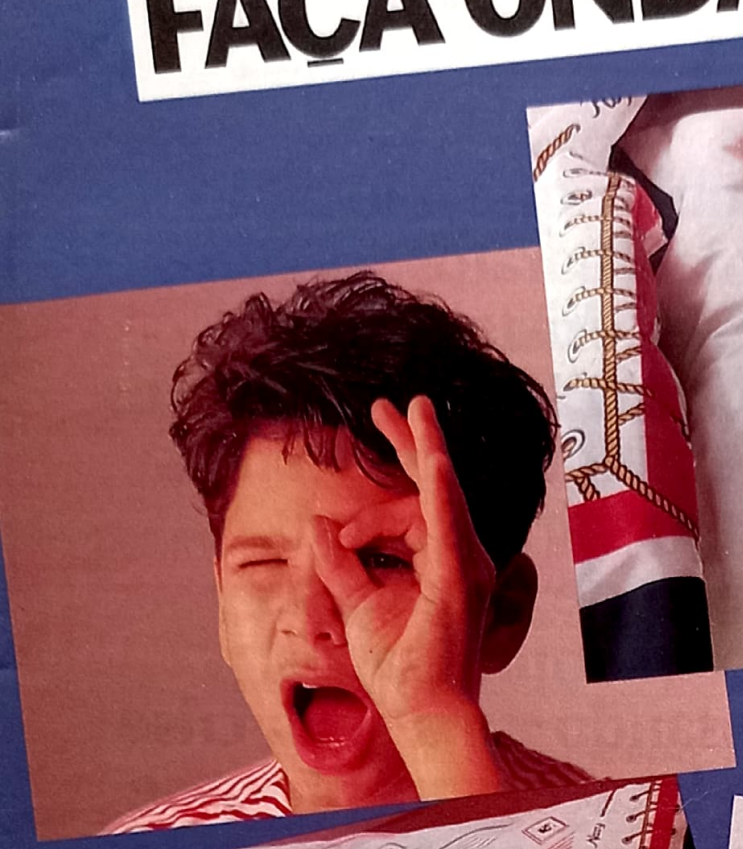
por Luiz Nazário

Nos dois episódios de *As Aranhas* (*Die Spinen*, 1919/20), intitulados *O Lago Dourado* (*Der Goldene See*) e *O Navio dos Diamantes* (*Das Brillantenschiff*), já se delineia a visão de mundo que percorrerá toda a obra de Fritz Lang (ver matéria à pág. 44). Ladrões comandados pela supercriminosa Lio Sha tentam se apoderar de tesouros secretos, mas são sempre passados para trás pelo aventureiro Kay Hoog, que desenvolve uma ação paralela. Nitidamente influenciado pelo seriado *Fantomas*, Lang introduz, porém, neste gênero de aventura, técnicas próprias, como o uso delirante dos disfarces e dos meios de controle que fazem o mundo se desdobrar fantasticamente a partir da realidade cotidiana. Assim, a dama da sociedade que desafia o arqueólogo é, na verdade, a supercriminosa que mantém abrigos subterrâneos freqüentados por banqueiros, cujas reuniões ela controla por meio de um espelho que se transforma em circuito fechado de TV (muitos anos antes de sua invenção). O herói, armado de uma senha, visita uma loja chinesa e penetra, através de um alçapão, em corredores escavados até uma cidade subterrânea, algo "caligaresca", povoada por chineses, com guardas, tigres, prostitutas e opiômanos. As armadilhas, os mecanismos, as portas secretas, os esconderijos, as paredes falsas e as barbas postiças proliferam. A realidade não cessa de mascarar-se e duplicar-se. Mesmo o herói recorre a uma solução tipicamente languiana: no navio da quadrilha, ele se aninha no interior de uma falsa bagagem para controlar a realidade dentro desta caixa de espionagem. Mas a mais paranóica invenção de Lang é, certamente, a seqüência inusitada da mensagem em código morse transmitida telepaticamente através da hipnose a que submetem um guru indiano. E nada mais fascinante neste filme que a vilã Lio Sha, louca por tesouros, mas cujas operações de apropriação indébita fracassam sistematicamente.

Fotos Cinemateca Brasileira

Ao alto, o episódio *O Lago Dourado*; acima, *O Navio dos Diamantes*: realidade e delírios languianos

FAÇA ONDA NA CAMA.



Garoto esperto não dorme de touca.
O Luizinho, por exemplo, não morde a isca dos outros lençóis. Ele toca o barco firme mergulhando fundo no lençol Regata da Artex. Cercado de maciez e conforto por todos os lados, Luizinho dorme e acorda fazendo aquela onda na cama.
Zzzzzzzzzzzzzzzzzz!

ARTEX
Viver com Arte.

INFORME PUBLICITÁRIO

ATENÇÃO LOCADORAS

ALERTA

Torna-se desnecessário lembrar que a locação de fitas de video é um dos mais baratos, seguros e divertidos tipos de lazer existentes, um entretenimento que reaproxima a família, amigos e parentes, onde o consumidor assiste filmes à sua livre escolha sem sair de casa.
Enfim, possui uma série de vantagens desnecessárias de serem enumeradas.
Mesmo com o país atravessando uma séria crise econômica, o mercado de locações manteve-se estável, porém algumas locadoras sentiram queda acentuada em seu movimento, devido principalmente À GUERRA INCONSEQUENTE DE PREÇOS, onde o maior prejudicado foi o consumidor, pois com o baixo preço da locação, essas locadoras não conseguiram manter a qualidade a nível de lançamentos.
RESULTADO: Os clientes afastaram-se dessas locadoras. LOCADORAS, nunca se esqueçam: Uma fita deve-se pagar em no máximo 25 locações.

UM SERVIÇO

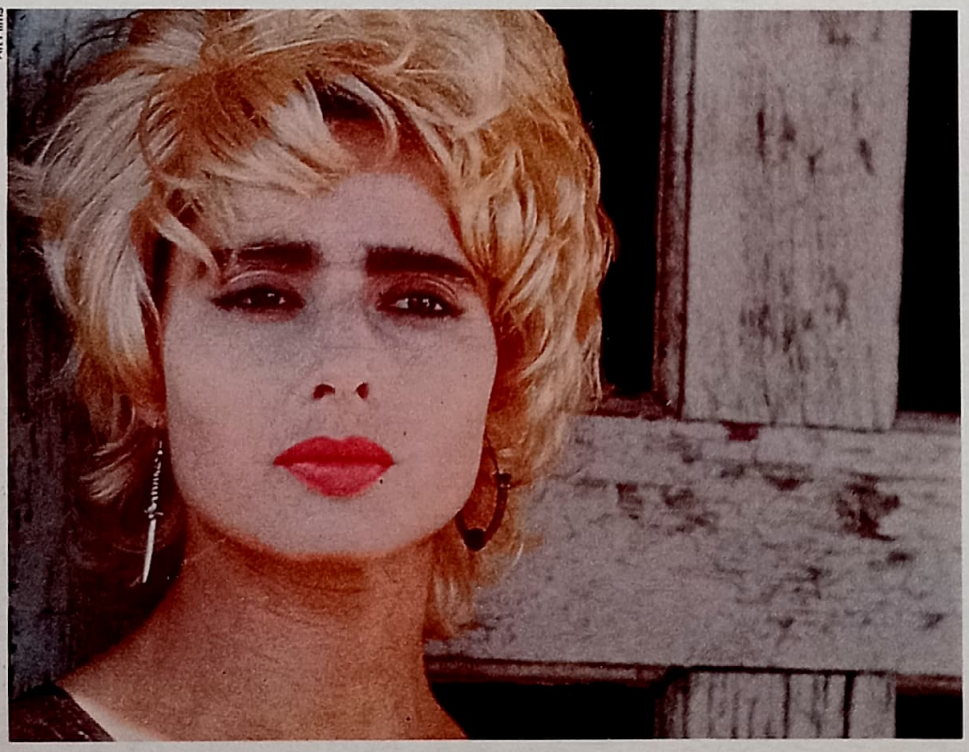
Na capa: Isabella Rossellini em *Coração Selvagem* e cena de *Os Bons Companheiros*

Isabella Fiorella Elettra Rossellini é filha de uma história escandalosa de amor, a de Roberto Rossellini (diretor de *Roma, Cidade Aberta,* o marco do neo-realismo italiano) e Ingrid Bergman, dois ícones do cinema que resolveram se unir a despeito de seus casamentos e da fofoca hollywoodiana. Isabella Rossellini, 38 anos, cresceu enquanto a mãe era congelada na indústria cinematográfica e foi, junto com a irmã gêmea Ingrid e o primogênito Robertino, disputada nos tribunais depois do divórcio do casal, em 1958. Cresceu cercada de irmãos oriundos do novo casamento do pai, revelando, ao contrário da irmã, um certo gosto pela carreira artística.

Foi mulher de Martin Scorsese, professora de italiano, entrevistadora de TV e uma das modelos mais caras do mundo: seu rosto branco como a neve apareceu nos comerciais dos cosméticos Lâncome durante cinco anos, ao custo de dois milhões de dólares. As vendas da empresa subiram 25%. De uma beleza sofisticadamente européia — um misto do gelo nórdico com o sol mediterrâneo ("Quando estou deprimida digo que são meus dias suecos") —, Isabella atravessou o escândalo que se seguiu à sua aparição lânguida e nua no filme *Veludo Azul,* (1986) do namorado David Lynch. Como uma cantora sadomasoquista, provou que sabia representar, mas houve quem dissesse que ela desrespeitava a imagem dos pais (Roberto morrera em 1977; Ingrid, em 1982).

No último filme de David Lynch, aparece com as feições mais que exageradas de uma *outsider,* de peruca loira e sobrancelhas de Brejnev. Ela é louca por batom e esmalte escarlates. Atrás da máscara, uma Isabella que adora o *Pinocchio,* de Walt Disney, seu diretor predileto: mãe de Elettra, de 5 anos, do seu segundo casamento com o modelo e aspirante a cineasta Jon Wiedemann, é ainda a serenidade em pessoa. Mesmo quando tem o *Coração Selvagem.*

Art Films



4 TAKES
10 TEMPOS MODERNOS
16 MATÉRIA DE CAPA
Coração Selvagem
22 ENTREVISTA
David Lynch
31 VIDEOLANÇAMENTOS
O Falcão Maltês
34 OUTROS LANÇAMENTOS
50 ENTREVISTA
Pedro Almodóvar
56 FESTIVAIS
Montreal e Toronto
60 ESTRÉIA
Os Bons Companheiros
68 ENTREVISTA
Martin Scorsese
70 EM CARTAZ
A Pequena Sereia
A Chave do Enigma
74 OUTROS FILMES EM CARTAZ
76 MITO
Fritz Lang
78 TRILHAS
79 LIVROS
80 EQUIPAMENTO
Philips VR 6941
82 CARTAS
85 FILMOGRAFIAS
87 FILMOTECA
90 NOSTALGIA

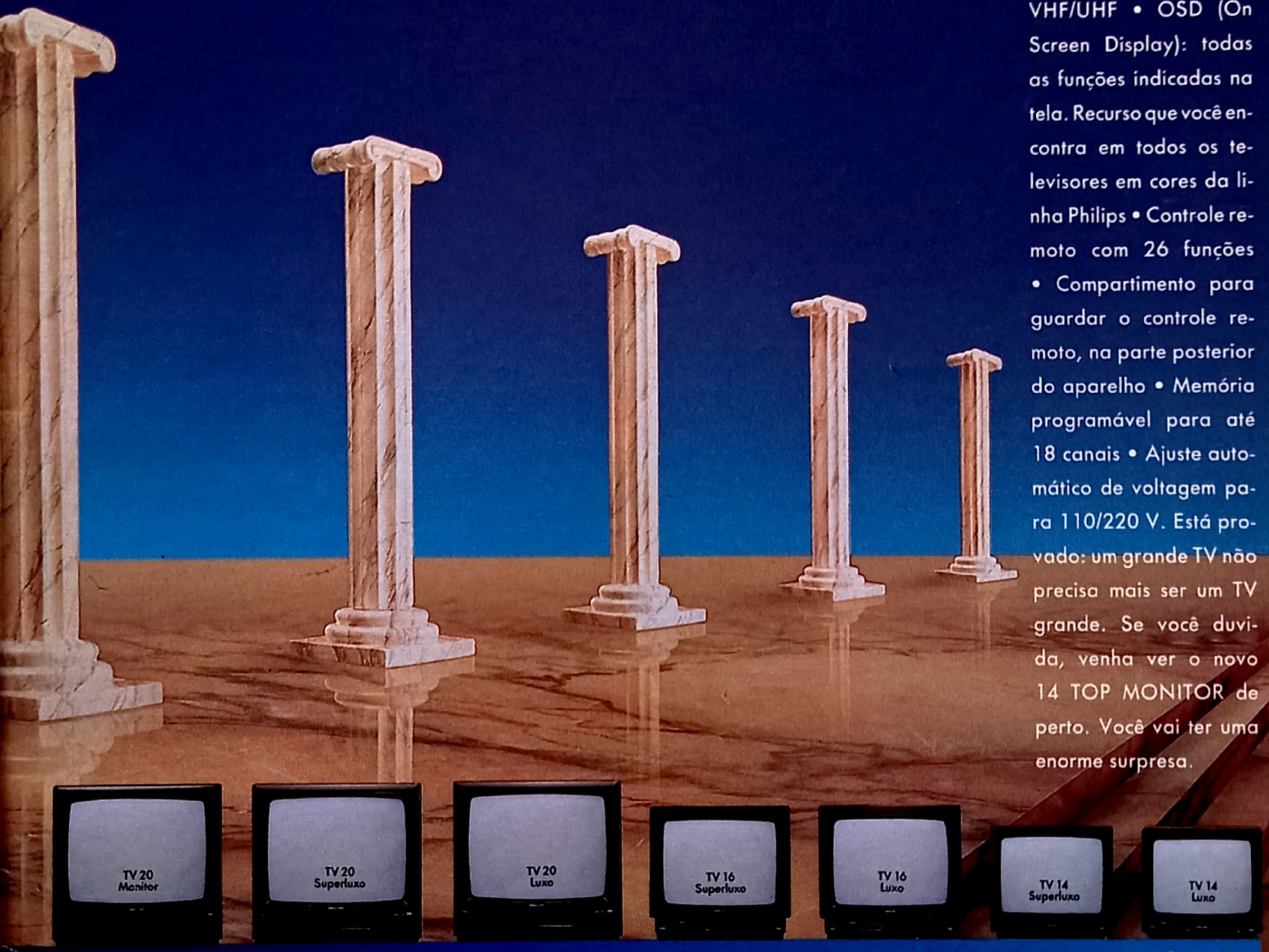
Fotos de capa: Warner (Os Bons Companheiros) e Art Films (Coração Selvagem)

UM GRANDE TV NÃO
PHILIPS
TV 28 PIP
Dolby Surround
TV 28
Dolby Surround
Widescreen
TV 21
Stereo Surround
PHILIPS. GRANDES TELEVISO
BEM-VINDO AO FUTURO.

PHILIPS

PRECISA MAIS SER UM TV GRANDE.

A Philips prova que é possível fazer um grande TV, sem ocupar espaço. Novo 14 TOP MONITOR. Ele é grande no design, inspirado nas mais modernas tendências do mercado internacional. E tem tudo que os televisores grandes têm: • Conexão direta para videocassete, videogame ou microcomputador. • Sintonia digital para VHF/UHF • OSD (On Screen Display): todas as funções indicadas na tela. Recurso que você encontra em todos os televisores em cores da linha Philips • Controle remoto com 26 funções • Compartimento para guardar o controle remoto, na parte posterior do aparelho • Memória programável para até 18 canais • Ajuste automático de voltagem para 110/220 V. Está provado: um grande TV não precisa mais ser um TV grande. Se você duvida, venha ver o novo 14 TOP MONITOR de perto. Você vai ter uma enorme surpresa.

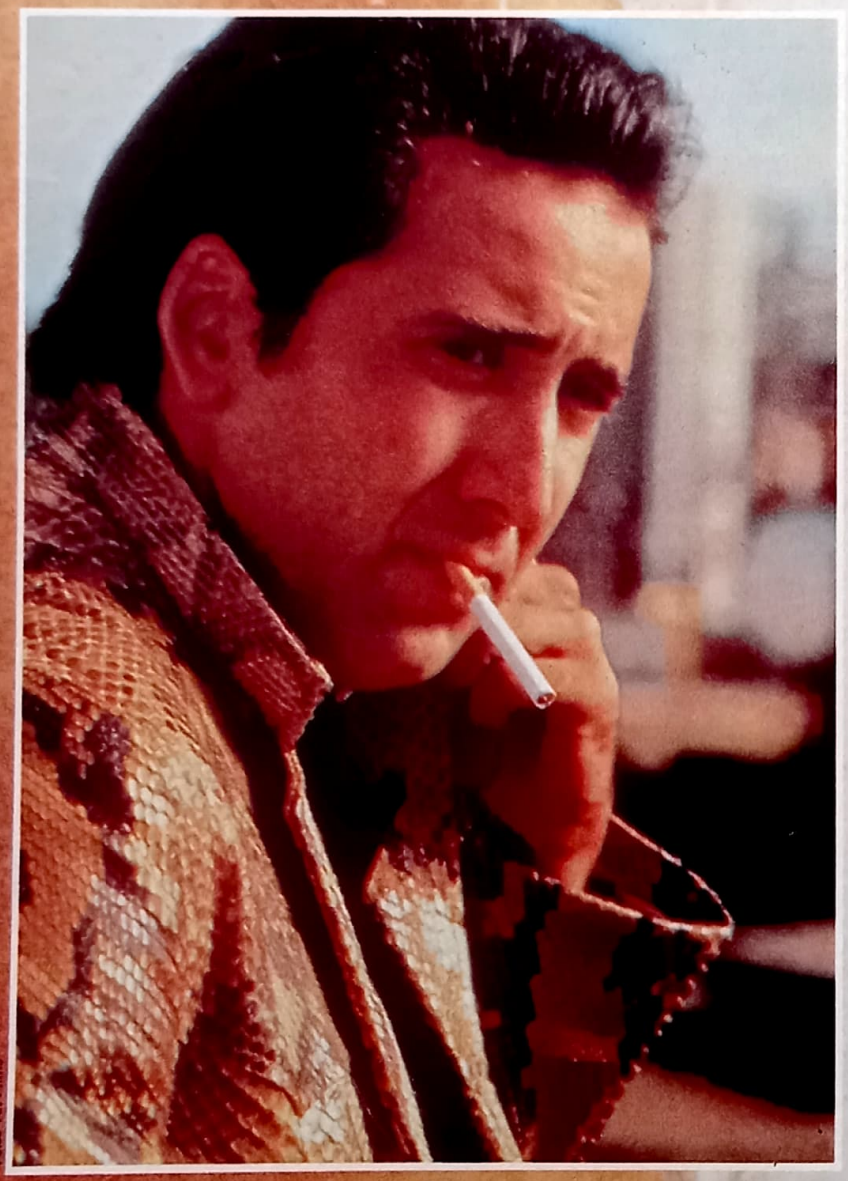


R E S E M T O D O S O S T A M A N H O S.

B E M - V I N D O À P H I L I P S.

PEGANDO FOGO

Um palito de fósforo em câmera lenta, um corpo humano incendiado. A América de David Lynch, a um tempo escura e flamejante, insurge-se em imagens perversas: *Coração Selvagem*



Fotos: Art Films

O assassino Sailor Ripley (Cage, irretocável) é um louco por Lula. Ele grita "Lulá, Lulá" no meio da rua. Ele dança com Lula, beija Lula apaixonadamente, ama Lula em cima e através de lençóis suados. E Sailor tem toda a razão. Qualquer um faria as mesmas coisas com a mesma pessoa se estivesse no lugar dele. Lula (Laura Dern) tem 18 anos, é loira, alta e atirada. É louca por Sailor.

Lá estão os dois, num buraco qualquer entre a Carolina do Norte e a Carolina do Sul, num infernal meio termo da geografia e termo extremo da existência, numa festa meio solene, meio caipira. Quando Sailor vai ao mictório, a mãe de Lula, Marietta (Diane Ladd, mãe também da atriz Laura Dern), arrasta-o para dentro de uma cabine fedorenta. Bêbada e desinibida, ela quer degustá-lo de qualquer maneira. Cambaleante mas resoluta, usa de todos os artifícios de sua vasta vulgaridade, que desconhece fronteiras como a vergonha ou a braguilha do rapaz. Este, um pouco mais seletivo que a senhora que o agarra, tem muito trabalho para se desvencilhar.

De volta ao espaço público da fes-

Isabella Rossellini é Perdita Durango, um papel secundário que, no entanto, é indispensável para estabelecer as ligações prediletas de Lynch: crime e prazer. Na página oposta, Sailor (Cage) e Lula (Laura Dern), acima, vão pelas estradas da Carolina com seu romance em ebulição

ta, o casal Sailor-Lula é abordado por Bob Ray Lemon (Gregg Dandridge), que, armado de um respeitável canivete, atenta contra o abdômen de Sailor. Veio a mando de Marietta. Ora, quem se livra da fome sexual da futura sogra tira de letra qualquer um. Sailor arrebenta a cabeça do infeliz contra o chão de mármore. São golpes e mais golpes ininterruptos, como alguém que tenta quebrar um coco na pedra. Uma poça de sangue, miolos e cabelo transformam tudo em sopa. Asco. Sailor Ripley vai preso.

NOJO E TESÃO — Quando sai da cana, com seu inseparável casaco de couro de cobra, "meu símbolo de liberdade individual", Lula já o espera com um conversível e a notícia de que um quarto reservado é a próxima parada. Marietta pressiona tudo o que sabe para que Lula desista do ex-presidiário. A filha não quer saber. Ela quer outra coisa. Juntos, após a parada no motel, os namorados metem o automóvel na estrada. Violam a condicional — vão longe para se divertir. Qual nada: nessa rota, eles conhecerão a torpeza e a podridão que fazem gozar.

No cinema de David Lynch, a diversão é aquilo que escapa à sina inevitável da degradação — esta sim é pra valer. Não faltam os símbolos que denotam carne (vida) putrefata (se transformando pela morte). A orelha que se deteriorava em *Veludo Azul* corresponde agora à mão de um velhote que é mutilado durante um assalto a banco. A mão é levada ao longe por um cachorro. A vocação da vida são os vermes, ou as moscas que descrevem círculos sobre o vômito de Lula num hotel de beira de estrada. É assim que Lula e Sailor concentram uma significação de desobediência à condenação inexorável que paira sobre o ser humano, segundo Lynch: Lula e Sailor querem ser felizes, bestamente felizes, como qualquer pamonha assalariado.

Nicolas Cage parece que é o mesmo personagem de *Arizona Nunca Mais*, o roadmovie hilário realizado pelos irmãos Coen em 1987. Lá e aqui, Cage é um fora-da-lei por circunstância, cujo sonho dourado é ser normal. É ser careta. O mesmo se deve dizer do ator Harry Dean Stanton, protagonista no *Paris Texas* de Wim Wenders, lançado em 1984. Naquele roadmovie sério, Stanton corria atrás da chance de felicidade comida pelo tempo e pela areia. Em *Coração Selvagem* ele é Johnnie Farragut, namorado-noivo-amante-otário de Marietta, esperançoso num casório, colocado por ela no encalço do jovem casal de fugitivos.

A diversão, enfim, é um descanso, uma pausa, um escapismo. Não tem parte com os sentimentos intensos, que ficam por conta do maligno. Lula e Sailor, quando se amam de corações e genitais selvagens, não mais pertencem ao reino das fantasias tolas e inofensivas — são pactuados com o perverso. Lula, quando desfalece de desejo pelo vigarista Bobby Peru (Willem Dafoe, com as gengivas mais repugnantes da história do cinema), e pede a ele, entre gemidos e entregas, "fuck me", é a síntese perfeita daquilo que Lynch mais parece cultuar: o casamento de sangue entre nojo e tesão. Isso é vida em David Lynch. O resto é decoração.

Lula, abaixo, se excita quando Taylor narra em detalhes suas aventuras

Fotos: Art Films

MAGIA NEGRA — Lynch ganhou a "Palma de Ouro" e, de lambuja, uma legião de ilustríssimos detratores. Dizem que fez cinema para o mercado e que "diluiu" sua estética num filme comercial. A acusação não procede, pois a diluição é com-

Ao lado, Sailor não foge da violência: aprende suas lições a partir dela e de suas fantasias eróticas, abaixo

ponente essencial da ironia de *Coração Selvagem*. As citações intermináveis de *O Mágico de Oz* (1939), com bruxinhas boas aparecendo aos personagens de formas ora ridículas, ora esdrúxulas, pontuam o que culmina de forma brilhante num happy end que mais parece surrealismo de segunda linha. O bizarro e a montagem, tangenciando o grotesco, acabam moldando o produto final que age sobre o espectador como um convite despudorado a um mundo onde a ética não existe e a estética se compõe somente de orgasmos.

O prazer pode explodir com o pavio aceso de um assassinato a sangue-frio. Uma bela garota, única sobrevivente de um desastre de automóvel, fica irresistivelmente sensual quando começa a pôr sangue pela boca. Lula não se agüenta de fogo quando Sailor conta suas

CORAÇÃO SELVAGEM

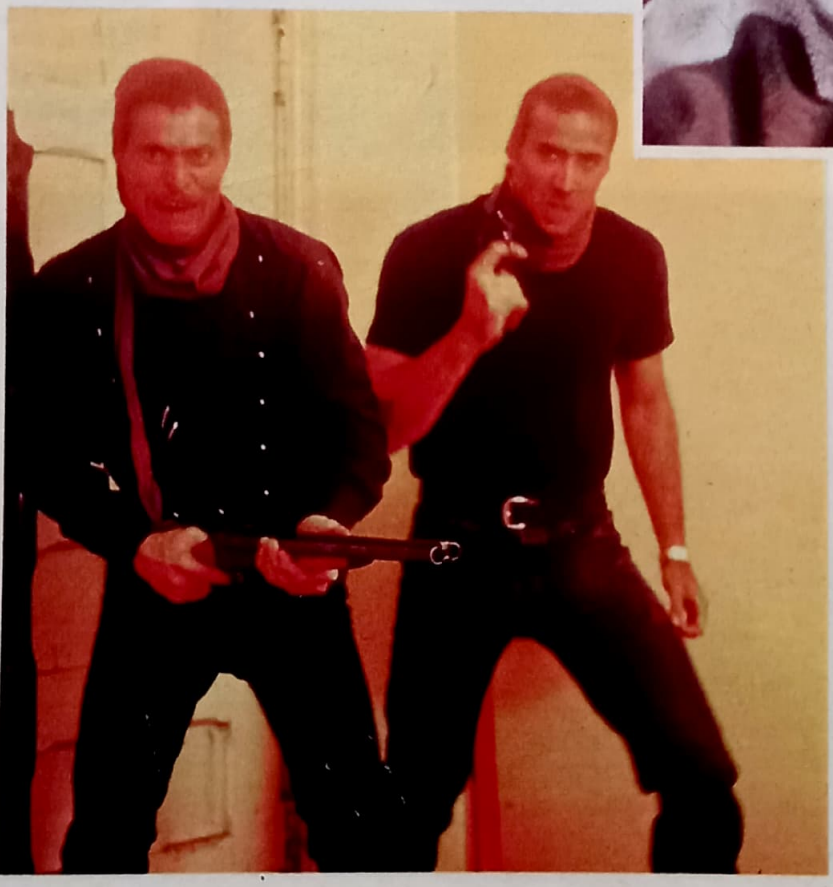
aventuras para ela, cheias de palavrões e prostitutas baratas.

Fogo. O fogo do inferno é o narrador da história. Você verá em câmera lenta todos os palitos de fósforo que se riscarem durante os 127 minutos do longa-metragem. As conversas dos dois namoradinhos sobre cigarros se estendem noite adentro. E há um elemento central que é queimado vivo. Os cabelos de Perdita Durango (Isabella Rossellini, de sobrancelhas que são duas taturanas) são cabelos de fogo brando. Depende dela todo o desenlace da trama. Ela é a fronteira entre o demoníaco e o mundano, entre o crime e satã. No filme, Isabella é tão breve quanto a alegria ingênua — e tão crucial quanto a morte.

Por isso é breve e crucial também o papel de J.E. Freeman como Marcello Santos. É um assassino profissional que aciona uma seita de traficantes torpes e caprichosos, verdadeiros sacerdotes do culto à crueldade. Freeman — que faz um papel quase idêntico no novo dos irmãos Coen, *Ajuste Final* (1990), já exibido no Brasil — é o corretor da morte. A ele Marietta se dá como quem vende a alma.

Tudo isso ao som de uma trilha que funde o kitsch ao sublime. Está para surgir uma paródia mais canastra do que Nicolas Cage na pele de Sailor Ripley imitando Elvis Presley. Mas "Love Me Tender" ele só canta para aquela que for a sua esposa. Não é para levar tão a sério assim. Afinal, Lynch só gastou nove milhões de dólares para gerar esta usina de dilaceração e espasmo, um êxtase maldito que leva um truque cínico e um toque de gênio.

Eugênio Bucci



Fotos Art Films

As gengivas asquerosas de Bobby Peru (Dafoe) são armas de sedução contra Lula. Ao lado, Bobby, movido por segundas intenções, convence Saylor a assaltar um banco

Wild at Heart, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: David Lynch ■ Com Nicolas Cage, Laura Dern, Diane Ladd, Willem Dafoe, Isabella Rossellini, Harry Dean Stanton, J.E. Freeman ■ ROTEIRO: David Lynch, baseado no romance de David Gifford ■ EFEITOS ESPECIAIS: David Domeyer ■ MÚSICA: Angelo Badalamenti ■ FOTOGRAFIA: Fred Elmes ■ PRODUÇÃO: PolyGram/Propaganda ■ DURAÇÃO: 127 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

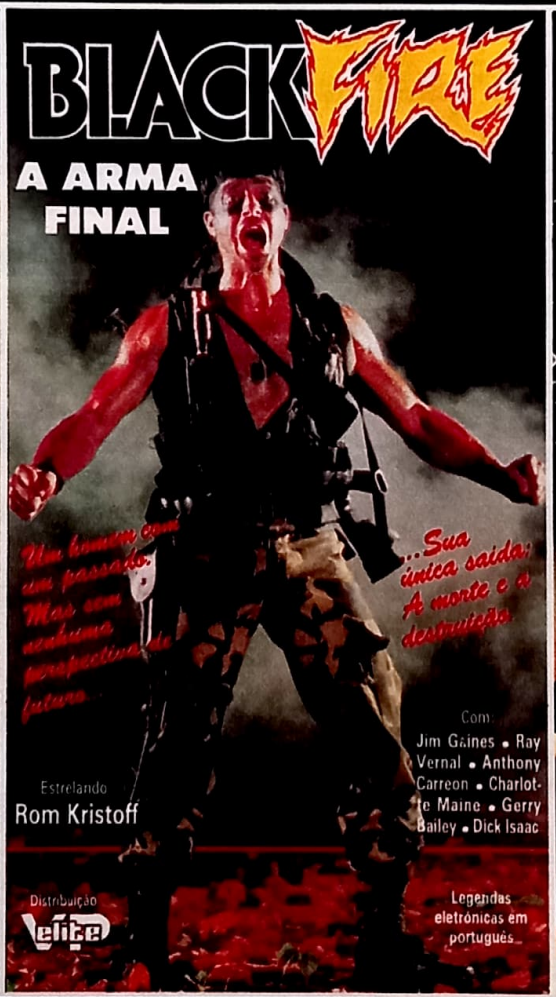
C H A R L E S

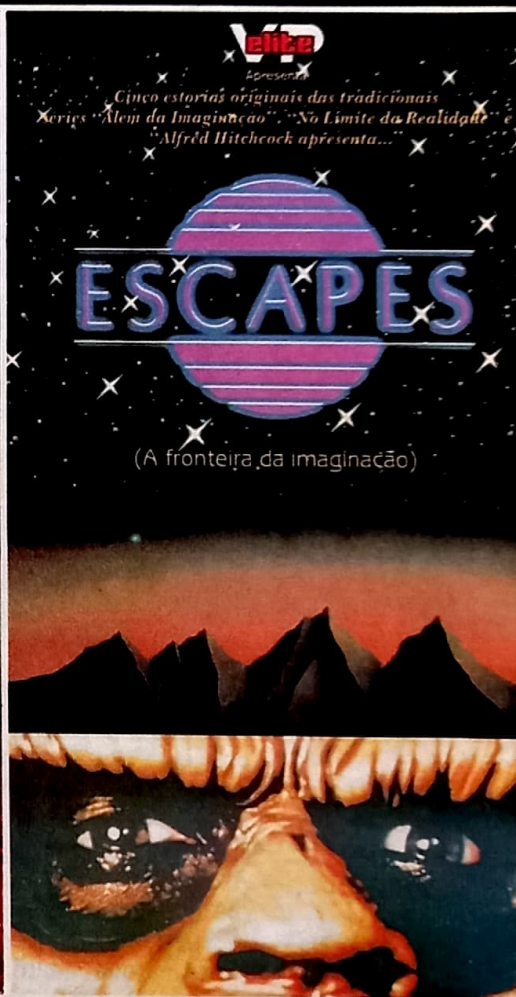
BRONSON BRONSON BRONSON

EM

O PREÇO DE UM HOMEM

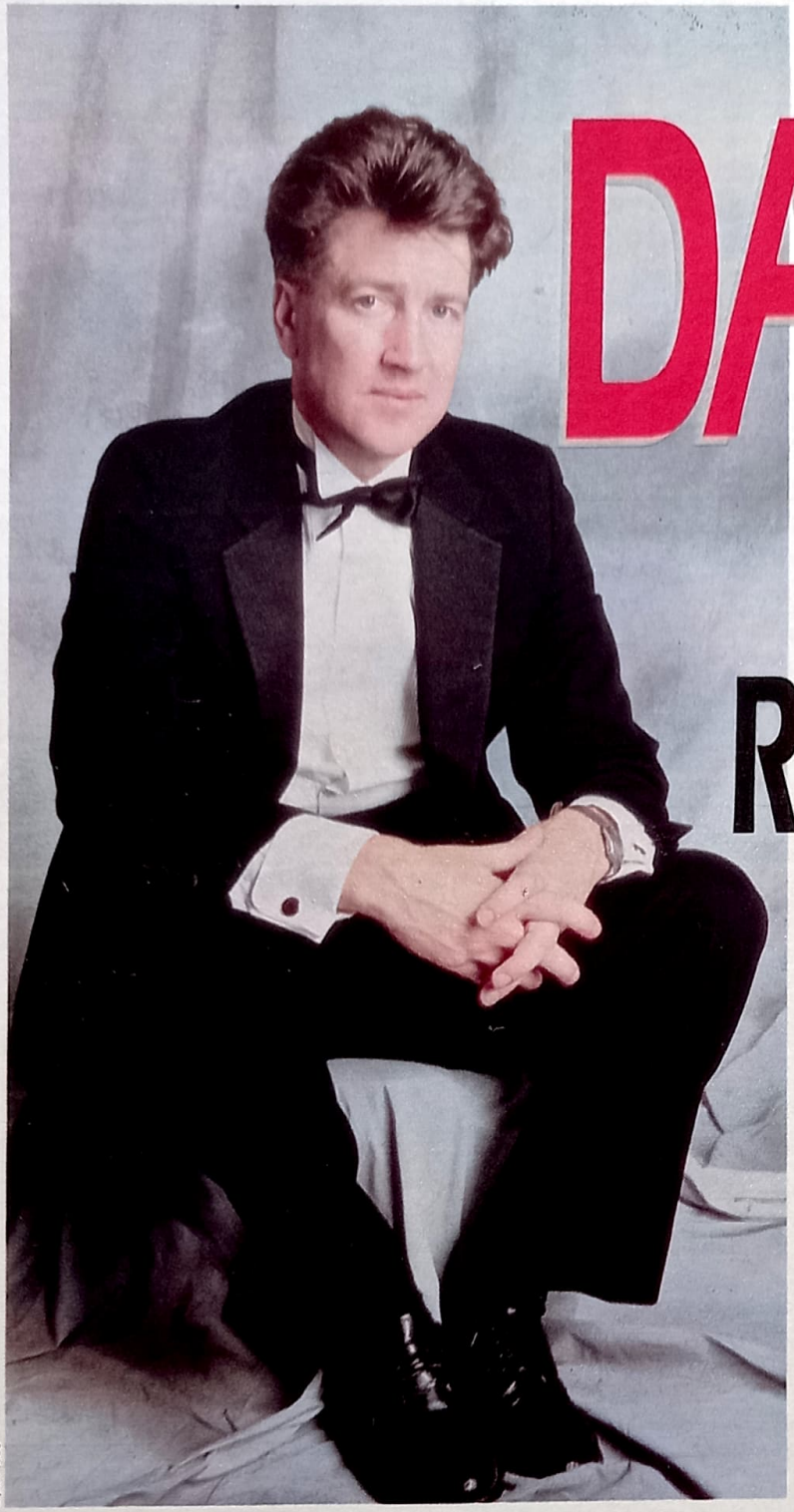
...E OUTROS GRANDES LANÇAMENTOS.





Vídeo Produções Ltda.
Alameda Barros, 407 - loja 10 - Santa Cecília
01232 - Telefone: (011) 825-5212 - São Paulo - SP

ELITE, sempre os melhores lançamentos.



Sipa Press

DAVID LY

DIRETOR, ROTEIRISTA E ESCOTEIRO

Sem ser Che Guevara, ele é doidão: quer "interpretar o mundo moderno", ser duro e não perder a ternura jamais

Ah, as histórias que se contam sobre David Lynch, a da orelha de borracha? De verdade? Que ele a carregava no bolso, durante as filmagens do piloto de *Twin Peaks*, afagando-a de tempos em tempos. A da amiga, assistente de produção em *Coração Selvagem (Wild at Heart)*, a quem ele pediu, insistentemente, que guardassse (e lhe enviasse) o útero canceroso, recém-extraído cirurgicamente. A dos tempos em que passou trancado em sua casa (roxa e rosa) nas colinas de Hollywood, evitando visitas de amigos porque, segundo o próprio Lynch, ele estava fazendo coisas que "ninguém deveria ver". E as noites passadas em claro no necrotério municipal da Filadélfia, onde, ele teria contado, surgiram várias idéias para *Eraserhead* (1978), seu momentoso, cultíssimo filme de estréia, a um custo inacreditavelmente baixo de 20 000 dólares. Filmado, alías, ao longo de quatro anos, em parte com patrocínio do American Film Institute, em cuja garagem abandonada, em Los Angeles, Lynch morava na base da pirataria... Ah, mas isso já é outra história.

Confronte o diretor americano David Lynch, 44 anos, com qualquer uma dessas lendas e ele se limitará a sorrir, coçar a cabeça e repetir um de seus bordões favoritos — "Ah, hum, pode ser". Ou ele usará uma de suas outras expressões prediletas, extraídas do glossário dos anos 50, como "legal" e "bacana".

Talvez, na verdade, o que ele queria mesmo dizer é que a mitologia incomoda e que o posto de doidão

NCH

oficial do cinema americano não lhe interessa — especialmente depois que a crítica local malhou inclementemente *Coração Selvagem*, por conta mesmo daquilo que viram, nas palavras do *Los Angeles Times*, como "esquisitice sob encomenda". (No meio, contudo, a malhação teve outro subtexto: nos EUA, como em qualquer lugar, fazer sucesso demais, fora de casa, é um perigo. E *Coração Selvagem* foi o grande vitorioso, este ano, em Cannes: Palma de Ouro.)

De camisa branca, paletó preto e jeans, encharcando-se com sua droga favorita (café) e sorrindo muito ("Ele é a pessoa mais bem-humorada que conheço", disse o ator Michael Ontkean, astro da série *Twin Peaks*), Lynch parece exatamente o que é: um americano das florestas do noroeste, rosado e saudável. É claro que ele conhece o lado escuro do sonho americano. Mas isso já é outra história.

SET — *Primeiro, uma curiosidade. Normalmente os* press kits *são verborrágicos quando se referem aos diretores dos filmes que promovem. Mas na sua biografia, incluída nas notas de produção de* Coração Selvagem, *as informações são telegráficas, até crípticas. Lê-se apenas: "David Lynch, roteirista, diretor e escoteiro".*

DAVID LYNCH — Diz também Missoula, Montana, que é onde nasci (risos).

SET — *Mas por que só isso?*

DAVID LYNCH — Bom, antes de tudo, as biografias são interessantes, mas na verdade não dizem grande coisa sobre uma pessoa. São um fracasso. Como me sinto muito feliz por ter nascido em Missoula, Montana, e por ter sido escoteiro, resolvi parar por ali mesmo.

SET — *Você foi extremamente fiel ao conteúdo do livro de Barry Gifford, que deu origem ao script, ou fez muitas modificações?*

DAVID LYNCH — Muitas das idéias eu tirei do livro, que ganhei de um chapa meu, Monte Montgomery, antes de ter sido publicado. Quando li o livro me apaixonei pelos personagens — Sailor, Lula — e pelo relacionamento dos dois. O livro e o filme não são exatamente a mesma coisa. Mas de onde saíram nossas idéias é um mistério para mim. Às vezes as idéias surgem de alguma coisa que você vê, às vezes pipocam na sua cabeça como se fossem uma faísca elétrica.

SET — *Que elementos específicos você teria incorporado?*

DAVID LYNCH — Não sei exatamente como tudo aconteceu... Estou tentando lembrar... Me ocorreu que Sailor e Lula estariam tendo um sonho, um sonho meio abstrato, uma coisa meio *O Mágico de Oz*: os dois repartindo a idéia de que em algum lugar além do arco-íris existiria um mundo bem agradável, principalmente para Sailor, que é um cara tão rebelde. Pareceu interessante, especialmente por causa de Sailor, um cara com um topete de Elvis, motoqueiro, tendo um sonho tão terno, tratando Lula de maneira tão terna, mas ao mesmo tempo sendo completamente masculino e rebelde. Um conjunto lindo (de qualidades). Alguém me disse que isso tem um pouco a ver com Roy Orbison e com muito do rock'n'roll: é uma coisa muito masculina mas tem um lado muito terno. E esse é o tipo de coisa que é muito importante no mundo moderno, que essa ternura ainda exista.

SET — *Mesmo assim pode-se argumentar que* Coração Selvagem *tem uma boa dose de violência, embora não se compare ao que foi visto no verão que passou.*

DAVID LYNCH — Aconteceu uma coisa interessante nas exibições prévias que fizemos para testar o filme. Aliás, antes desta, sempre detestei exibições-teste; era uma coisa que me dava nos nervos. Mas agora respeito muito esse tipo de coisa. Mas, enfim, na primeira exibição, 80 pessoas foram embora no meio do filme, durante uma determinada cena. Na segunda exibição, 100 pessoas foram embora.

SET — *Que cena era essa?*

DAVID LYNCH — Bom, a cena em que Johnny Farragot era assassinado. Mas a cena não era do jeito que acabou sendo montada no filme. Era muito mais longa, era meio demais. Antes dos testes eu não teria feito mudança alguma, mas depois dos cortes a platéia permaneceu ligada no filme. Mesmo que depois saíssem do cinema dizendo que não tinham gostado do filme, você sentia que elas haviam ficado ligadas o tempo todo, juntas com o resto do grupo. E assim aprendi um monte de coisas a respeito do que se passa com 300 pessoas juntas numa mesma sala. Existe uma espécie de senso de verdade que faz você encarar a si próprio e tomar decisões que talvez não tomaria antes, necessariamente. É um processo interessante.

SET — *Você concordaria se alguém lhe dissesse que* Coração Selvagem *é um filme de extremos e que, portanto, não seria de fácil digestão para qualquer pessoa?*

DAVID LYNCH — Veja bem, eu gosto de filmes que tenham

Art Films

Marietta (Diane Ladd), a mãe de Laura Dern (Lula), no filme *Coração Selvagem* e fora dele: extremada

"Não gosto de violência, mas um filme não é a vida real, todos sabemos. E é lindo que não seja..."

contrastes. Você vai para esse lugar escuro e seguro e — todo mundo, eu também — presta atenção ao filme quando ele lida com a vida e a morte, com extremos. *Coração Selvagem* é extremista, e não é para qualquer um. Apesar disso, existe nele uma história de amor, e já que ela é uma interpretação do nosso mundo moderno, a idéia de que ela possa acontecer hoje em dia, e com tanto senso de humor, é uma boa experiência. Na verdade, é um filme para mais pessoas do que eu imaginava. Pessoas que eu achava que não fossem gostar do filme saíram do cinema dizendo que haviam gostado.

SET — *Você se sente confortável com o grau de violência que é comum a tantos filmes hoje em dia?*

DAVID LYNCH — Não gosto de violência, mas um filme não é a vida real, todos nós sabemos disso. E é lindo que não seja, porque podemos todos ir para um quarto escuro e ter nele experiências fantásticas, até mesmo experiências violentas, mas estaremos sempre seguros. É meio como um sonho, uma fantasia, que nós tornamos realidade. E já que também é meio como um poema e lida com coisas humanas — a gente se apaixona por todas as coisas que nós, humanos, fazemos —, então, tudo bem.

SET — *Mas talvez a proteção que a pessoa sente na cadeira do cinema seja passageira. E depois?*

DAVID LYNCH — Se as suas idéias forem sinceras e você conseguir traduzi-las para uma história pela qual as pessoas consigam se apaixonar, essa é a tarefa que você tem a cumprir. Se você for se preocupar com o que as pessoas vão fazer depois, vai ficar paralisado e não seria capaz de fazer coisa alguma. E isso não é defender a violência. O filme mostra a história de Sailor e Lula e o que acontece com eles. Não tem coisa alguma a ver com o que uma pessoa possa ou não vir a fazer.

SET — *Como você dosa os extremos nos seus filmes?*

DAVID LYNCH — Não tento nada além de entrar no mundo daquela determinada história, conhecê-la e colocar aquilo na tela, preservando com fidelidade as regras daquele mundo, de forma que você consiga também conhecê-lo, as coisas boas e as coisas ruins. Crio minhas próprias delimitações, minhas próprias fronteiras, que jamais ultrapasso. Mas você precisa mostrar às pessoas que é um filme duro, que não é para qualquer um. Agora, depois você tem que se submeter a uma comissão (N. da R.: a Motion Picture Association of America), composta de pessoas que você nem conhece, que criam regras diferentes todo ano, sem a menor coerência e sem compromisso algum com a justiça, uma verdadeira piada. A idéia inicial de haver um organismo normativo pode até ser boa, mas quando mudam de opinião depois que você corta três ou quatro *frames* de um filme, aí você vê que é uma piada.

Os desenhos são sempre os mesmos nas aventuras de Lynch como cartunista. O humor é elíptico

SET — *O que nos leva a* Twin Peaks, *a série de TV que você criou com Mark Frost. Que limitações você teve no momento que foi fazer TV, um meio de comunicação que não tolera muito nudez e palavrões, por exemplo?*

DAVID LYNCH — Ah, sim. Você não pode fazer um monte de coisas relativas a diálogos, violência e sexo. Você precisa lidar com isso muito cuidadosamente. Mas é muito divertido, ao mesmo tempo, ter de trabalhar com essas restrições, porque tem um montão de coisas que você pode deixar implícito.

SET — *Muitos diretores são contra a televisão. Você vê a TV como sendo um problema?*

DAVID LYNCH — Eu também era contra a TV. E nunca havia sonhado trabalhar nela. Mas tive uma ótima experiência com *Twin Peaks*. Me deixaram completamente à vontade, na minha. Pude fazer tudo o que quis, dentro dos limites normais da televisão. E foi fantástico. Estamos sempre trabalhando dentro de determinadas limitações, de uma forma ou de outra. Você só precisa

O CÃO MAIS FURIOSO DO MUNDO

By David Lynch © 1990

Art Films

pensar um pouco mais. Sou apaixonado pelo conceito de telenovela, uma história que continua. E isso eu pude oferecer: uma maneira de as pessoas conhecerem determinado personagem, que passa por tantas mudanças ao longo da história, uma coisa que você não pode fazer num filme. É de entusiasmar.

SET — *Como surgiu a idéia de* Twin Peaks? *Seria possível traçar um paralelo entre a série e* Blue Velvet, *já que as duas contam a história de uma cidade que revela seus segredos?*

DAVID LYNCH — Bom, é mais ou menos isso: uma história sobre segredos.

SET — *Numa cidadezinha normal.*

DAVID LYNCH — Sim, num mundo bem normal.

SET — *Por que você faz filmes?*

DAVID LYNCH — Bom, eu queria ser pintor e cheguei aos filmes através da pintura, porque eu queria que as pinturas se mexessem. E eu ouvia pequenos sons vindos da tela, enquanto pintava, daí resolvi fazer filmes, em vez de pintar.

SET — *E o lado musical da sua carreira? Você compôs e produziu recentemente um disco para Julee Cruise.*

DAVID LYNCH — Conheci Angelo Badalamenti (N. da R.: músico, compositor e arranjador ítalo-americano) na época de *Blue Velvet*. Uma coisa levou à outra e ele compôs *Mysteries of Love* comigo para o filme. Ele compõe, mas não faz letras. Então trabalhamos juntos, eu fiz a letra. Agora já temos 35 músicas juntos. Não sou um músico. Nos filmes gosto muito de experimentar e trabalhar com climas que tenham efeitos sonoros sendo usados como se fossem música. Mas Angelo é um grande músico e ele traz um lado todo sofisticado da música. Juntos conseguimos chegar a resultados que não teríamos alcançado se tivéssemos trabalhado sozinhos.

SET — *O disco tem um clima de fantasia, de sonho — às vezes, pesadelo, dependendo do estado de espírito do ouvinte.*

DAVID LYNCH — Bom, para mim, não há nada de pesadelo no disco, mas ele é como um sonho, sim.

SET — *Você se baseia nos seus sonhos quando trabalha?*

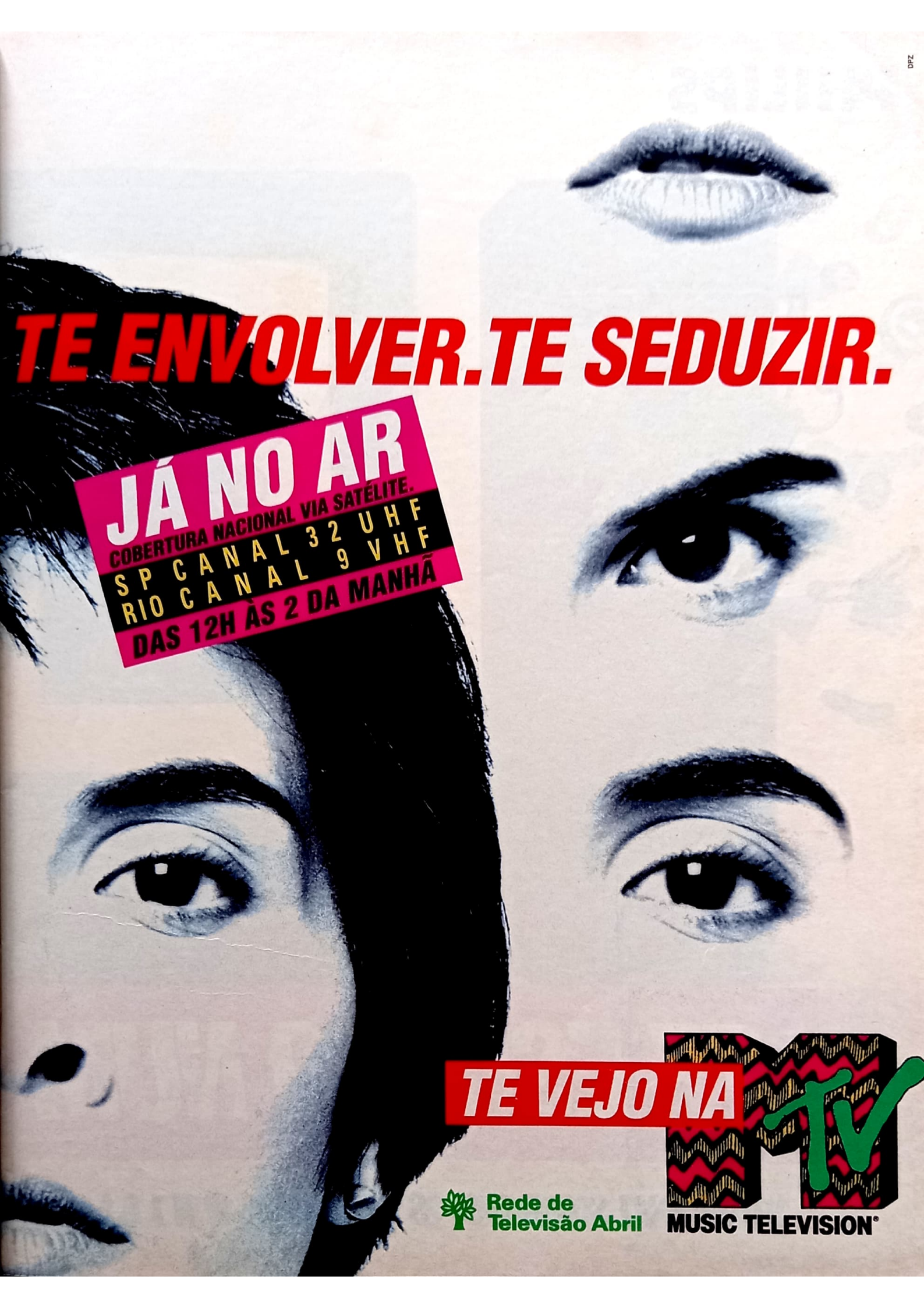
DAVID LYNCH — Não, não mesmo. E isso vale também para os filmes. Talvez eu... talvez Angelo... talvez todos nós estejamos simplesmente vivendo dentro de um sonho, na verdade.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles SET

DAVID LYNCH EM VÍDEO

O HOMEM ELEFANTE (*The Elephant Man*, EUA, 1980), VTI ■ DUNA (*Dune*, EUA, 1984), CIC ■ VELUDO AZUL (*Blue Velvet*, EUA, 1986), Tec Home ■ TWIN PEAKS (EUA, 1990), Warner.

MINHA MTV QUER TE VER.
Na minha MTV
nada machuca nem cansa.
É música, jornalismo,
esportes e humor a cada segundo.
A primeira TV totalmente
estéreo abre seus braços
e a gente faz um país
no ritmo de nossa música favorita.
Vem chegando minha MTV.
Todos de antenas de fora.


TE ENVOLVER. TE SEDUZIR.
JÁ NO AR
COBERTURA NACIONAL VIA SATÉLITE.
SP CANAL 32 UHF
RIO CANAL 9 VHF
DAS 12H ÀS 2 DA MANHÃ
TE VEJO NA MTV
Rede de Televisão Abril
MUSIC TELEVISION®
DPZ

PHILIPS

TE ESCUTO NUM

TELEVISORES STEREO PHILIPS.

STANDARD

STEREO PHILIPS.

O MELHOR SOM STEREO DA MTV.

BELO HORIZONTE

VIDEO LESTE

MESMOS PREÇOS DA MATRIZ DE SÃO PAULO

CHEGOU A MAIOR DISTRIBUIDORA DO BRASIL

VIDEO LESTE

VÍDEO LESTE: TUDO PARA SUA VÍDEO LOCADORA

BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS

AV.: DO CONTORNO, 8000 - SL. 1302 À 1304 CEP 31110

FONE: (031) 531-3590

NINHO DE COBRAS

Um universo transtornado pela luz escassa, crimes e punições violentas em *O Falcão Maltês*, de John Huston

O romance policial *noir* — com seu herói cínico, suas mulheres ambíguas, sua intrincada teia de intrigas e traições — surgiu ainda nos anos 20, nos livros do ex-detetive Dashiell Hammett. Embora fosse evidente a vocação cinematográfica desse tipo de narrativa — em cujo realismo direto e brutal Júlio Cortázar enxergava "um desprezo para com a palavra enquanto eufemismo do pensamento e do sentimento" — só em 1941 Hollywood forjou seu primeiro filme autenticamente *noir*: *O Falcão Maltês* (também conhecido no Brasil como *Relíquia Macabra*). Essa estréia na direção do até então roteirista John Huston foi a terceira tentativa da Warner de adaptar com sucesso o terceiro romance de Hammett, publicado em 1930. As versões anteriores — de Roy Del Ruth (1931) e William Dieterle (1936) — pecavam ambas pela falta de ousadia em romper o ranço melodramático então dominante.

Huston, ao contrário, acertou em cheio ao manter-se fiel à letra e ao espírito do romance, em que a ação já está praticamente decomposta em quadros muito semelhantes aos planos e seqüências cinematográficos. Além do mais, a trama de *O Falcão Maltês* é uma espécie de paradigma do gênero. O que se pode revelar de seu intrincado enredo sem estragar a surpresa de suas reviravoltas é que o detetive Sam Spade (Bogart), de São Francisco, é contratado por uma misteriosa mulher (Mary Astor) para ajudá-la a se apossar de uma estatueta recheada de pedras preciosas, atrás da qual estão também um escroque britânico (Sidney Greenstreet) e seu ex-comparsa levantino (Lorre). No meio desse ninho de cobras, em que a traição e a mentira são a moeda corrente, Spade usa toda a sua argúcia e sangue frio para escapar ileso, sem abrir mão da quantidade de violência e dissimulação a que tem direito. Ninguém é santo nessa história, que retrata como poucas uma América corrupta, obscura e violenta.

Ao contrário das mirabolantes aventuras policiais recentes, a tensão aqui se dá muitas vezes entre quatro paredes, e a brutalidade está mais nos diálogos que nos tiros. A caracterização visual do filme (ambientação noturna em becos e salas mal iluminadas, com utilização radical das sombras e do claro-escuro) era ao mesmo tempo fidelidade ao romance de Hammett, herança do expressionismo alemão e adequação à penúria da Warner durante a guerra, com a escuridão escondendo a pobreza dos cenários. Tudo isso contribuiu para o surgimento de uma linguagem e um universo — o universo maldito do filme *noir*.

José Geraldo Couto

The Maltese Falcon, EUA, 1941 ■ DIREÇÃO: John Huston ■ Com Humphrey Bogart, Mary Astor, Sidney Greenstreet, Elisha Cook Jr., Peter Lorre ■ ROTEIRO: John Huston a partir do romance de Dashiell Hammett ■ FOTOGRAFIA: Arthur Edeson ■ MÚSICA: Adolph Deutsch ■ DIREÇÃO DE ARTE: Robert Haas ■ MONTAGEM: Thomas Richards ■ PRODUÇÃO: Hal B. Wallis e Henry Blanke para a Warner ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

Bogart, Greenstreet, Lorre e Mary Astor: o detetive, o escroque, seu comparsa e a mulher misteriosa

FESTIVAL INTERNA

NOVA LINHA DE Á

MECANISMO TWIN CASSETE • DIGITURBO • SURROUND • CD PLAYER CHANGER • AUTO

AFINADA COM AS MAIORES

C I O N A L D A M Ú S I C A

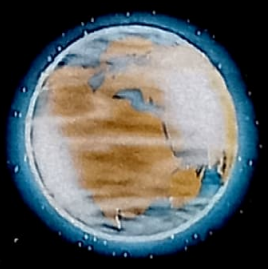
A SHARP ULTRAPASSA TODAS AS FRONTEIRAS. DESTRÓI BARREIRAS E ENCURTA A DISTÂNCIA ENTRE ESPAÇO E TEMPO. PARA LANÇAR NO BRASIL A MAIS COMPLETA LINHA DE ÁUDIO. AFINADA NA MESMA TECNOLOGIA QUE ESTÁ SENDO OUVIDA AGORA PELAS MAIORES POTÊNCIAS DO MUNDO.

SÃO 24 MODELOS DE QUALIDADE INTERNACIONAL. MICRO SYSTEMS. CD PLAYERS. RÁDIO GRAVADORES STEREO E POCKET STEREOS DE ÚLTIMA GERAÇÃO. CADA UM DESENVOLVIDO ESPECIFICAMENTE PARA UM TIPO DE GOSTO. ESPAÇO OU NECESSIDADE.

É A MAIOR LINHA DE ÁUDIO QUE VOCÊ JÁ OUVIU FALAR. COM RECURSOS INOVADORES QUE VOCÊ NUNCA OUVIU ANTES. PARA GARANTIR O MÁXIMO DE PUREZA DE SOM E MAIOR COMODIDADE NA UTILIZAÇÃO.

E COMO ACONTECE COM TODOS OS PRODUTOS SHARP, VOCÊ AINDA CONTA COM GARANTIA DE FÁBRICA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA A NÍVEL NACIONAL.

COMPLETA EM MODELOS. RECURSOS E TECNOLOGIA. A NOVA LINHA DE ÁUDIO SHARP ATUALIZA O NOSSO PAÍS, DE UMA VEZ POR TODAS, COM O QUE HÁ DE MAIS AVANÇADO NO EXTERIOR. EM ALTO E BOM SOM. A SHARP VIRA MAIS UMA PÁGINA NA HISTÓRIA DO ÁUDIO. VIRE A PÁGINA VOCÊ TAMBÉM.



U D I O S H A R P .

EDITING • X BASS • TIMER COM RELÓGIO DIGITAL • CONTROLE REMOTO

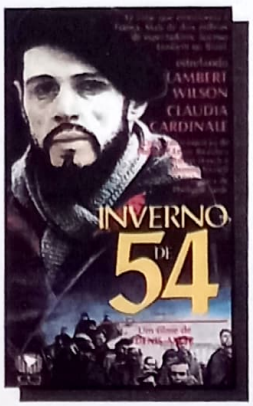
P O T Ê N C I A S D O M U N D O .

SHARP

TECNOLOGIA SEM FRONTEIRAS

VIDEOLANÇAMENTOS

DRAMA



O INVERNO DE 54 ●●
(Hiver 54, L'Abbé Pierre, França, 1989)
Direção: Denis Amar. Com Lambert Wilson, Claudia Cardinale, Robert Hirsch. VTI.
O Inverno de 54 é uma reconstituição fiel dos fatos que marcaram a vida do Abade Pierre, religioso que comandou um movimento político pelos "descamisados" da França. Durante um dos mais rigorosos invernos da história da França, o de 1954, o capuchinho liderou um comovente mutirão pela vida dos que padeciam sob uma temperatura de trinta graus abaixo de zero. O principal defeito de *O Inverno de 54* é tornar-se, por vezes, sonolento e cansativo, ao contrário da apaixonante história real do criador das comunidades de Emmaus. *R.C.*

O VALE DA ESPERANÇA ●
(Trouble in the Glen, Inglaterra, 1953)
Direção: Herbert Wilcox. Com Margaret Lockwood, Orson Welles, Forrest Tucker. Herbert Richers.
O nome de Orson Welles no elenco não deve atrair os incautos para este melodrama tedioso e insosso. Artificialmente envelhecido, ele interpreta um aparentemente insensível fazendeiro que entra em conflito com os habitantes de um vale escocês por ter interditado ao tráfego a estrada que corta suas propriedades. Um americano que já viveu por ali chega à região e toma as dores do povo contra o tirano, mas acaba se apaixonando pela filha deste. O único interesse do filme é a gozação do personagem de Welles (também o narrador) em cima dos escoceses. *J.G.C.*

SHIRLEY VALENTINE ●●●
(EUA, 1989)
Direção: Lewis Gilbert. Com Pauline Collins, Tom Conti. CIC.
Pauline Collins, a *Shirley*, perdeu o Oscar 90 para Jessica Tandy, a *Miss Daisy*. Mereceu a indicação. O filme é quase um monólogo da esposa entediada, mulher escrava e rainha do lar. Na rotina diária e na falta do interlocutor (o marido sempre ausente) ela fala mesmo com as paredes... A sua vida recomeça quando se manda para a Grécia e cai nos braços do nativo Costas (Conti), um homem comum, mas para ela o próprio paraíso personificado. Adaptado da peça teatral homônima (que tinha a mesma Pauline no palco), o o filme é o que se poderia chamar de "feliz". Ótima interpretação, bom texto e situações engraçadas. *D.G.*

Herbert Richers
Orson Welles de saia na bomba insossa *O Vale da Esperança*

GATA EM TETO DE ZINCO QUENTE ●●●●
(Cat on a Hot Tin Roof, EUA, 1958)
Direção: Richard Brooks. Com Elizabeth Taylor, Paul Newman, Burl Yves, Judith Anderson. Vídeo Arte.
O dramaturgo Tennessee Williams (1914-1983) foi um *must* hollywoodiano nos anos 50. Embora hoje possa parecer anacrônico, desnudou com ousadia a psicologia bruta da sexualidade humana, numa época em que o tema era tratado por subterfúgios. Seu *Um Bonde Chamado Desejo* (1951), por exemplo, com Marlon Brando transbordando uma virilidade jamais exposta no palco e na tela de maneira tão crua, foi um marco na carreira do ator e do diretor, Elia Kazan. O mesmo aconteceu com os protagonistas de *Gata em Teto de Zinco Quente*, o teorema do cinismo, segundo Williams. Elizabeth Taylor, em seu primeiro papel importante, é Maggie, mulher frustrada por não manter relações sexuais com o marido alcoólatra Brick (Newman, soberbo) desde a morte do melhor amigo dele, Skipper, com quem ela teria cometido um suposto adultério. Na peça, a relação de Brick e Skipper representava mais que simples amizade, mas as referências à homossexualidade foram apagadas na tela por imposição dos produtores. Maggie procura reconquistar Brick para dar ao sogro milionário (Big Daddy/Burl Yves), a quem toda a família bajula e que está à beira da morte, um desejado neto. Quando ela revela todo seu apetite a Brick, exclamando: "Sabe como eu me sinto? Como uma gata em teto de zinco quente!", e ele responde: "Então pule, Maggie, arranje um amante!", percebemos todo o impacto e a contemporaneidade do texto de Williams. Afinal, apesar de Sigmund Freud, a sexualidade ainda está mergulhada na treva do inconsciente. *Mario Nery*

MGM
Elizabeth Taylor em *Gata em Teto de Zinco Quente:* sem sexo

CAMILLE CLAUDEL ●●●
(França, 1988)
Direção: Bruno Nuytten. Com Isabelle Adjani, Gérard Depardieu, Laurent Crevill. Look.
Adjani apaixonou-se pela trágica biografia da jovem escultora que desafiou e amou até a loucura o orgulhoso e excêntrico Auguste Rodin (Depardieu, eficiente). Co-produtora da obra, a atriz colocou na direção o estreante Bruno Nuytten, que fez um filme forte, apesar de irregular e um pouco arrastado na segunda metade. Não foi a primeira vez que ela encarnou a desrazão devastadora — basta lembrar seu dilacerante papel em *A História de Adele H*, de Truffaut. Camille (uma artista tão pródiga quanto incompreendida, que legou mais de cem trabalhos), ao deixar Rodin, afundou na paranóia e auto-destruição, passando os últimos 30 anos de sua vida num asilo. Linda em sua pele alva, selvagem e frágil, com seus lábios carnudos, Adjani solta faíscas delirantes com seus olhos azul-escuros, num retrato exato da solidão da genialidade extremada. *A.Q.N.*

FANTASMAS DO VIETNÃ ●●●
(In Country, EUA, 1989)
Direção: Norman Jewison. Com Bruce Willis, Emily Lloyd, Joan Allen. Warner.
Nem tudo já foi dito sobre o desastre americano no Vietnã. É o que demonstra este filme modesto e delicado, enfocando o drama de Emmet (Willis), traumatizado de guerra, que vive numa cidadezinha americana, e de sua sobrinha (Emily Lloyd), cujo pai, irmão de Emmet, morrera na guerra, sem conhecer a filha. Através de cartas e um diário, a garota passa a conhecer o pai e a questionar o tio, que ela vê como um alienado. A bela seqüência final comprova a direção impecável de Jewison. *M.A.G.*

AS NOITES DE CABIRIA ●●●●
(Le Notti di Cabiria, Itália, 1957)
Direção: Federico Fellini. Com Giulietta Masina, François Périer, Amedeo Nazzari. VTI.
Cabiria é uma prostituta romana, mas Cabiria é antes de tudo Giulietta Masina, que nos filmes de Fellini faz sempre o mesmo papel: um anjo em meio à sujeira e à violência do mundo dos homens. Enternecida por um namorado tímido que acaba se revelando um ladrão (Périer), fascinada por um astro de cinema que compra seus "serviços" (Nazzari), humilhada por ricos e pobres, Cabiria é toda pureza e esperança. Acredita em hipnotizadores de feira e padres milagreiros — dos quais espera o milagre de casar e ter filhos. O que salva essa trama simples e episódica de ser mais um melodrama sobre a "prostituta de coração de ouro" é a ironia amarga e feroz de Fellini, é o seu cristianismo cético e heterodoxo, capaz de criar sonhos cintilantes para pulverizá-los em seguida, como na seqüência da peregrinação religiosa, momento de humor negro e crueldade dignos de Buñuel. A Academia, talvez distraída, premiou essa irreverência com o Oscar de filme estrangeiro. *José Geraldo Couto*

VTI
Giulietta em *Noites de Cabiria:* sonhos cintilantes pulverizados

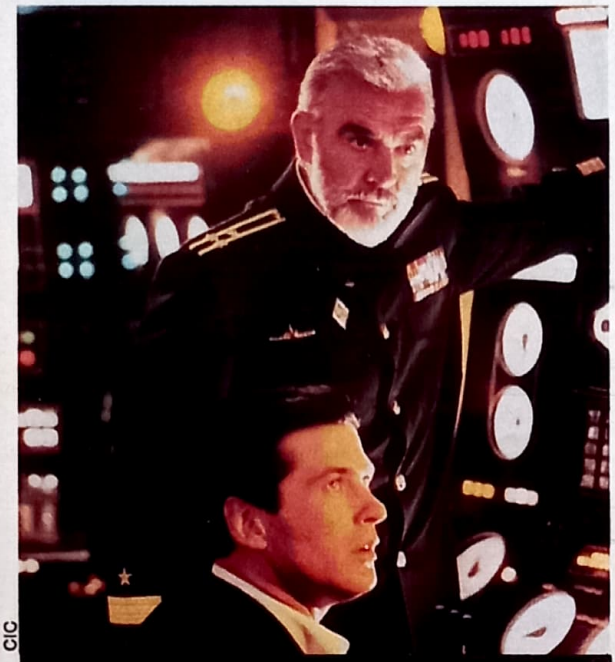
CIC
Diaghilev (Alan Bates), o empresário do incontrolável *Nijinsky*

O CASO ALDO MORO ●●●●
(Il Caso Moro, Itália, 1986)
Direção: Giuseppe Ferrara. Com Gian Maria Volonté, Margarita Lozzano, Daniele Dublino. Globo Vídeo.
Aldo Moro (1916-1978), presidente da Democracia Cristã italiana e principal articulador da frente de governo que incluiu, em 1940, o Partido Comunista, foi seqüestrado pelas Brigadas Vermelhas em março de 1978 e morto 55 dias depois. O filme conta criticamente o que aconteceu nesses 55 dias. Mostra interesses escusos por trás do governo (influenciado pela organização secreta P-2) e culpa as autoridades pelo trágico desfecho. De sua parte, os brigadistas abriam mão das exigências iniciais. Só executaram o político, segundo a versão do filme, por causa da intransigência do governo e da morosidade burocrática. Assim, o roteiro baseado no livro *I Giorni dell'Ira*, de Robert Katz, absolve as "Brigadas" e condena os herdeiros da democracia cristã italiana. Volonté está magnífico como Aldo Moro. *E.B.*

NASCIDO EM 4 DE JULHO ●●
(Born on the Fourth of July, EUA, 1989)
Direção: Oliver Stone. Com Tom Cruise, Bryan Larkin, Raymond J. Barry. CIC.
A Academia não foi obliterada pela choradeira beligerante que é *Nascido em 4 de Julho*. Ron Kovic circulou anos a fio pelos covis de Hollywood atrás de alguém que topasse produzir o seu livro, resenha de primeira página na *New York Times Books Review*. Deixou-se embriagar pelas adulações, de resto imprestáveis. Viu-se, de cadeira de rodas, na rua da amargura. A odisséia mecânica do ex-combatente terminou nas mãos de Oliver Stone, que fez um *Plattoon* de um homem só, com toda a sacarina bélica. Tom Cruise, tentando provar que é ator, vive o otário (que nasce a cada minuto) autobiográfico que oferece sua pele para lutar no Vietnã. Estrepa-se, leva um tiro, fica paralítico, vira veterano, conscientiza-se e combate o bom combate pelo fim da guerra. Stone fez o que sempre faz na média: um filme esforçado, bem montado, bem reconstituído. Com um Cruise mais feio que Átila, o Huno. *C.V.*

Art Films
A escultora *Camille Claudel* (Isabelle Adjani) diante da matéria artística: delirante

NIJINSKY — UMA HISTÓRIA REAL ●●●
(Nijinsky, EUA, 1980)
Direção: Herbert Ross. Com Alan Bates, George de la Peña. CIC.
Baseado na vida do bailarino russo Vaslav Nijinsky, morto em 1950 aos 62 anos, esta biografia foi recha çada pela imprensa na época de sua estréia no cinema. O lançamento em vídeo é uma grata surpresa, pois permite a reavaliação de um trabalho que permanecia esquecido há mais de uma década. As principais críticas da época apontaram em direção ao pretenso biografismo da obra, prendendo-se às conturbadas relações amorosas do genial bailarino (impecavelmente interpretado por George de la Peña) com o empresário Sergei Diaghilev (Bates) e a socialite Romola de Pulszky (Leslie Browne). O fato é que Ross *(Momento de Decisão)* optou por fazer uma leitura às avessas de sua genialidade, explorando sua arrogância, obstinação pelo trabalho e não aceitação da homossexualidade, traços da personalidade que acabaram o levando à loucura. Além de dar espaço a belíssimas seqüências coreografadas, Ross esboça um personagem muito mais humano que o mito criado em torno dele. *M.N.*



CIC

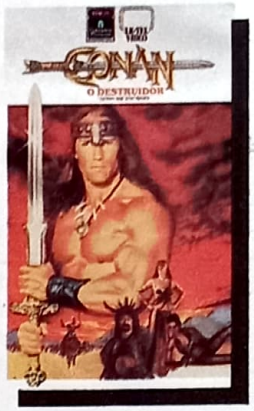
Baldwin e Connery em *Caçada ao Outubro*: bonde perdido

dramática. Esta é a característica que confere magnanimidade à fita, e para a qual concorre a direção iluminada de Sam Wood, que extraiu performances memoráveis de atores regulares (como Ronald Reagan, em sua melhor atuação no cinema). Embora datada e exibida exaustivamente na TV, *Em Cada Coração Um Pecado* é uma pequena obra-prima, que não esgota revisões em vídeo. *M.N.*

EM CADA CORAÇÃO UM PECADO ●●●
(King's Row, EUA, 1941)
Direção: Sam Wood. Com Robert Cummings, Ronald Reagan, Ann Sheridan, Claude Rains, Betty Field. Warner.
No início do século XX, numa cidadezinha americana aparentemente serena, quatro crianças, depois de uma infância dourada, descobrem-se num mundo adulto corrupto e insano. A pintura nostálgica e bucólica da vida no lugarejo nas primeiras cenas é pouco a pouco maculada por pinceladas drásticas de desequilíbrios e comportamentos psicopatas. Todos os caminhos conduzem à tragédia — o conteúdo trágico, no entanto, não tem o menor traço de impostura melo-

AVENTURA

CAÇADA AO OUTUBRO VERMELHO ●●
(The Hunt for the Red October, EUA, 1989)
Direção: John McTiernan. Com Sean Connery, Alec Baldwin. CIC.
O submarino nuclear Outubro Vermelho é a mais poderosa arma soviética: além de ser a mais veloz das belonaves, é capaz de se tornar invisível aos sonares inimigos graças a um complexo sistema eletromagnético. Mesmo tão rápido e sofisticado, *Outubro Vermelho*, o filme, perdeu o bonde da história. Com um enredo típico dos tempos da guerra fria — o capitão do Outubro (Sean Connery) e alguns membros da sua tripulação desejam levar o submarino aos Estados Unidos, pois do contrário os soviéticos irão usá-lo para começar a guerra nuclear —, *Outubro Vermelho* parece um filme de quinze anos atrás reprisado na TV. Chato e anacrônico, o filme só poderia ter um atrativo: o ótimo Sean Connery. Mas mesmo ele não faz mais que tirar do baú meia dúzia de caretas quase canastronas. *D.F.M.*



CONAN — O DESTRUIDOR ●●●
(Conan - The Destroyer, EUA, 1984)
Direção: Richard Fleischer. Com Arnold Schwarzenegger, Grace Jones, Wilt Chamberlain. LK-Tel/Columbia.
Seqüência fiel à fantasia bárbara do primeiro filme (*Conan - O Bárbaro*, 1982, de John Millus), conta com a figura estonteante de Grace Jones, como uma guerreira que, após ser salva de um linchamento por Conan, devota a ele sua lealdade. A missão do bravo guerreiro é recuperar um tesouro para a rainha Taramis, que em troca lhe promete o trono ao lado de sua amada que jaz além-túmulo. O resto é magia e barbárie em ritmo vertiginoso numa terra onde só os fortes imperam. *W.A.S.*

O CORCEL NEGRO ●●
(The Black Stallion, EUA, 1979)
Direção: Carroll Ballard. Com Kelly Reno, Mickey Rooney, Teri Garr. Warner.
Um transatlântico naufraga no Mediterrâneo, e dois sobreviventes vão parar numa bela ilha deserta: o menino americano Alec Ramsey (Reno) e um esplêndido cavalo árabe, chamado por ele de Black. A dura sobrevivência na ilha aproxima os dois. Resgatados por pescadores italianos, eles vão para a América, onde Alec, ajudado por um ex-jóquei (Rooney), tenta fazer de Black um cavalo de corrida. A produção (de Francis Coppola) é impecável, a direção é elegante e a seqüência do naufrágio é espetacular, mas há uma cretinice fundamental: a idéia de que Black *quer* ser um campeão. Infantil demais para os adultos e um pouco lento para as crianças. *J.G.C.*

OS DONOS DA NOITE ●●
(Harlem Nights, EUA, 1989)
Direção: Eddie Murphy. Com Eddie Murphy, Richard Pryor, Danny Aiello. CIC.
Este é um filme com pretensões sérias de Eddie Murphy que o escreveu, produziu e dirigiu. Quyck (Murphy) desde criança freqüenta o submundo do jogo no Harlem dos anos 30. Ele tem classe, enfrenta mafiosos, espanca mulheres, mata, tenta ser engraçado. A cenografia é requintada e a música, caprichada; constrangedor é ter de agüentar Della Reese, a cantora negra de blues, ser espancada por um Murphy machista e arrogante. Só para fãs incondicionais do comediante. *M.A.G.*

Warner

Passo a passo, centímetro por centímetro: elegância no infantilóide *O Corcel Negro*

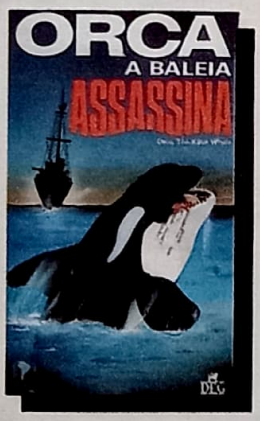
O nascimento de Israel sem maniqueísmo em *Exodus*

Warner

CIC

Sean Young, infiel no sentimental *Toque de Infidelidade*

INIMIGO INVISÍVEL ●
(Enemy Unseen, EUA, 1988)
Direção: Elmo De Witt. Com Vernon G. Wells, Stack Pierce, Angela O'Neil, Ken Gampu. Mundial.
Em expedição pela selva africana, um casal é surpreendido por nativos que cultuam enormes crocodilos e oferecem suas virgens em louvor aos animais. Uma operação de resgate chefiada por Steiger (Vernon G. Wells) tenta movimentar a busca nessa insossa aventura reptiliana. *W.A.S.*



ORCA — A BALEIA ASSASSINA ●●
(Orca - The Killer Whale, EUA, 1977)
Direção: Michael Anderson. Com Richard Harris, Charlotte Rampling, Will Sampson, Bo Derek. VTI.
Após matar uma orca, mais conhecida como "baleia assassina" e vê-la abortar pendurada em seu barco, o capitão caçador (Richard Harris) passa a ser perseguido pelo macho da espécie numa ensandecida vingança. Longe de ser comparada à clássica adaptação de Moby Dick, feita por John Huston, essa aventura sanguinária de moral ecológica é amenizada pela beleza de Charlotte Rampling, como uma pesquisadora do comportamento dos mamíferos assassinos. *W.A.S.*

EXODUS ●●●
(EUA, 1960)
Direção: Otto Preminger. Com Paul Newman, Eva Marie Saint, Sal Mineo, Lee J. Cobb. Warner.
Terminada a Segunda Guerra, milhares de judeus que tinham sobrevivido à barbárie nazista tentaram sair da Europa com destino à Palestina. Mas a Inglaterra, embora prometesse desde 1917 a constituição de um "lar judeu" na região, barrava de todas as maneiras essa migração em massa, temendo que conflitos entre árabes e judeus abalassem seu domínio colonial sobre a Palestina. Este épico baseado em best-seller de Leon Uris conta a saga de trezentos desses migrantes judeus. Liderados por Ari Ben Canaan (Newman), eles fogem espetacularmente de um campo de detenção em Chipre (outro protetorado britânico) e rumam à Palestina no cargueiro Olympia, rebatizado de Exodus. A história continua na Palestina, mostrando — do ponto de vista sionista, mas sem maniqueísmo — o atribulado e sangrento nascimento do Estado de Israel. Apesar da duração (3h30), o ritmo e o elenco sustentam o interesse até o fim. *J.G.C.*

ROTA DA MORTE ●●●
(Fire and Rain, EUA, 1989)
Direção: Jerry Jameson. Com Angie Dickinson, Charles Haid, John Beck. CIC.
Teletragédia baseada num dos maiores desastres da aviação dos Estados Unidos — a queda, em agosto de 1985, de um avião que fazia a rota Forte Lauderdale-Los Angeles. Não se trata, felizmente, de um *disaster movie* comum. Sem fugir aos padrões convencionais, é um filme honesto, cuja maior virtude é expor a fragilidade do ser humano face às vicissitudes. *P.C.*

COMÉDIA

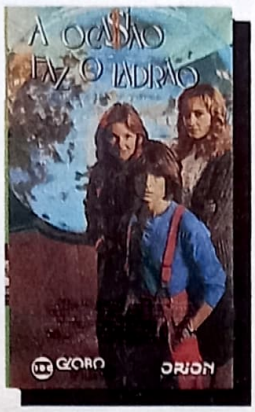
UMA ESCOLA ATRAPALHADA ●●
(Brasil, 1990)
Direção: Antônio Rangel. Com Angélica, Supla, Grupo Polegar, Jandira Martini, Gugu Liberato, Os Trapalhões. Globo Vídeo.
A grande atração desta comédia (assistida por 3 milhões de espectadores) é o casal Angélica e Supla. Este em seu primeiro filme. Com cenas inspiradas em filmes como *Carruagens de Fogo* (na cena em que Angélica e Supla disputam uma corrida) e além dos tradicionais clipes promocionais, o roteiro de Luís Carlos Góes só traz novidades em certos personagens bem delineados e interpretados, como o de Gugu Liberato, que surpreende como ator. Apesar do argumento manjado, vale conferir o último trabalho de Zacaria, falecido durante as filmagens. *D.P.*

UM TOQUE DE INFIDELIDADE ●●
(Cousins, EUA, 1989)
Direção: Joel Schumacher. Com Ted Danson, Isabella Rossellini, Sean Young. CIC.
Versão "americanizada" (e mais romântica) de *Primo, Prima* (1975) do diretor francês Jean-Charles Tacchella. Uma grande família se confraterniza numa cerimônia de casamento. Na festa, a emperiquitada Tish (Sean) mulher de Larry (Danson) dá bola pra Tom (Petersen) que é marido de Maria (Isabella). Por causa disso, os traídos se procuram para tomar atitudes. Acabam se apaixonando. Não fossem algumas interpretações duras (Danson, Sean) esta comédia sentimental provaria que família é até bom. *D.G.*

FORA DAS PÁGINAS●●
(Murder by the Book, EUA, 1987)
Direção: Mel Damski. Com Robert Hays, Celeste Holm, Fred Gwynne. Globo Vídeo.
Empenhado em produzir algo mais sério, um escritor de histórias policiais tenta livrar-se do personagem que lhe serve de alterego — um detetive cínico e durão à Sam Spade —, mas não só não consegue como ainda se mete numa trama digna das maiores aventuras do personagem de Dashiell Hammett. A idéia é boa e se fosse melhor explorada poderia render uma excelente comédia policial. Infelizmente, tudo ficou apenas na boa intenção. *P.C*

VIDEOLANÇAMENTOS

FÉRIAS FRUSTRADAS 3 ●●
(National Lampoon's Christmas Vacation, EUA, 1989)
Direção: Jeremiah Chechik. Com Chevy Chase, Beverly D'Angelo, Randy Quaid. Warner.
Eles já se deram mal nos EUA, eles já se deram mal na Europa. Agora, a família liderada por Chevy Chase se dá mal nos feriados natalinos, e prova que esta série continua rendendo muito aquém do que devia. Mesmo que a história traga assinatura de bamba — o diretor John Hughes — tudo permanece morno, com uma constante falta de *timing*, problema em geral associado à direção. Mesmo assim há um punhado de bons momentos que, reunidos, superam a média do filme anterior da série. Nem todos se devem a Chevy Chase. Ele está definitivamente deslocado num papel que demanda um tipo de interpretação à la Peter Sellers, coisa que parece estar fora do vocabulário humorístico do ator norte-americano. *M.S.*



A OCASIÃO FAZ O LADRÃO ●●
(How to Beat the High Cost of Living, EUA, 1980)
Direção: Robert Scheerer. Com Jessica Lange, Susan Saint James, Jane Curtin. Globo Vídeo.
Desesperadas com a crise financeira, três donas de casa unem-se para roubar todo o dinheiro depositado em uma gigantesca bola, no meio de uma festa beneficente. Não há, no entanto, como negar as evidências — por detrás de um enredo aparentemente inocente e até de um final feliz, as mulheres aqui são taxadas de incompetentes, incapazes e sempre dispostas a aceitar um ombro masculino para chorarem suas mágoas. *P.C*

HARRY E SALLY — FEITOS UM PARA O OUTRO ●●●
(When Harry Met Sally, EUA, 1989)
Direção: Rob Reiner. Com Billy Crystal, Meg Ryan, Carrie Fisher. Mundial.
"Um homem e uma mulher não podem ser amigos sem haver sexo entre eles", diz Harry a Sally quando se encontram pela primeira vez, nos anos 70. Durante onze anos eles se reencontrarão várias vezes, como amigos, sem sexo, trocando confidências, confortando-se da solidão nova-iorquina, queixando-se de casamentos frustrados e sobretudo brigando. Pode-se antever o desfecho dessa história banal a milhares de fotogramas de distância, mas o filme é tão saboroso quanto as velhas comédias românticas de Cary Grant e Irene Dunne. O segredo está no toque delicado de Reiner e nas situações cômicas recorrentes — na melhor delas, Sally simula um dos mais extravagantes orgasmos que o cinema já viu, numa *deli* apinhada de gente. Só para assistir a esta cena já vale a diária na locadora. Sem contar que Meg e Billy, como Sally e Harry, parecem ter sido feitos cada um para seu papel. *M.N.*

Mundial

Crystal e Meg, *Harry e Sally:* feitos para os papéis

LFI

Idle, Jones e Gilliam em *Monty Phyton ao Vivo:* maluquice

MONTY PYTHON AO VIVO NO HOLLYWOOD BOWL ●●●
(Monty Python Live at the Hollywood Bowl, Inglaterra, 1982)
Direção: Terry Hughes. Com Graham Chapman, John Cleese, Terry Gilliam, Eric Idle, Terry Jones. VTI.
Em primeiro lugar, o que os hilários Graham Chapman (falecido em 1989), John Cleese, Eric Idle, Michael Palin, Terry Gilliam e Terry Jones — conhecidos como o Monty Python, grupo que há cerca de duas décadas despeja ácido sulfúrico no pensamento racional, em TV e cinema —, comprovam com o show *Live at the Hollywood Bowl* é que são, antes de tudo, homens de palco. Documento de uma histórica excursão pelos EUA (em setembro de 1980), os Python fazem delirar a ensolarada Califórnia com o que há de mais insano e demolidor no chamado "humor inglês". Num auditório aberto, o humor da troupe (que parece um mix de Groucho Marx com Lewis Carroll) levanta explosivas gargalhadas dos americanos, num hipnotizante domínio sobre grandes platéias. Quem os conhece de filmes como *O Sentido da Vida* e *A Vida de Brian*, pode constatar aqui o *nonsense* e a eficiência anárquica de todos (inclusive dos diretores, Gilliam e Jones) em "estado bruto". O grupo (que estreou em 1969, num programa da BBC) não economiza sua metralhadora sarcástica nos EUA (onde até hoje, são reprisados na MTV), começando pelos próprios anfitriões: entre um quadro e outro, um deles entoa uma melosa canção em prol da "concórdia entre as raças" *(Don't Be Rude to an Arab)* e é repetidamente vítima de atentados. Um filme que é projetado num telão gigante mostra uma absurda partida de futebol, com todos os grandes filósofos da humanidade jogando bola e discutindo conceitos, a caráter! Num dos mais irreverentes momentos, dois pomposos magistrados gays trocam confidências sobre os flertes do dia num julgamento, enquanto tiram as togas, revelando ligas pretas, meias e calcinhas rendadas! Sem falar da discussão entre o Papa Julius II e o espevitado Michelangelo, que quer aumentar ao bel-prazer o número de apóstolos do célebre quadro *A Santa Ceia* ou dos fleumáticos John Cleese demonstrando o que é um autêntico "andar imbecil" *(silly walk)* no "Ministério do Andar Imbecil". Cleese, em todos os esquetes, sabe como ninguém transformar o excesso de lógica e elegância britânica em pura maluquice. *Antonio Querino Neto*

A CAÇA AOS FANTASMAS ●
(Ghost Chase, EUA, 1989)
Direção: Roland Emmerich. Com Jason Lively, Jill Whitlow. Paris Vídeo.
Fantasia e comédia se mesclam nesta história endereçada a adolescentes. A trama gira em torno de uma herança recebida por Warren (Jason Lively), um relógio centenário que liberta de uma maldição o fantasma do mordomo do avô do rapaz. Ele fora assassinado pelo patrão logo depois de ver o velho escondendo uma incalculável fortuna. Agora liberto, o fantasma encarna num boneco, e passa a ajudar os interessados a encontrar o tesouro. O boneco, que lembra E.T., é até simpático; os efeitos especiais, pobres. *M.A.G.*

ASTUTO, SAGAZ, PERSPICAZ, CATIVANTE, IRREVERENTE, ASSIM É O FANTÁSTICO...

DICK TRACY

O ORIGINAL

Estrelando

RALPH BIRD e BORIS KARLOFF

Criado por

CHESTER GOULD

Um lançamento

SCREEN LIFE HOME VIDEO

SCREEN LIFE HOME VIDEO
Av. Brig. Luiz Antonio, 1404 - 2º SL - Cj. 21A
01318 - Bela Vista São Paulo SP
Telefones: (011) 287-2696 / 284-9479

R & M 262-4046

O TIRO QUE NÃO SAIU PELA CULATRA ●●●●
(Parenthood, EUA, 1989)
Direção: Ron Howard. Com Steve Martin, Mary Steenburgen, Tom Hulce, Rick Moranis. CIC.
O péssimo título brasileiro não faz jus a essa pequena história de família, extremamente simpática em enfocar as implicações muitas vezes cômicas das relações entre parentes. Os risos ficam concentrados na ótima atuação de Steve Martin, um pai obsecado pela idéia de dar uma orientação positiva a um filho com problemas emocionais. Seus delírios sobre o futuro do menino e sobre sua própria situação aos 35 anos são brilhantes. O outro pólo cômico da fita é Rick Moranis, ocupado em fazer de sua filha superdotada uma espécie de gênio total. O lado dramático fica por conta de Diane Wiest, separada do marido e às voltas com dois filhos adolescentes. O elenco de pesos-pesados parece estar todo nos lugares certos — há ainda Jason Robards como o patriarca que ganha um neto inesperado adotado pelo filho trambiqueiro, interpretado por Tom Hulce. O diretor Ron Howard volta à boa forma mostrada em *Splash* e por pouco perdida em *Willow*. *M.S.*

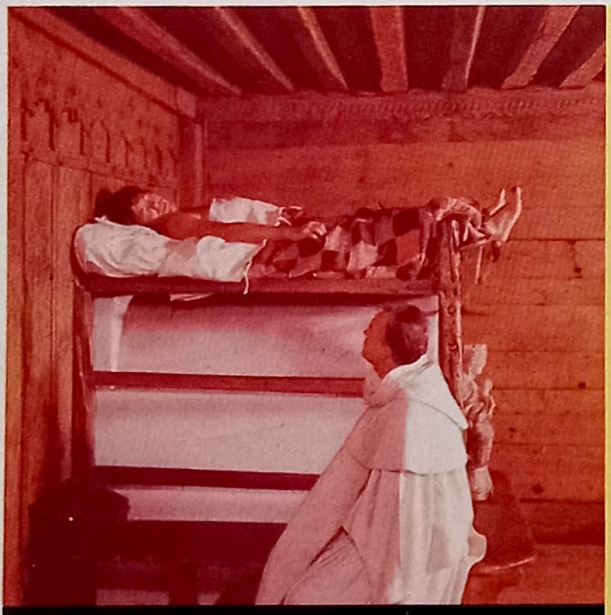
QUEM NÃO VÊ CARA NÃO VÊ CORAÇÃO ●●●
(Uncle Buck, EUA, 1989)
Direção: John Hughes, Com John Candy, Jean L. Kelly, Jay Underwood. CIC.
John Hughes radicalizou sua especialidade em retratar adolescentes ao contar a história de um tio "criação" que, depois de um relacionamento rompido, vai passar uns tempos cuidando dos sobrinhos. Obviamente ele faz uma bagunça razoável — briga com os eletrodomésticos etc. Tudo o que pode haver de simpática e legal nessa fita se concentra na imensa e carismática figura de John Candy, um cara engraçado até de costas. Hughes prefere manter seu padrão médio de cinema: se equilibra bem sobre a história fraca, brilha em alguns momentos e escorrega feio com um final babaca. *Quem Não Vê Cara Não Vê Coração*, está longe da obra-prima *Curtindo a Vida Adoidado*, mas é o tipo de filme que jamais conseguiria estragar uma tarde de sábado. *M.S.*

ARTE

Art Films

A diva felliniana de *Entrevista:* verve grotesca e carnal

ENTREVISTA ●●●
(Intervista, Itália, 1987)
Direção: Federico Fellini. Com Marcelo Mastroianni, Anita Ekberg. Look.
Ao espelhar sua vida e os bastidores de sua obra na tela, o mestre acabou sendo tão "felliniano" quanto em sua obra propriamente dita. Em Cinecittà, uma equipe japonesa chega para entrevistá-lo. Paralelamente, num salto ao passado, vemos sua primeira entrada nos estúdios, como um tímido e espinhento jornalista (Sérgio Rubini), que vai entrevistar uma diva dos anos 30. Mas ao invés de engendrar um objetivo "documentário", Fellini de novo exercita sua verve grotesca e carnal. Índios de mentirinha atacam Cinecittà, e gordos que se julgam "fellinianos" buscam emprego com o cineasta. Prêmio Especial do Júri em Cannes/87, *Entrevista* espalha prazer e sensualidade em todos os fotogramas. Com trilha de Nicola Piovani (um "picadinho" que homenageia os temas do grande Nino Rota), o filme não passa de uma descompromissada e nostálgica anedota. Para nossa sorte, assinada por Fellini. *A.Q.N.*



Olhares desejosos para os meninos boa-pinta em *Decameron*

DECAMERON ●●●●
(Il Decamerone, Itália, 1971)
Direção: Pier Paolo Pasolini. Com Franco Citti, Ninetto Davoli, Angela Lucé, P.P. Pasolini. Warner.
Pasolini concebeu *Decameron* quando ainda acreditava no sexo como um símbolo da liberdade, numa exaltação do mundo pagão que se estenderá a *Os Contos de Canterbury* e *As Mil e Uma Noites* — a chamada "Trilogia da Vida". Adaptando clássicos da literatura picaresca universal, Pasolini reteve de suas tramas apenas os aspectos propriamente "pasolinianos": os olhares de desejo voltados para os meninos glabros, o desprezo pelas convenções burguesas, o fascínio pela genitália masculina (especialmente quando ostentada por jovens oriundos das camadas mais baixas da sociedade) e a violência estilizada. Do *Decameron* de Boccaccio, Pasolini selecionou contos cuja ação transcorria em Nápoles, para enfatizar o seu amor ao povo e ao dialeto napolitanos. O cineasta interpreta Giotto, criando uma analogia com sua própria condição: "Interpretei o papel de um pintor da Alta Itália que procede da Itália histórica e desce a Nápoles para pintar um afresco nas paredes da Igreja de Santa Clara; sou um escritor da Alta Itália, da parte histórica italiana, que vai a Nápoles para fazer uma película realista". A analogia também revela que Pasolini realiza seus filmes tendo por inspiração os grandes mestres da pintura italiana e não outros cineastas. Assim, para as visões de Giotto, Pasolini compôs um maravilhoso *tableau-vivant*, no centro do qual aparece a Virgem e o Menino, ladeados por anjos e, embaixo, o inferno e seus condenados (uma imagem que já prefigura o universo de *Salò*). Extasiado ante a própria imaginação, Giotto conclui, após terminar seu afresco: "Por que realizar uma obra, se já é tão formoso apenas sonhá-la?" O filme, que parecia tão descomprometido na apresentação de episódios picantes, termina numa indagação onde afloram as profundas inquietações de um artista obcecado pelo Sagrado. *Decameron* obteve um grande sucesso e conquistou o Urso de Prata em Berlim. Sendo ainda o primeiro filme comercial a mostrar os órgãos sexuais masculinos, foi objeto de intensa polêmica na Itália: diariamente registravam-se queixas públicas contra o filme nos tribunais do interior, e os juízes de algumas cidades conseguiram proibi-lo como "pornográfico". Quando, porém, a pornografia transformou-se na máxima expressão estética da sociedade de consumo, Pasolini veio a público abjurar sua "Trilogia da Vida", recusando qualquer participação na erotomania em que o cinema, a publicidade, a TV, a imprensa e o vídeo mergulharam o mundo. *Luiz Nazário*

TEMPO BOM, C/PANCADAS DE LANÇAMENTOS

ESSA É A PREVISÃO FEITA PELA VÍDEO MIX PARA ESSE COMEÇO DE VERÃO: UMA FRENTE QUENTE QUE IRÁ PROVOCAR LOCAÇÕES EM VÁRIOS PONTOS DO PAÍS.

- ENTREGA GARANTIDA PARA TODO O BRASIL VIA SEDEX
- ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO
- O MAIS VARIADO ESTOQUE DE FILMES NACIONAIS E CATÁLOGOS
- ATENDIMENTO PERSONALIZADO

OS MENORES PREÇOS DO MERCADO, CONFIRA!

•ABERTO AOS SÁBADOS•

TELEMARKETING - SÃO PAULO (011)
93-9100 948-5939
93-2526 291-5483
93-5342

REPRESENTANTES

Campinas/SP	- (0192) 31-0330	- Raul
	- (0192) 48-1613	- Vital
Bauru/SP	- (0142) 23-6395	- Romero
Ilha Solteira/SP	- (0187) 62-2478	- Acácio
Belo Horizonte/MG	- (031) 222-5837	- Walter
Uberaba/MG	- (034) 312-5975	- Aquino
Curitiba/PR	- (041) 247-3995	- Waldir
Cascavel/PR	- (0452) 23-1255	- Áurea
Florianópolis/SC	- (0482) 23-6975	- Nilo
Laguna/SC	- (0486) 44-0178	- Jorge
Itajaí/SC	- (0473) 44-6548	- Gelson
Porto Alegre/RS	- (0512) 28-0827	- Luis
Anápolis/GO	- (062) 324-0878	- Marcos

FILIAL - NORTE / NORDESTE AV. CONS. AGUIAR, 1175 - CONJ. 301 - BOA VIAGEM RECIFE/PE -FONE (081) 326-4489
ESTOQUE PERMANENTE - PRONTA ENTREGA

VÍDEOMIX®

DISTRIBUIDORA

MATRIZ **VÍDEO MIX DISTRIBUIDORA** - RUA HERVAL, 336 - BELÉM - SÃO PAULO - SP - CEP 03062

VIDEOLANÇAMENTOS

Herbert Richers

Orson Welles em *Macbeth*: ao mesmo tempo fiel e transgressor

MACBETH ●●●●

(EUA, 1948)
Direção: Orson Welles. Com Orson Welles, Jeanette Nolan, Dan O'Herlihy, Edgar Barrier. Herbert Richers.

Orson Welles sempre foi obcecado pelos temas da ambição, da traição e do poder. Não foi por acaso que escolheu a grande tragédia shakespeareana sobre a loucura do poder para apagar sua fama de esbanjador e provar que era possível fazer uma obra-prima sem gastar muito dinheiro. Utilizando praticamente a mesma equipe que tinha participado de sua montagem da peça em Utah, Welles filmou seu *Macbeth* nos precários estúdios da Republic em 28 dias, ao custo de 800 mil dólares. O resultado desse *tour-de-force* é uma tragédia absolutamente expressionista, ao mesmo tempo fiel e transgressora em relação ao texto original. Com cenários e figurinos estilizados, paisagens lunares, sombras fantasmagóricas e enquadramentos oblíquos, o cineasta (em atuação memorável no papel-título) torna visível e quase palpável o inferno espiritual de Macbeth. Felizmente, a Herbert Richers lança a versão integral do filme (de 1h47), não mutilada pela Republic. *José Geraldo Couto*

POLICIAL

O SEQÜESTRO DE PARKER ●

(Parker, Inglaterra, 1984)
Direção: Jim Goddard. Com Bryan Brown, Cherie Lung, Kurt Raab. Globo Vídeo.

Um executivo seqüestrado sem motivo aparente, não conseguindo convencer a polícia da veracidade de sua história, põe em dúvida a própria sanidade, tornando-se obcecado com a idéia de desmascarar os seqüestradores. A meio caminho entre o policial e o drama psicológico, o filme não consegue satisfazer como nenhum dos dois gêneros. *P.C.*

EXPLOSÃO DE ÓDIO ●●

(Making the Case For Murder: the Howard Beach Story, EUA, 1989)
Direção: Dick Lowry. Com Daniel J. Travanti, William Daniels, Joe Morton. Transvídeo.

Reconstituição de fatos ocorridos num bairro nova-iorquino em 1986, quando três negros foram perseguidos e linchados por um grupo de jovens, o que acabou resultando na morte de um deles e provocando o acirramento de conflitos raciais. O filme repassa os acontecimentos que culminaram no julgamento dos agressores, concentrando-se sobre o trabalho dos promotores encarregados da acusação. Na verdade, estamos diante de mais um daqueles filmes em que tudo se resolve no julgamento final — o que, de resto, atende às expectativas do público, além de reafirmar o valor e a "excelência" da justiça e do sistema norte-americanos. O filme tem, no entanto o mérito de tocar na chaga social do racismo, ainda que como pano de fundo. *P.C.*

MINISSÉRIE

ANOS DOURADOS ●●

(Brasil, 1988)
Direção: Roberto Talma. Com Felipe Camargo, Betty Faria, Malu Mader, Milton Moraes. Globo Vídeo.

O PRIMO BASÍLIO ●●●

(Brasil, 1988).
Direção: Daniel Filho. Com Giulia Gam, Marília Pêra, Marcos Paulo, Tony Ramos. Globo Vídeo.

A exemplo do que se deu com a americana *Twin Peaks*, duas séries brasileiras da Rede Globo chegam em versões condensadas às locadoras. A própria emissora, na verdade, prefere tratar uma delas, *O Primo Basílio*, por "série" (tem originalmente dezesseis capítulos) e a outra, *Anos Dourados*, por "minissérie" (tem apenas dez). Na adaptação para homevídeo, uma nova montagem do mesmo material, ambas ficam com 275 minutos, e serão lançadas em fitas duplas. Elas figuram entre o que há de melhor no que a Globo produziu neste formato. São bons programas.

Em *Anos Dourados*, Malu Mader é uma normalista (Malu é ótima e a normalista é melhor ainda) no Rio dos anos 50, que se apaixona pelo jovem Marcos (o regular Felipe Camargo). Vários envolvimentos paralelos temperam e dão consistência à trama que fez bastante sucesso na TV em 1988. *O Primo Basílio*, adaptação do clássico de Eça de Queiroz foi exibida em agosto de 1989. Marcos Paulo e Giulia Gam fazem os amantes na Lisboa de 110 anos atrás. Sinal dos tempos televisivos, o erotismo é bem mais acentuado em *O Primo Basílio* do que em *Anos Dourados*. *Eugênio Bucci*

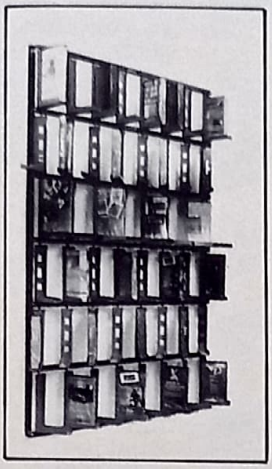
WESTERN

STARBLACK ●●

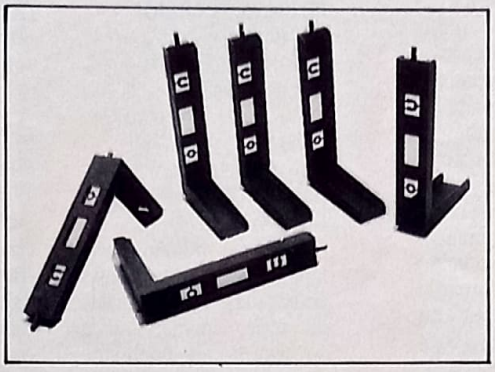
(Itália, 1972)
Direção: Giovanni Grimaldi. Com Robert Woods, Elga Andersen. Sagres.

Starblack, o justiceiro mascarado montado em seu cavalo branco, é descendente direto do mítico Lone Ranger dos velhos filmes e seriados de TV. A referência aos seriados, aliás, não poderia ser mais exata para este movimentado western que repassa, em tom de paródia, todos os clichês do gênero. No final, só falta o "mocinho" montar em seu cavalo e sair gritando a plenos pulmões "hi yo Silver". *P.C.*

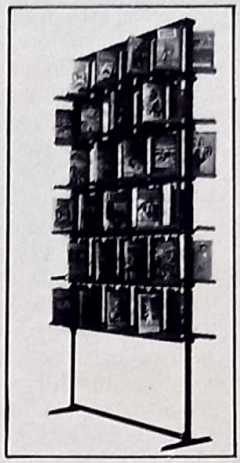
A TZ TEM TUDO PARA VOCÊ. E AGORA, ELA VAI MONTAR, EQUIPAR OU MODIFICAR SUA VÍDEO LOCADORA.



- EXPOSITOR ONDULAR DE PAREDE
p/ 90 fitas 1,50 m. de altura
por 1,00 m de largura.



- SUPORTE EM "L" AVULSO.
Fornecemos também o suporte em "L" avulso p/ você montar as suas estantes de acordo com seu espaço ou sua necessidade.



- EXPOSITOR ONDULAR CENTRAL
p/ 180 fitas 2,00 m. de altura
por 1,00 m. de largura.

TZ®

(Não Temos Representantes) - Faça seu pedido por telefone.
Despachamos p/ todo o Brasil por Ordem de Pagamento.

RUA DOS BURITIS, 436 - SÃO PAULO - CEP 04321
TEL.: (011) 578-7277 ESTAÇÃO JABAQUARA DO METRÔ

Atendimento de 2ª à Sábado até às 19 hs

TOME UMA ATITUDE SAUDÁVEL.

Através de uma equipe de especialistas, a revista Saúde orienta você a conhecer melhor seu organismo, conservar o corpo e manter-se sempre saudável, vivendo com muito mais disposição e vitalidade. Fique por dentro de temas como alimentação, exercícios, atualidades médicas, alopatia e homeopatia.

LEIA

REVISTA **Saúde!**

É VITAL

TODOS OS MESES NAS BANCAS

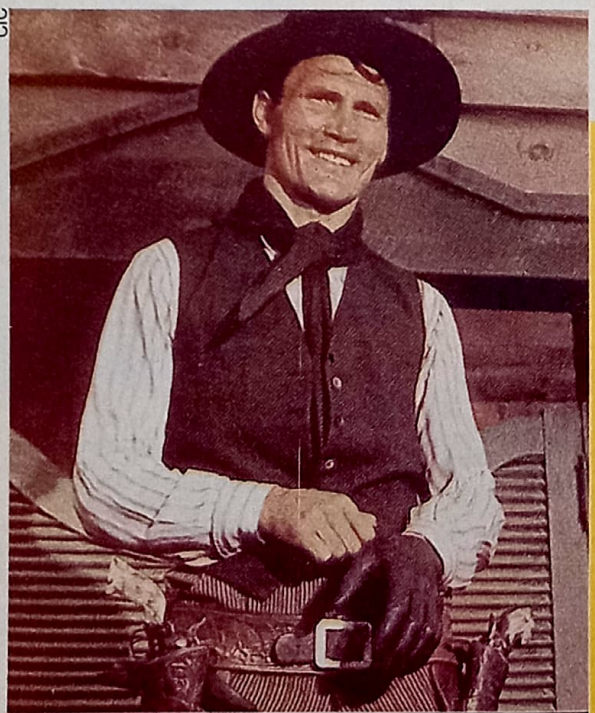
EDITORA AZUL

ONDE COMEÇA O INFERNO ●●●●●

(Rio Bravo, EUA, 1959)
Direção: Howard Hawks. Com John Wayne, Dean Martin, Walter Brennan, Rick Nelson, Angie Dickinson, Ward Bond. Warner.

Se cada grande filme tem uma imagem que o resume, a de *Rio Bravo* é a de um homem armado de rifle caminhando tenso por uma rua deserta, espreitado por olhos ocultos na sombra e assediado pelos ruídos da noite. Este homem pode ser o xerife Chance (Wayne), ou seu auxiliar, o alcoólatra Dude (Martin), ambos empenhados em impedir que um bando de criminosos venha resgatar seu amigo assassino trancafiado na prisão local. Ao xerife, Dude e o velho manco Stumpy (Brennan), que fica de guarda na cadeia, vem se juntar o rapazola impetuoso Colorado (Nelson), para ajudar a manter o bandido preso até a chegada do juiz da região. A tensão domina os 140 minutos deste *western* clássico, que só não atinge a claustrofobia graças à habilidade do diretor em costurar pequenas tramas paralelas que inundam de humor e humanidade seus personagens. Tão bom que o próprio Hawks não resistiu e refilmou-o em 1967, como *El Dorado*. *José Geraldo Couto*

CIC



Palance em *Os Brutos Também Amam:* cinema e mitologia

OS BRUTOS TAMBÉM AMAM ●●●●●

(Shane, EUA, 1953)
Direção: George Stevens. Com Alan Ladd, Jean Arthur, Van Heflin, Brandon De Wilde, Jack Palance. CIC.

Uma enquete elaborada por críticos franceses colocou-o entre os dez melhores *westerns* de todos os tempos. O cowboy durão Clint Eastwood inspirou-se nele para realizar *O Cavaleiro Solitário* (*Pale Rider*). No Brasil, o crítico Paulo Perdigão dedicou a ele um fascinante e apaixonado ensaio, no qual se propõe a dissecar os mecanismos que o transformaram no *western* clássico por excelência — o único da carreira de Stevens como diretor (responsável, entre outros, por filmes como *A Vida de Um Sonho, Um Lugar ao Sol* e *Assim Caminha a Humanidade*). Na verdade, a odisséia do herói sem passado, disposto a colocar o poder das armas a favor da ordem e da justiça, tem muito a ver com a mitologia das sagas medievais.

Shane (Alan Ladd) é o cavaleiro andante que, acolhido pelo proprietário de um rancho (Van Heflin), dispõe-se a ajudá-lo contra a cobiça de um barão de gado que quer se apoderar das terras locais para reduzi-las a pastagens. Atraindo a afeição do garoto Joey (Brandon De Wilde) — através de cujos olhos o público identifica-se com o herói —, Shane desperta também o interesse da mulher (Jean Arthur) do homem que o hospedou — embora essa relação, como convém a um personagem mítico, nunca seja consumada, já que ambos pertencem a mundos diferentes. Shane, queira ou não, é um pistoleiro e vê-se novamente obrigado a pegar em armas para defender seus amigos quando a pressão sobre eles se torna insuportável. É o que acontece quando os vilões contratam um temível matador (Jack Palance, numa caracterização que o transformaria num dos vilões mais malvados do cinema), ao qual Shane terá de enfrentar num memorável duelo final.

Por trás dessa história aparentemente simples, narrada de forma absolutamente impecável, ocultam-se a magia e o fascínio de um gênero que — nas palavras do teórico francês André Bazin — nasceu do encontro do cinema com a mitologia. *Paulo Capuzzo*

ANIMAÇÃO

LOUCADEMIA DE POLÍCIA — A SÉRIE ●●

(Os Bons, os Maus e os Falsos/Tiras e Robôs (The Good, the Bad and the Bogus/Cops and Robots, EUA, 1989)
Direção de Animação: Cosmo Anzilotti, Bill Hutton, Tony Love. Warner.

O desenho animado permite extrapolar as típicas palhaçadas dos policiais da série cinematográfica ao absurdo. A qualidade do traço e da animação acompanha a média das produções que povoam as sessões da tarde nas TVs. No primeiro episódio os policiais correm o risco de serem substituídos por falsários infiltrados na delegacia. No segundo, os doidivanos guardas podem (novamente) perder suas ocupações para um grupo de policiais-robôs. Esta produção atende exclusivamente às crianças que curtem os filmes da série no cinema. *W.S.*

MUPPET MOVIE ●●●

(The Muppet Movie, EUA, 1979)
Direção: James Frawley. Com Os Muppets, Charles Durning. VTI.

Este é o primeiro longa-metragem dos carismáticos Muppets, que surgiram na TV brasileira no programa Vila Sésamo em 1972. O galante sapo Caco recebe um convite para ser astro em Hollywood. Ao partir para a missão, ele arregimenta um turbulento grupo de Muppets. No trajeto, Caco tem um tórrido caso de amor com a provocante Miss Pig. Mas os bonecos conquistadores são perseguidos pelo gananciosо Doc Hopper (Charles Durning). Apesar de ilustres convidados, como Steven Martin, Mel Brooks, Orson Welles, Richard Pryor, e outros, o mérito dessa excelente animação fica por conta dos bonecos do criador Jim Henson. *W.S.*

HE-MAN E O COMETA CÓSMICO ●●●

(EUA, 1983)
Direção: Steve Clark, história de Tom Ruegger.

SHE-RA, DUELO EM DEVLON ●●●

(EUA, 1985)
Direção: Bill Reed, história de Steven Fisher.

BRAVESTARR E O DESAPARECIMENTO DE FURACÃO ●●●

(EUA,1989)
Direção: Lou Konchivas, história de Don Heckman.

CAÇADORES DE FANTASMAS E O COZIDO DAS BRUXAS ●●

(EUA, 1986)
Direção: Rich Trueblood, história de Don Heckman. Dublado em português. Herbert Richers.

As animações computadorizadas do produtor Lou Scheimer *Mestres do Universo* (1983) e *She-Ra, a Princesa do Poder* (1985) foram criadas em resposta à violência disseminada por personagens truculentos de filmes como *Rambo*. Sua contrapartida são os super-heróis pacíficos e filantrópicos criados sob a orientação de pedagogos americanos. Cada história tem fundo moral e o herói derrota os inimigos através de artifícios apenas intelectuais, passando mensagens educativas. O sucesso dos irmãos He-Man e She-Ra inspiraram Scheimer a retomar o tema da colonização do oeste americano e a criar *BraveStarr*, em 1989. *Caçadores de Fantasmas* é a série menos interessante e foi baseada na telessérie, de 1975, *Ghostbusters* — veiculada no Brasil como *Trio Calafrio* — que também deu origem aos dois longas *Os Caçafantasmas*, de Ivan Reitman. *D.P.*

FINALMENTE EM VÍDEO

ROBIN WILLIAMS

SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS

Alugue agora ou compre e tenha para sempre.

UM FILME DE PETER WEIR

© Touchstone Pictures

Sociedade dos Poetas Mortos provocou em todos os países um forte impacto nas relações entre pais e filhos, e entre professores e alunos. Descubra você mesmo o quanto este maravilhoso filme poderá mudar a sua vida.
Este vídeo já está disponível em todas as locadoras e para adquiri-lo basta preencher o cupom abaixo:

TOUCHSTONE HOME VIDEO

abril video

Preço: **Apenas 85 BTNs**
FRETE GRÁTIS nas compras com cheque anexo

Atenção: Usar valor BTN "cheia" do dia da postagem.
Válidade: 30.12.90

DISQUE PARA PEDIR
SP (011) 2601352 - RJ (021) 295 2089

Se preferir, envie o cupom ao lado para
Av. Ermano Marchetti, 1272 - Cep 05038
São Paulo - SP

SIM, desejo adquirir o vídeo Sociedade dos Poetas Mortos. Favor enviar ( ) fitas para o endereço abaixo:

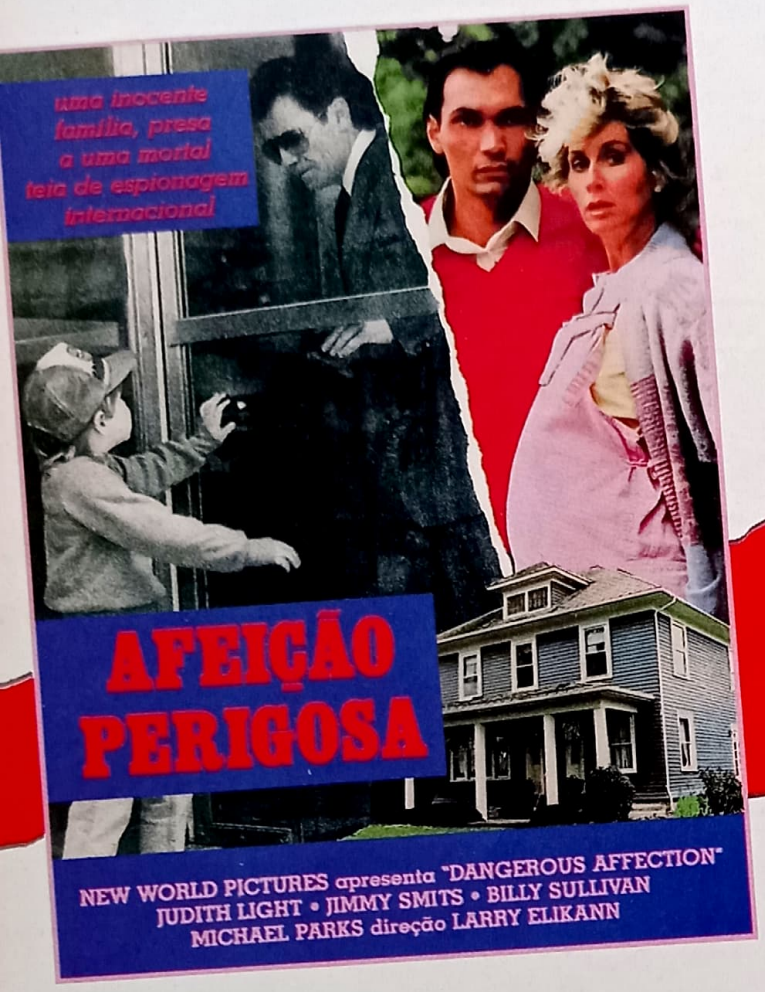
☐ Cheque nominal à **Abril Vídeo da Amazônia S.A** **FRETE GRÁTIS** Valor em Cr$ _____
☐ Autorizo débito em meu cartão de crédito. (frete por minha conta)

Cartão _____ nº _____ Validade _____

Nome _____ CIC _____

Endereço _____ Cidade _____ Estado _____

CEP _____ Tel. _____ Data _____ Assinatura _____



LANÇAMENTOS COM A QUALIDADE

PARIS VÍDEO FILMES

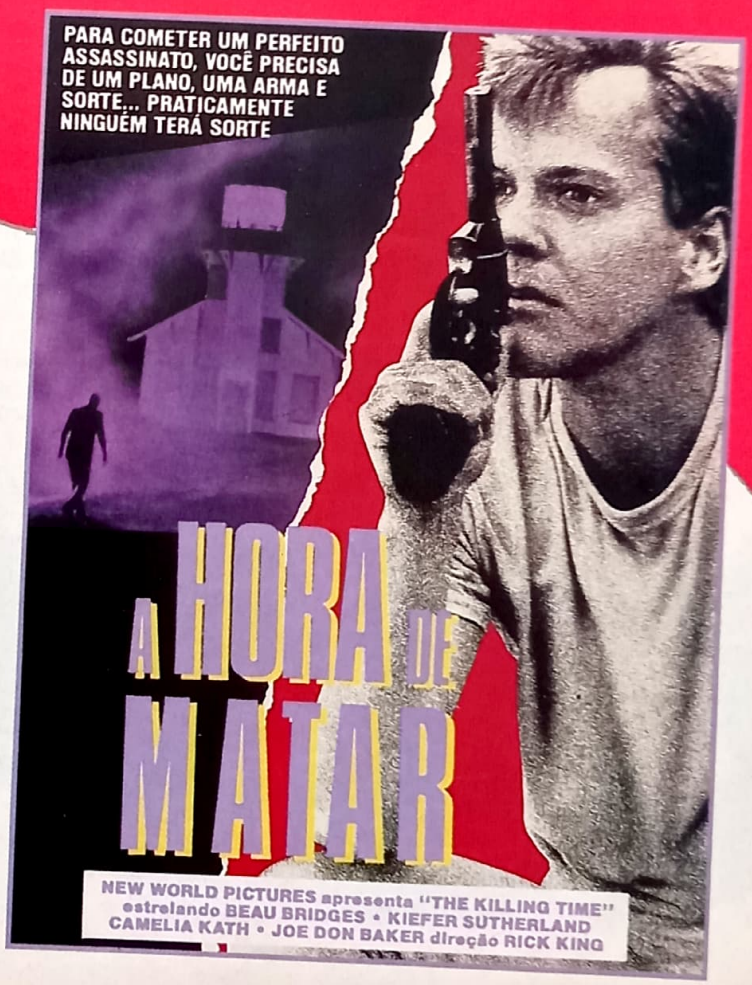
VÁ CORRENDO ATÉ A SUA LOCADORA

NEW WORLD PICTURES

Distribuição exclusiva em vídeo PARIS VÍDEO FILMES
Rua Itamaratí, 204 - esq. Av. Pacaembú - F. 262.6717 - 864.1724
872.2885 - 872.0408 - S. Paulo - Capital.

A HISTÓRIA
DE UM GAROTO
QUE TEM FOME
PELA VIDA...
DOS OUTROS
BLOODMBL
O VAMPIRO
ADOLESCENTE
NEW WORLD PICTURES apresenta "TEEN VAMP" • KAREN CALRSEN • ANGIE BROWN
BEAU BISHOP como MURPHY direção SAMUEL BRADFORD

BELEZA, OBSESSÃO, AMBIÇÃO
E CORAGEM NA NEBULOSA
E GRANDE CIDADE.
a Falsa
TESTEMUNHA
NEW WORLD PICTURES apresenta "FALSE WITNESS"
PHYLICIA RASHAD e PHILIP MICHAEL THOMAS
direção ARTHUR ALLAN SEIDELMAN


PARA COMETER UM PERFEITO
ASSASSINATO, VOCÊ PRECISA
DE UM PLANO, UMA ARMA E
SORTE... PRATICAMENTE
NINGUÉM TERÁ SORTE
A HORA DE
MATAR
NEW WORLD PICTURES apresenta "THE KILLING TIME"
estrelando BEAU BRIDGES • KIEFER SUTHERLAND
CAMELIA KATH • JOE DON BAKER direção RICK KING

PARIS
VIDEO FILMES

VIDEOLANÇAMENTOS

AS AVENTURAS DO GATO FELIX ●●
(Felix the Cat — The Movie, EUA/Alemanha/Hungria, 1988)
Direção: Tibor Hernadi. Transvídeo.
Os tempos mudaram no cinema de animação, mesmo para o gato Felix, criado pelo desenhista australiano Pat Sullivan em 1913. Felix, que mantém a mesma aparência de seus anos dourados na animação, a década de 30 — estrela uma "colcha de retalhos" em longa-metragem. A direção e a equipe técnica são húngaras — mão-de-obra especializada e mais barata que a norte-americana. A história é uma costura confusa de referências que pegam um pouco dos clássicos de Disney, um pouco de *Guerra nas Estrelas* e outras fórmulas aprovadas. São muitos personagens, alguns deles completos chavões de pouca versatilidade; outros, animados com muito cuidado e excelentes resultados — caso de alguns personagens como um assistente de cientista. Felix acaba sendo quase que apenas um coadjuvante desse desfile de influências (até japonesas) que ainda por cima foi descaradamente mutilado pela dublagem da BKS, simplesmente horrenda. De destaque sobra a abertura, com um Felix 3D, em computação gráfica, obra da Degraf/ Wahrman. *M.S.*

SUSPENSE

A MORTE CONVIDA PARA DANÇAR ●●
(Prom Night, Canadá, 1980)
Direção: Paul Lynch. Com Jamie Lee Curtis, Leslie Nielsen, Casey Stevens. Globo Vídeo.
Antes de se consagrar em filmes como *Um Peixe Chamado Wanda*, Jamie Lee Curtis estrelou algumas fitinhas de terror. Esta aqui — uma cópia de *Halloween*, na qual ela também trabalha — é sobre um psicopata que trucida adolescentes que seis anos antes foram responsáveis pela morte de uma garotinha. O clímax se dá numa festa, que não por acaso lembra muito a seqüência do baile de *Carrie, a Estranha*. Claro, Paul Lynch não é John Carpenter e muito menos Brian De Palma, mas pelo menos seu psicopata age impulsionado por motivações humanas — ao contrário dos Jasons e Freddys da vida, ou melhor, da tela. *P.C.*

Columbia
Imagens: fantasias psicológicas, esquizofrênicas e freudianas

IMAGENS ●●●
(Images, EUA/Inglaterra, 1972)
Direção: Robert Altman. Com Susannah York, René Auberjonois, Marcel Bozzuffi, Hugh Millais, Cathryn Harrison. Herbert Richers.
O diretor Robert Altman (em sua melhor forma) compôs uma bela fábula psicológica. Recortado com eficiente engenharia de som e adequada trilha sonora (John Williams), o roteiro evidencia o caráter esquizofrênico da história. A escritora Cathryn (Susannah) vive fantasias neuróticas e cria "imagens" à sua volta misturadas à realidade. Ela é capaz de ver a si própria em situações-limite; manter relações com o amante já morto e "ouvir" telefonemas anônimos. Só encontra solução para esses fantasmas freudianos (desejos e frustrações sexuais) quando resolve liquidá-los um a um. Susannah York, imperdível como esquizofrênica, ganhou o prêmio de melhor atriz em Cannes. Atenção para o nome dos personagens: são os mesmos dos atores, trocados entre si. Lúdico e instigante. *D.G.*

Leve o melhor vendedor do mundo para sua locadora. É lucro certo.

O Display Anunciador Tetraon é a maneira mais prática e eficiente para aumentar o giro do seu acervo.
Ele sugestiona o consumidor dentro da locadora, indicando filmes e promoções, oferecendo serviços e muito mais.
Ou seja, com o mesmo número de clientes que você já tem, o Display Anunciador Tetraon possibilita uma rentabilidade muito maior.

É ligar e comprovar:
(011) 549-8126

TETRAON
TECNOLOGIA EM MARKETING ELETRÔNICO

LEMBRANÇAS PERIGOSAS ●●
(The Kissing Place, EUA, 1989)
Direção: Tony Wharmby. Com David Ogden Stiers, Victoria Snow, Michael Kirby. CIC.
Um garoto tem estranhos sonhos nos quais se vê brincando numa rua onde nunca esteve e sendo chamado por um nome que não é o seu e sim do suposto irmão, já falecido. Apesar de alguns pontos obscuros na trama e de certos personagens mal desenvolvidos, o filme tem a dose necessária de suspense para grudar o espectador até o final. *P.C.*

OS FANTASMAS DO CHAPELEIRO ●●
(Les Fantasmes du Chapelier, França, 1982)
Direção: Claude Chabrol. Com: Michel Serrault, Charles Aznavour. Mundial.
Apaixonado pelo suspense, por Hitchcock e Fritz Lang, desde o tempo em que era crítico de cinema, Claude Chabrol sempre tentou fazer releituras do gênero à altura dos seus ídolos. Nunca conseguiu. Com *Os Fantasmas do Chapeleiro* podia ter chegado lá. A trama, baseada em Georges Simenon, é boa. Mulheres velhas são sistematicamente mortas. A arma, uma corda de violoncelo. Um dos crimes tem uma testemunha, que nada revela à polícia e passa a jogar um perigoso "gato-e-rato" com o assassino. Jogos não faltam no filme: herméticas partidas de bridge são pontos-chave no desenrolar da trama, e conhecer bridge torna o filme bem mais interessante. É pena que Chabrol tenha errado a mão e feito um filme longo demais onde o ritmo vai caindo até que o espectador, ainda curioso pelo desfecho da história, torça para que ele chegue logo. Raros livros de Simenon têm mais de 100 páginas. O filme de Chabrol tem 2h10min. Talvez seja mais rápido ler o livro. *D.F.M.*

Mundial

Michel Serrault em *Os Fantasmas do Chapeleiro:* longo demais

MUSICAL

O SERESTEIRO DE ACAPULCO ●●
(Fun in Acapulco, EUA, 1963)
Direção: Richard Thorpe. Com Elvis Presley, Ursula Andress, Paul Lukas. Alvorada.

GAROTAS, GAROTAS E MAIS GAROTAS ●●
(Girls, Girls, Girls, EUA, 1962)
Direção: Norman Taurog. Com Elvis Presley, Stella Stevens. Alvorada.
Dois filmes estrelados por Elvis Presley que são em quase tudo idênticos aos demais 31 longas-metragens que este pioneiro do rock'n'roll e primeiro fenômeno de massa da história pop da humanidade filmou entre 1956 (ano de *Love Me Tender*) e 1972. Dos dois, *O Seresteiro* é o mais interessante. Não é um bom filme, nenhuma das fitas de Elvis é, mas tem o charme de uma locação exótica filmada nas cores luxuosas de um technicolor desinibido. Elvis trabalha no iate de um ricaço que tem uma filha, moça tão bonita quanto mimada, que faz de tudo pelo amor de Elvis, incluindo estratagemas que culminam com a demissão do Rei. Só que ela é apenas uma entre as várias que disputam o coração, tronco e membros de Presley. Enquanto isso, Elvis canta: no barco, à beira mar, na enfumaçada bodega El Torito... Para dar um ar dramático à história, o pobre astro tem um trauma de alturas provocado por acidente de trapézio.
Garotas, Garotas e Mais Garotas mostra o nosso herói atormentado por todo um mulherio louco para tirar uma casquinha. A idéia parece ótima a qualquer mortal do sexo masculino, mas o pobre homem sofre, pois nada mais deseja que escolher uma delas para amar e respeitar até que a morte os separe. Enquanto se decide, ele canta. Filmes de Elvis são assim, recheio para um encadear sem fim de suas canções. O que é um atrativo para os seus fãs e motivo de desconfiança para quem gosta de cinema. *David França Mendes*

PARADA

Setembro

Os Mais Alugados
1 Chuva Negra (CIC)
2 Kickboxer — O Desafio do Dragão (Top Tape)
3 De Volta para o Futuro II (CIC)
4 Tango & Cash (Warner)
5 Henrique V (Paris)
6 Querida, Encolhi as Crianças (Abril Vídeo)
7 Lua de Cristal (Globo Vídeo)
8 Conduzindo Miss Daisy (Paris)
9 Um Toque de Infidelidade (CIC)
10 Inferno Vermelho (LK-Tel/Columbia)

Fontes: OMNI, 2001, Rentacom, Vídeo Factory, Vídeo Norte, Hobby Vídeo, Thimi Vídeo (SP); Vídeo 4 Clube, Vídeo Shack (RJ); Mister Vídeo (DF); Scorpios Vídeo, Star Vídeo (GO); Vídeo Mania (PR); Solução Vídeo (MG).

Os Mais Selados
1 Meu Amigo Donald (Abril Vídeo)
2 Difícil de Matar (Warner)
3 Meu Amigo Mickey (Abril Vídeo)
4 Minha Noiva é uma Extraterrestre LK-Tel/Columbia
5 Sociedade dos Poetas Mortos (Abril Vídeo)
6 Os Donos da Noite (CIC)
7 Duro de Matar (Abril Vídeo)
8 O Cozinheiro, o Ladrão, sua Mulher e o Amante (Transvídeo)
9 Nove Semanas e Meia de Amor (Abril Vídeo)
10 Conan, o Destruidor LK-Tel/Columbia

Fonte: Departamento de Planejamento e Coordenação da Secretaria da Cultura da Presidência da República.

Eddie (Michael Paré): lembranças musicais de um mito do Rock

EDDIE - O ÍDOLO POP ●●
(Eddie and the Cruisers, EUA, 1983)
Direção: Martin Davidson. Com Tom Berenger, Michael Paré, Helen Schneider, Ellen Barkin. Mundial.
Não fosse o repentino desaparecimento de seu líder Eddie (Michael Paré), os Cruisers teriam se transformado na maior banda de rock dos anos 60. Vinte anos depois suas músicas ainda fazem sucesso e Maggie (Ellen Barkin), a repórter de TV, levanta a hipótese do roqueiro estar vivo, pois o seu corpo não foi encontrado e os *tapes* contendo músicas inéditas do grupo desapareceram. Muito flash-back e boa música através das lembranças de Frank (Tom Berenger), letrista e alter-ego do ídolo. *W.A.S.*

RUIM ●
REGULAR ●●
BOM ●●●
EXCELENTE ●●●●
OBRA-PRIMA ●●●●●

O cineasta vestido a caráter, quando da produção de *Matador*, drama com toureiro

PEDRO A

MUY CERCA DE BUÑUEL

Numa entrevista exclusiva e bem-humorada, o diretor de *Ata-me* fala de seu lugar no cinema mundial

Desenhar a imagem de Pedro Almodóvar a partir de seus filmes mostrou-se ser uma tarefa arriscada. Ele é descabelado na abordagem de uma Espanha pós-Franco, com unhas vermelhas afiadas no *bas-fond* madrilenho, reveladoras de um punhado de contravenções e esquisitices que abalaram o túmulo do ditador. Pois este Almodóvar, 39 anos, enamorado de uma Hollywood que parece querer abocanhar a essência do seu cinema para destruí-la em seguida, este Almodóvar de aura gay, que canta em grupos de rock com casaco de couro e meias de renda, mas que também já se vestiu de toureiro, este Almodó-

ALMODÓVAR

var é um cavalheiro. Entrevistado por telefone em fins de setembro, foi de uma gentileza cativante. E nos passou algumas revelações surpreendentes a respeito de suas preferências. Por exemplo: "*Veludo Azul* é o filme mais importante da década passada". Acima de tudo, mostrou-se dono de um bom senso que só dignifica seus filmes contra todas as marés conservadoras. Algo que dá a *Ata-me*, perseguido pela censura americana, uma eloqüência e uma verdade divertidas e desconcertantes.

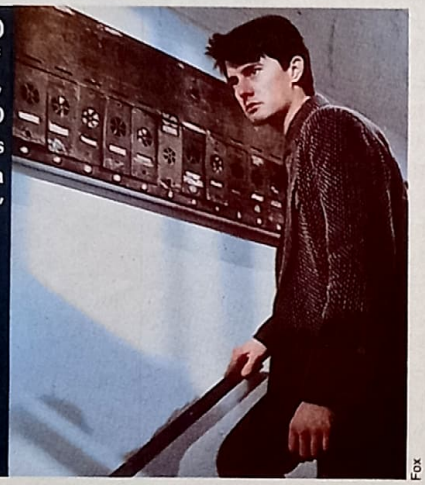
SET — *Como está o contrato de refilmagem de* Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos *por Jane Fonda: você acha que ela é capaz de fazer coisa boa?*
PEDRO ALMODÓVAR — Até agora não sei bem como vai o projeto. Sei que depois de uma tentativa de adaptação que não agradou a Jane Fonda, o diretor que estava escalado, que era Herbert Ross, se desligou também. Tinha outro projeto que lhe interessava mais. Estão agora fazendo um novo roteiro e parece que Richard Benjamin vai dirigir.
SET — *Parece que há interesse nos EUA pela refilmagem de* Ata-me *também.*
ALMODÓVAR — Sim, acho que vão refilmar. Não sei quem será o diretor. Devo ir em breve para Hollywood para conversar com a companhia Miramax, que está interessada. E aí vou acertar estas coisas. E estão até com pressa nisso.
SET — Ata-me, *o seu original, foi classificado com o "X" pela censura americana, o que significa uma categoria de filme pornô. Só pode ser exibido em salas especiais. Isso prejudicou muito o seu desempenho?*
ALMODÓVAR — No geral, sim.
SET — *Pelos números que temos aqui, o filme rendeu apenas 3 milhões de dólares em dezessete semanas.*
ALMODÓVAR — Não, acho que até agora já deu uns quatro.
SET — *Quanto custou* Ata-me?
ALMODÓVAR — Algo em torno de 2 milhões de dólares.
SET — *Você não pensa em fazer filmes falados em inglês — o que talvez até lhe desse melhores condições de atuar no mercado americano?*
ALMODÓVAR — Por enquanto não sei. Vai depender de que eu venha a escrever alguma coisa que necessite da língua inglesa para desenvolver a história. Atualmente, estou escrevendo um novo roteiro, e vou rodá-lo em espanhol. De qualquer modo, não eliminei a possibilidade de rodar em inglês. Só espero a história adequada.
SET — *Que roteiro é este em que você trabalha?*
ALMODÓVAR — Será outro grande melodrama.
SET — *É verdade que Madonna se ofereceu para filmar com você, na Espanha?*
ALMODÓVAR — Quando a conheci o ano passado, em Hollywood, para tratar da realização do *Mulheres* americano, ela me chamou e disse que gostaria de trabalhar comigo. E eu também disse que gostaria de trabalhar com ela. Mas ficou só na conversa.
SET — *Dizem que o catolicismo está por trás da perversão e da violência em* A Lei do Desejo. *Você concorda com isso?*
ALMODÓVAR — Em *A Lei do Desejo* não me parece que haja perversão; e também não acredito que o catolicismo esteja tão presente. Se a protagonista tem seu próprio altar, não quer dizer que seja um altar "religioso". Seu altar é um altar onde ela apresenta suas próprias emoções. É uma coisa que lhe dá apoio e ajuda a sobreviver e a superar os maus momentos. Eu diria que a protagonista adapta a religião à sua própria vida e às suas próprias necessidades. Eu não digo que em *A Lei do Desejo* o catolicismo seja o pano de fundo... Entre outras coisas, essa palavra perversão e tudo isso têm um significado moral com o qual eu não concordo.
SET — *Por que em* Ata-me *há um final feliz? Você está ficando mais suave depois desse tempo todo?*
ALMODÓVAR — Não. O final feliz é uma opção como qualquer outra. Inclusive me parece mais revolucionário. É mais revolucionário um final feliz do que um final dramático, neste caso. A própria família da garota se integra e admite o elemento marginal (Ricki) dentro da família. É um "happy-end" relativo porque ninguém sabe o que vai acontecer a partir daí. Todos estão num carro rumo à cidade, há um ambiente que lhes vai ser hostil. E isso não significa exatamente, como se diz aqui na Espanha, "comeram perdizes e foram felizes..."
SET — *Você já quis filmar alguma coisa que não tivesse roteiro seu?*
ALMODÓVAR — Até hoje, eu sempre fiz os roteiros dos meus filmes. Mas não descarto a possibilidade de que no momento em que chegar às minhas mãos um roteiro — que não precisa ser "bom" ou "ruim", mas precisa ter uma história que me envolva — penso que não terei problemas em realizá-lo. Mas também suponho

***"O final feliz é uma opção como qualquer outra. É mais revolucionário um final feliz do que um final dramático em* Ata-me"**

OPINIÕES DE UM MATADOR

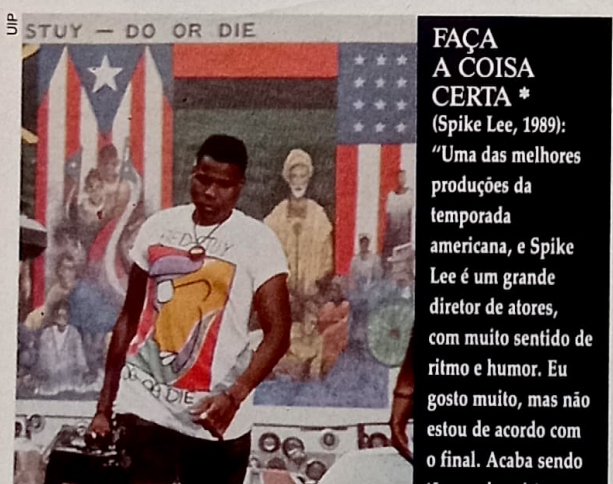
Warner

QUANTO MAIS QUENTE MELHOR * (Billy Wilder, 1959): "Um filme que eu teria dado um braço para poder ter feito"



Fox

VELUDO AZUL * (David Lynch, 1986): "O filme mais importante da década passada"



UIP

FAÇA A COISA CERTA * (Spike Lee, 1989): "Uma das melhores produções da temporada americana, e Spike Lee é um grande diretor de atores, com muito sentido de ritmo e humor. Eu gosto muito, mas não estou de acordo com o final. Acaba sendo tão maniqueísta quanto o que estão denunciando"

* Disponível em vídeo

que, por costume, adaptaria o roteiro ao meu modo de trabalhar, ao meu modo de viver e ao meu modo de ver a vida.

SET — *É possível fazer cinema na Espanha sem o apoio estatal? Matador foi feito com apoio do governo, não foi?*

ALMODÓVAR — Eu acredito que ninguém poderia fazer cinema sem apoio estatal. Não há condições... Acho que eu poderia fazer cinema sem o apoio estatal, porque durante os últimos três anos têm aparecido produtores independentes que se dispuseram a financiar alguma produção minha. Mas é uma exceção. Porque aqui na Espanha os trens, óperas, teatros, jornais etc... precisam de subvenção porque são negócios deficitários. E o cinema também precisa de subvenção, e para isso existe o Ministério da Cultura.

SET — *Qual é o melhor cineasta espanhol de todos os tempos?*

ALMODÓVAR — Eu acho que é Buñuel.

SET — *E o segundo...*

ALMODÓVAR — O segundo...

SET — *Você?*

ALMODÓVAR — ...(risos) Muito perto de Buñuel.

SET — *Quantas vezes já veio ao Brasil?*

ALMODÓVAR — Fui só uma vez e gostei muitíssimo. Há quatro anos (no FestRio) com o filme *A Lei do Desejo*, que me deu o prêmio de melhor direção. Passei cinco dias no Rio de Janeiro que me impressionaram muito. E tenho certeza de que quero voltar, mas, por causa do trabalho, nunca consigo. Me dá muita pena, porque é um país que sei que pode me dar muita coisa.

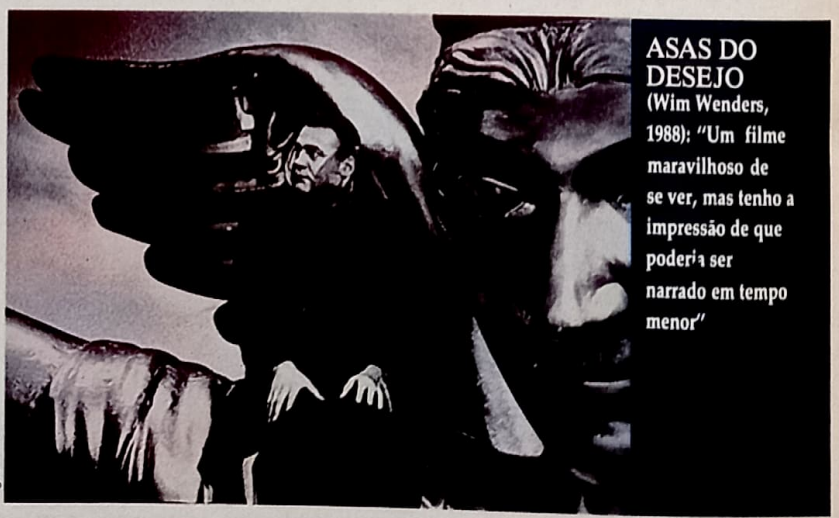
SET — *Você conhece o cinema brasileiro?*

ALMODÓVAR — Glauber Rocha e alguma coisa mais. Também Babenco... Um pouco de Nelson Pereira dos Santos... Faz tempo que não vejo nada de Rocha, mas o que vi me impressionou muito.

por Michel Spitale

Fox

A MALVADA (Joseph Mankiewicz, 1950): "Eu acho que é um modelo em vários sentidos. Se eu tivesse que ensinar como se faz um roteiro, daria o exemplo de *A Malvada*. É um dos meu filmes preferidos de Bette Davis"



Argos Film

ASAS DO DESEJO (Wim Wenders, 1988): "Um filme maravilhoso de se ver, mas tenho a impressão de que poderia ser narrado em tempo menor"

VARGINHA

VIDEO LESTE

MESMOS PREÇOS DA MATRIZ DE SÃO PAULO

O SUL DE MINAS AGORA TEM DISTRIBUIDORA

VARGINHA - MINAS GERAIS
AV.: CORONEL JOSÉ ALVES Nº 361 - SALA 301
VILA PINTO - CEP 37100
FONE: (035) 951-1447

AUVICOM TELECOM II

FEIRA DO ÁUDIO, VÍDEO, COMUNICAÇÕES E TELECOMUNICAÇÕES.

De 1 a 6 de fevereiro de 1991
Parque Anhembi - São Paulo - SP

SETORES:

- Indústria de Equipamentos de Áudio e Vídeo
- Indústria de Equipamentos de Telecomunicações
- Antenas Especiais
- Indústria de Fitas Virgens
- Acessórios para Áudio e Vídeo
- Distribuidoras de Home Vídeo
- Distribuidoras de Vídeo Erótico
- Distribuidoras de Discos
- Computação Gráfica
- Informática para Áudio e Vídeo
- Prestação de Serviços Especializados
- Serviços Bancários
- Imprensa e Revistas Especializadas
- Consórcios

Promoção: Alcantara Machado Feiras e Promoções.

Rua Brasílio Machado, 60 - São Paulo - SP - Tel.: (011) 826-9111 - Telex: (011) 22398 - Fax: (011) 67-3626.

AUVICOM TELECOM II

FEIRA DO ÁUDIO, VÍDEO, COMUNICAÇÕES E TELECOMUNICAÇÕES.

Apoio: UBV UNIÃO BRASILEIRA DE VÍDEO

Se sua empresa deseja participar da AUVICOM-TELECOM' 91, remeta-nos o cupom abaixo devidamente preenchido. Rua Brasílio Machado, 60 - CEP 01230 - São Paulo - SP - Brasil - Telex: (011) 22398 AMCE - BR - Tel.: (011) 826-9111 - Fax: (011) 67-3626.

Nome: _____

Cargo: _____

Empresa: _____

Endereço: _____ CEP: _____

Cidade: _____ Estado: _____ País: _____

Telex: _____ Tel.: _____ Fax: _____

PROMOÇÃO LEVI'S VERÃO AZUL.

Loucuras de verão. A Levi's e a Editora Azul estão dando um superpresente para você. Procure nos revendedores Levi's o selo acima e aproveite, que tudo vai ficar mais azul. Os que vestirem verão.

LEVI'S

EDITORA AZUL

TELAS CANADENSES

Negócios florescentes em Toronto e uma reveladora *unidad* latino-americana em Montreal: os festivais do Canadá têm filmes para amplas freguesias

TORONTO

National Film Board of Canada

We're Talking Vulva, de Shawna Dempsey: alma feminina para fora

Pouco conhecido no Brasil, o Festival dos Festivais de Toronto este ano (de 6 a 16 de setembro) deu um salto: mais do dobro de negócios em relação a 1989, e também de participantes. O que passou a assegurar a esse rico e bem-organizado festival, que acontece também numa das cidades mais prósperas do mundo, o papel indiscutível de principal rampa de lançamento para o mercado cinematográfico americano.

"Os produtores começaram a compreender que, se desejam vender seus filmes para o mercado americano, o melhor lugar não é Veneza nem Cannes, mas Toronto", afirma Helga Stephenson, diretora executiva do festival.

O Festival dos Festivais, que comemorou seu 15º aniversário, não é competitivo. O que lhe permite, cada vez mais, ser sede de diversas estréias mundiais. Ou seja, um filme pode ter sua pré-estréia em Toronto e competir em Berlim, Cannes ou Veneza. Foi o caso, por exemplo, de *Rosencrantz & Guildenstern Are Dead*, de Tom Stoppard, vencedor em Veneza, festival que aconteceu quase simultaneamente ao de Toronto.

Destacaram-se, ainda, este ano, entre as *premières*, *Tune in Tomorrow*, de Jon Amiel, baseado na deliciosa história de Mario Vargas Llosa, *Tia Júlia e o Escrivinhador; Mister Johnson*, de Bruce Beresford, o vencedor do Oscar de 1990 (*Conduzindo Miss Daisy*); e *The Grifters*, o primeiro filme realizado pelo consagrado diretor inglês Stephen Frears nos Estados Unidos.

Mais de 300 filmes, divididos em dez mostras, foram exibidos em Toronto, que poderia ser caracterizado como um festival que mescla a filosofia de Cannes, Berlim e Veneza com a dos festivais de Havana e Moscou. Ou seja, todo o espaço para o cinema do Primeiro Mundo, e também um generoso lugar para o Terceiro. O Brasil compareceu com *Dias Melhores Virão*, de Carlos Diegues, e o curta *Ilha das Flores*, de Jorge Furtado, lotados e muito aplaudidos nas duas sessões.

Cyrano de Bergerac, de Jean Paul Rappeneau, levou o prêmio do júri popular (a mostra não é competitiva). Em Cannes deu a Gérard Depardieu o prêmio de melhor ator.

Office National du Films du Canada

Hemdale Film

Stanno Tutti Bene, de Giuseppe Tornatore

Office National du Films du Canada

Vincent and Theo, de Robert Altman, e o grande vencedor de Montreal, *Caidos del Cielo*, do peruano Francisco Lombardi (à esquerda)

MONTREAL

Na safra canadense, destaque para o comovente *Company of Strangers*, de Cynthia Scott, já premiada nos anos 80 com o Oscar da Academia de Hollywood de melhor documentário. Seu novo filme, um *docu-drama* (documentário-ficção), reúne sete mulheres entre 70 e 80 anos: o ônibus em que viajam quebra à beira de um lago lindíssimo, e pouco a pouco elas vão abrindo o coração umas com as outras.

Five Feminist Minutes, uma seleção de curtas produzidos pelo National Film Board de Montreal sobre a mulher, exibe entre outros o saboroso *We're Talking Vulva*, de Shawna Dempsey, em que uma jovem fantasiada de vulva canta, dança e coloca a alma feminina para fora.

Raspad, do soviético Mikhail Belikov, sobre o acidente nuclear de Chernobyl, impressiona pela força e humanidade com que revela o trágico episódio ocorrido em 1986 na Ucrânia. O espanhol Carlos Saura compareceu com *Ay, Carmela!*, que se passa durante a Guerra Civil espanhola.

Também ambientado nos anos 30, *Bethune*, de Phillip Borsos, produção sino-canadense, conta a saga de um médico socialista do Canadá que se uniu às forças de Mao Tsé-Tung, excepcionalmente interpretado por Donald Sutherland.

Stanno Tutti Bene, de Giuseppe Tornatore (*Cinema Paradiso*), e *Vincent and Theo*, do americano Robert Altman, densa biografia do pintor Van Gogh e seu irmão Theo, estiveram também entre os mais concorridos do XV Festival dos Festivais.

Helena Salem, de Toronto

A imagem se movimenta pelas ruas de Lima enquanto o som fica atento ao que diz um programa de rádio, destes que , lá como cá, batem numa nota de otimismo especialmente dirigida à gente pobre e desesperançada: "Tu eres tu destino!", você faz a sua vida, repete o locutor pausada e enfaticamente ao final de cada historieta (ou leitura de carta de leitor), onde um caso perdido se transformou numa vitória da fé e da esperança.

Assim começa *Caidos del Cielo* (caídos do céu não no sentido de uma graça divina, mas de queda mesmo, da gente que despencou do céu), do peruano Francisco Lombardi, 41 anos, no cinema desde 1972, autor de dezenas de filmes curtos e de seis longos, entre os quais *Muerte al Amanecer* (1976); *La Ciudad y los Perros*, baseado no livro de Vargas Llosa (1983); e *La Boca del Lobo* (1988). *Caidos del Cielo* foi, sem dúvida, o melhor dos filmes do Festival de Montreal (de 23

de agosto a 4 de setembro), merecedor do prêmio máximo da mostra competitiva.

Em torno do filme peruano, havia outras desventuras de outras gentes pobres e expulsas do paraíso, assim como uma construída também em torno de um programa de rádio — *Rafales* (as rajadas de vento gelado no inverno de Montreal), realizado por André Mélançon à maneira de (e dedicada a) John Cassavetes: num assalto a um shopping, um dos ladrões é preso e o outro escapa com o dinheiro; um repórter de rádio convence o assaltante a simular um seqüestro e a invadir o estúdio fingindo que o ameaça para conseguir que a polícia liberte o outro assaltante. Uma outra, construída ainda em torno de um aparelho de rádio (que aqui e ali toca uma lambada), única diversão de uma mulher pobre, alcoólatra, que sobrevive com o pouco que ganha lavando os banheiros da estação de trem: *Sobachi Pire (Vida de Cão)*, de Leonid Menaker. E uma outra, feita na Tchecoslováquia, em 1969, mas liberada somente agora, com a ação ambientada nos anos de desapropriação das fazendas num vilarejo tcheco, *Smutecní Slavnost (Cerimônia Fúnebre)*, de Zdenek Sirový. Outra mais, feita na Espanha e ambientada na Guerra Civil espanhola, em torno de artistas ambulantes, prisioneiros dos franquistas e obrigados a representar para os soldados e para um grupo de prisioneiros poloneses: *Ay, Carmela!*, de Carlos Saura.

All the Vermeers in New York (Todos os Vermeers de Nova York) narra a história de um corretor da Bolsa que, nas horas vagas, vai descansar diante dos quadros de Vermeer no MAM de Nova York, e de sua paixão por uma atriz francesa que encontra ao acaso. *Vincent and Me*, de Michael Rubbo, mostra uma menina desenhista apaixonada por Van Gogh, que viaja no tempo e se encontra com o pintor; e *Mulher na Paisagem*, trabalho terminado pelos produtores (o diretor, Ivica Matic, morreu antes de terminar a montagem deste seu primeiro longa), inspirado na pintura popular iugoslava, que deu à história — de um guarda florestal que pintava as paisagens que guardava — e ao estilo de contá-la, formas simples e cores vivas.

Finalmente, e talvez o mais importante de tudo, o 14º Festival de Montreal teve uma muito boa seleção latino-americana: um único filme brasileiro, *Dias Melhores Virão*, de Carlos Diegues, mais catorze outros filmes, do Chile, Colômbia, Argentina, Venezuela, México, Cuba, Equador e Peru, com destaque para o *La Tigra*, do equatoriano Camilo Luzuriaga; *Sandino*, do chileno Miguel Littin, com o português Joaquim de Almeida (de *Good Morning Babilônia*, dos Taviani) no papel do herói nicaraguense; *Maria Cano*, da colombiana Camila Loboguerrero; *Morir en el Golfo*, do mexicano Alejandro Pelayo; *Mestizo*, do uruguaio radicado na Venezuela Mario Handler, com a brasileira Zezé Motta; e ainda um outro filme peruano, *Ni Con Dios Ni Con el Diablo*, de Nilo Pereira del Mar.

Um detalhe a anotar, a partir do prêmio principal para *Caidos del Cielo*, de Francisco Lombardi: há dois anos um outro filme do mesmo realizador, *La Boca del Lobo*, conquistava prêmios em festivais europeus; ano passado, o *Juliana*, de Fernando Espinoza e Alejandro Legaspi, recebia um prêmio em Berlim e o grande prêmio de Huelva, na Espanha. Alguma coisa de bom e de novo se movimenta no jovem cinema peruano.

José Carlos Avellar
de Montreal

Fotos Grupo Cine-Equador

Ao lado, *Rafales*, de André Mélançon, dedicado a John Cassavetes. Abaixo, *La Tigra*, do equatoriano Camilo Luzuriaga

MARINGÁ

VIDEO LESTE

MESMOS PREÇOS DA MATRIZ DE SÃO PAULO

CHEGAMOS AO PARANÁ

MARINGÁ - PARANÁ
AV.: PARIGOT DE SOUZA, 198 - SALA 2 - CEP 87013
FONE: (0442) 23-0570

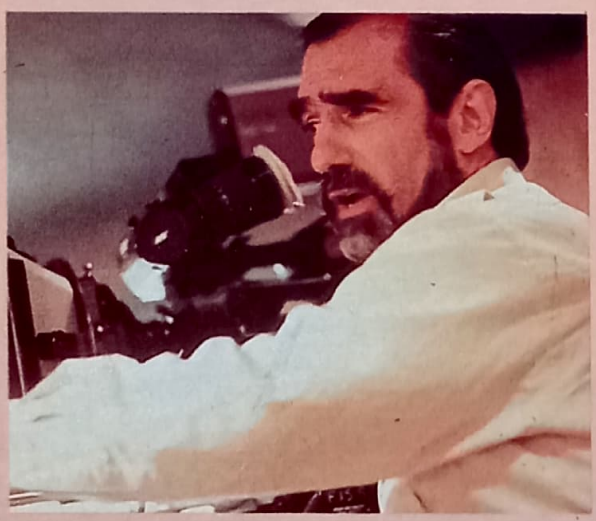
Fotos Warner

GENTE BOA

O novo filme de Martin Scorsese, *Os Bons Companheiros*, mostra de forma vibrante alguns anos da vida de uma *famiglia* mafiosa, lançando Ray Liotta na corrida do Oscar

"No Lower East Side de Nova York, onde cresci", costuma dizer Martin Scorsese, "ou se virava gângster, ou se virava padre". O garoto do Brooklyn, Henry Hill, filho de irlandês com siciliana, nunca teve dúvida: desde a mais tenra idade, nos anos 40-50, sempre quis ser um gângster, o que significava, para ele, impor respeito na vizinhança e não ter de entrar na fila para comprar pão. Na mesma época, a poucas quadras de distância, o descendente de sicilianos, Scorsese, sem porte físico e sangue frio para encarar a violência de seus amigos delinqüentes, sonhava em tornar-se padre. Acabaria abandonando o sacerdócio em favor de outro culto não menos apaixonado — o do cinema.

Os Bons Companheiros é o ponto onde esses dois destinos se encontram. A trajetória real de Hill — contada no livro-reportagem *Wise Guys*, do jornalista Nicholas Pileggi (*ver box*) — foi a matéria-prima que Scorsese encontrou para realizar seu filme mais caro até agora (US$ 25 milhões), que ele define como "um documentário dramático sobre uma cultura que tem suas regras, seu código, suas crenças". Fiel à máxima de Tolstoi ("Se quer ser universal, cante sua aldeia"), o cineasta mergulhou de novo num mundo que já havia visitado anteriormente em *Caminhos Perigosos* (1973) e *Touro Indomável* (1980): o mundo da periferia da Máfia, com seus pequenos tarefeiros, assassinos ocasionais e puxa-sacos de toda espécie. No meio dessas abelhas operárias do crime organizado, que chamam a si próprias de *wise guys* (espertos) ou



Na página ao lado, a quadra de *Os Bons Companheiros:* Liotta, De Niro, Sorvino e Pesci. Canalhas brilhantes sob a direção de Scorsese

OS BONS COMPANHEIROS

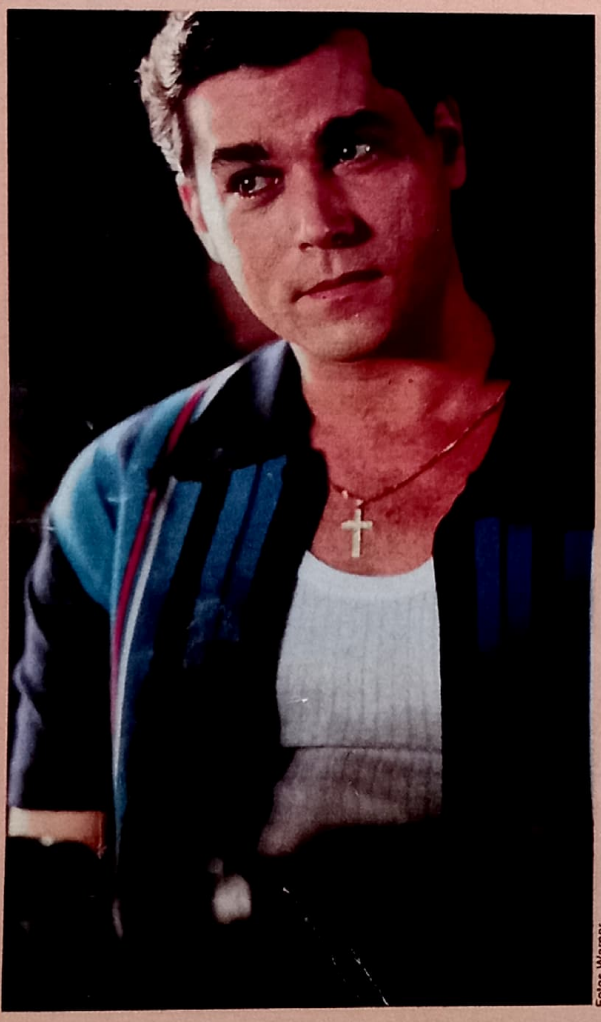
good fellas (gente boa ou bons companheiros), Scorsese se movimenta como se estivesse em casa. Seu objetivo expresso é o de apresentar "o máximo de informações possível" sobre seu objeto, o que implica desfazer os mitos e ilusões que décadas de filmes sobre a Máfia impuseram ao público.

O ANTI-CHEFÃO — A grande obra de referência com a qual *Os Bons Companheiros* dialoga é, sem dúvida, *O Poderoso Chefão* (1972-1974), de Francis Coppola, que a despeito de sua seriedade e consistência, dota de uma aura romântica as famílias mafiosas, graças à sua magnificência visual e grandiloqüência operística. Significativamente, no filme de Scorsese, o itinerário de Henry Hill (Ray Liotta) vai da ilusão romântica ao mais absoluto ceticismo. Aos doze anos, a Máfia é para ele como um prolongamento do feudalismo na América: as relações de dominação entre o mafioso e seus subordinados são a nova versão dos laços de lealdade que uniam, na Idade Média, suserano e vassalos, o primeiro oferecendo proteção e os últimos retribuindo com tributos e serviços. E é com o espírito de um escudeiro ao se apresentar a seu cavaleiro e senhor que Henry passa a trabalhar, ainda adolescente, para o chefão do bairro, Paul Cicero, o Paulie (Paul Sorvino), e torna-se amigo dos *good fellas* Jimmy Conway (Robert De Niro) e Tommy De Vito (Joe Pesci).

Jimmy é seu ídolo e modelo. Gênio do roubo de caminhões e cargas aéreas, estrategista frio, descendente de irlandeses como Henry, ele é o sujeito que cumprimenta sorrindo o desafeto que vai assassinar dentro de meia hora. Tommy é seu oposto: baixinho, agitado, psicótico, sente a necessidade permanente de auto-afirmação, e é capaz de atirar no pé de um garçom adolescente só porque demorou para servir seu drinque. Dos três amigos, é o único que pode ser promovido a membro efetivo da Máfia, graças a seu sangue cem por cento siciliano.

Durante as mais de duas décadas de sua convivência com essa "gente boa", a traição, a violência e a morte passam a ser para Henry uma rotina tão natural como o casamento com a judia Karen (Lorraine Bracco), os filhos, o apartamento ultra-kitsch, as amantes, as noites no Copacabana. Nas mesmas duas décadas, a Máfia siciliana também se transforma, sofrendo uma visível decadência moral, organizativa e cultural.

DEGRADAÇÃO — A tensão crescente e a progressiva crueza de *Os Bons Companheiros* obedecem, portanto, aos imperativos de três movimentos concomitantes e inseparáveis: a passagem de Henry da infância para a idade adulta; o estilhaçamento da visão romântica da Máfia; a degenera-



Ray Liotta, como Henry Hill: católico, meio siciliano, meio irlandês. Por causa da cruz no pescoço, quase ganha a antipatia da sogra, uma judia convicta

Fotos Warner

SEM MERA COINCIDÊNCIA

Os personagens de Os Bons Companheiros *são todos inspirados em indivíduos de carne e osso. Alguns estão hoje atrás das grades, outros embaixo da terra e outros ainda, como Henry Hill, vivem com nomes falsos em cidades do interior dos EUA. Em 1980, depois de 25 anos de serviços prestados, temendo uma "queima de arquivo" por parte de seus* good fellas, *Hill resolveu entregar-se à polícia e contar tudo o que sabia sobre a* famiglia *de Paul Vario (no filme, Paul Cicero), em troca da liberdade e da relativa segurança proporcionada pelo Serviço de Proteção às Testemunhas do FBI. Em busca de dinheiro para as custas do processo, o advogado de Hill procurou, em 1981, a editora Simon and Schuster com a proposta de um longo depoimento de seu cliente para um livro-reportagem. A editora confiou a tarefa a Nicholas Pileggi, da* New York Magazine.

Filho de calabreses, nascido na Little Italy nova-iorquina em 1933, Pileggi era o homem talhado para a missão: expoente do chamado New Journalism, *tinha conquistado fama justamente com suas matérias sobre Máfia e criminalidade para revistas como* Esquire *e* Life. *As entrevistas entre Pileggi e Hill estenderam-se por quatro anos, durante os quais o jornalista desenvolveu por conta própria uma pesquisa paralela. O resultado do trabalho, o livro* Wise Guys, *acabou saindo em 1985 e tornou-se um sucesso instantâneo. Um de seus leitores entusiasmados foi o diretor Martin Scorsese, que na época realizava seu* A Cor do Dinheiro. *O cineasta telefonou para Pileggi e os dois combinaram escrever o roteiro juntos depois das filmagens de* A Última Tentação de Cristo, *já encomendado. O* background *ítalo-americano comum levou os dois a se entenderem tão bem que eles já preparam outro trabalho conjunto: a adaptação de um livro ainda inédito,* The Man Between, *sobre a vida do* wise guy *Johnny Manca, que serviu de conselheiro técnico de* Os Bons Companheiros.

J.G.C.

ção real da organização mafiosa nos anos 70. Essa tripla queda é captada no filme através de uma espécie de escavação geológica, em que camadas de irrealidade são removidas a golpes de observação aguda e ironia implacável. Nesse sentido, a degradação pessoal de Henry — sua promiscuidade sexual, seu envolvimento com o tráfico e consumo de cocaína, sua crescente paranóia e solidão — sintetiza magistralmente a decadência de uma organização criminosa que perdeu o controle de suas próprias atividades e de seus próprios homens.

Mas a crise da Máfia é também uma crise cultural, ética e estética. Uma verdadeira crise de identidade, em que as novas gerações não reconhecem os valores que inspiravam e mantinham coesas as antigas. Às festas familiares de sabor tipicamente siciliano evocadas no início do filme (anos 50) sucedem-se as carreiras de cocaína, os apartamentos cafonas, a decoração pós-moderna e o individualismo feroz dos anos 70. A aparência nobre da organização, que remete longinquamente à propriedade da terra dos antepassados na Sicília, dá lugar à incultura banalizada e desenraizada da metrópole. O código de honra é substituído pelo salve-se quem puder.

Os companheiros só "trabalham" à noite. Jogam baralho semanalmente e, às sextas, vão à boate com as amantes

ESPÉCIE EM EXTINÇÃO — Para uma obra de um cineasta permanentemente obcecado pelos temas do pecado e da redenção, *Os Bons Companheiros* surpreende pela aparente ausência de preocupações metafísicas. O que um olhar mais detido pode revelar, entretanto, é que neste "estudo antropológico sobre uma espécie em vias de extinção" (a definição é do co-roteirista Pileggi) existe uma declaração inequívoca sobre o absoluto vazio espiritual contemporâneo. Scorsese não moraliza sobre esse vazio, simplesmente o apresenta com toda a brutalidade e verismo de que seu cinema é capaz. Se ele acredita ainda em alguma coisa, é na capacidade que tem o cinema de chegar à verdade. À essa crença, Scorsese parece ter canalizado toda a sua paixão e seu fervor religiosos, e é ela que o impede de, mesmo cético, tornar-se um cínico. Mais que isso: é possível mesmo dizer que sua metafísica está na sua arte, ou mais precisamente na sua linguagem.

A "espécie em extinção" de que trata o filme não é apenas a dos *wise guys*. Ao retratá-los como indivíduos absolutamente comuns, despojados de qualquer aura (positiva ou negativa) e tributários das mesmas fraquezas, paixões e mesquinharias de todo ser humano, Scorsese faz de sua queda a queda do homem urbano contemporâneo, desprovido de uma identidade cultural e de parâmetros éticos que o orientem no meio do caos. A "espécie em extinção" é o homem integral, senhor de

Sábado à noite é sagrado: programas com as esposas, que Kate (Lorraine Bracco) aproveita como pode

Jimmy, Hill e Tommy (vivido por Joe Pesci), um psicopata irritadiço, mas com senso de humor

Fotos Warner

suas capacidades e limites, membro de uma comunidade com normas e costumes sólidos. Em seu lugar, há o homem desenraizado e sem alma (porque a vendeu em troca da sobrevivência) em que se converte o protagonista na última parte do filme.

Chegar a esse grau de universalização, a partir do retrato de um mundo tão circunscrito, exigiu que Scorsese lançasse mão de todos os recursos cinematográficos a seu dispor. Com um vigor e uma segurança raramente encontrados no cinema atual, ele faz literalmente de tudo nas duas horas e meia que dura o filme. Da câmera na mão usada em evocações fugazes da infância aos longos planos fixos carregados de silêncio e tensão, passando pela câmera lenta, congelamento da imagem, letreiros, travellings e panorâmicas, *Os Bons Companheiros* é um compêndio inigualável de técnicas e formas narrativas.

CINEMA TOTAL — Cada seqüência se desenvolve como uma unidade autônoma, mas seu sentido é iluminado e enriquecido pelo conjunto. A cena de abertura, repleta de violência súbita e humor negro, é o exemplo mais perfeito desse procedimento, e dá o tom ao resto do filme: Henry, Tommy e Jimmy rodam à noite por uma estrada deserta quando ouvem um barulho no porta-malas. Abrem-no e constatam que o homem que julgavam morto está vivo, debatendo-se, ensangüentado, contra o capô. Depois de um instante de hesitação, Tommy perfura-o várias vezes com uma faca de cozinha. Há em seguida um corte abrupto: o filme volta à infância de Henry e avança até chegar à mesma cena, no meio do filme. Apenas então o espectador poderá compreendê-la, e só ao final poderá avaliar a extensão de suas conseqüências. Essa estrutura fragmentada e circular (ou, mais propriamente, espiral), com avanços e recuos, pausas e acelerações, é o que dá ao filme seu caráter frenético e alucinante.

O mesmo trio, quando jovem, em princípio de carreira

O que mais impressiona nesse exercício de cinema total, em que o virtuosismo está sempre a serviço da investigação crítica e do impacto emocional, é o completo controle do ritmo. Scorsese faz o que quer com o tempo, compactando vários anos em poucos minutos ou deixando transcorrer toda uma seqüência pela duração real da ação.

Algumas passagens são exemplares no perfeito casamento entre a linguagem adotada e o sentido dos acontecimentos. Quando Henry leva sua namorada pela primeira vez à boate Copacabana, uma *steadycam* acompanha praticamente sem cortes a entrada do casal pela porta dos fundos e seu avanço por corredores e escadas, diante dos sorrisos e cumprimentos dos empregados a quem Henry distribui gorjetas, até a chegada à mesa junto ao palco. É a autêntica vertigem do poder, tornada sensível por imagens vigorosas.

Mais para o fim, a paranóia de Henry, viciado em cocaína, é mostrada numa seqüência febril, retalhada em planos curtos e rápidos em que o protagonista tenta cumprir atabalhoadamente suas tarefas do dia: cozinhar uma macarronada, conseguir dinheiro, fugir da polícia.

Também a trilha sonora acompanha essas mudanças de registro

Emoção tamanho família.

Na palma da mão
Super compacta, super leve, ergonométrica, a videomovie GR-AX 70UM da JVC oferece grandes recursos para que você possa gravar tudo, sem perder nenhum detalhe: zoom que vai de um plano geral ao close; inserção de data e títulos gráficos coloridos; cabeça apagadora rotativa que elimina ruídos e interferências

entre duas cenas; altíssima sensibilidade (3 lux), que permite gravações até mesmo com a iluminação de um simples abajur. Tudo, em apenas um toque.

No seu estilo de vida.
GR-AX 70UM cai como uma luva no seu jeito de viver. Muito prática e fácil de operar, permite gravar com absoluta rapidez e perfeição de imagens, os momentos mais importantes de sua vida. Ideal para viagens e aventuras. GR-AX 70UM COMPACT VIDEOMOVIE. Guarde para sempre emoções tamanho família.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA
TECNOVIDEO®
CENTRAL DE ATENDIMENTO: (011) 815-9144

JVC®

e, às vezes, as ocasiona. Uma balada melosa na voz de Tony Bennet inunda de ironia um assassinato brutal. O rock furioso dos Rolling Stones ou de Sid Vicious sublinha a ansiedade cocainômana de Henry e sua mulher, assim como a lisérgica segunda parte de "Layla", de Eric Clapton, denota sua apatia quase catatônica. A própria bifurcação da narração em *off*, que a partir de um certo momento passa a ser dividida entre Henry e Karen, obedece ao sentido geral de desintegração sugerido pelo filme.

DESCONSTRUÇÃO — Esse conjunto ao mesmo tempo heterogêneo e harmônico de técnicas impõe ao espectador não a identificação com os personagens, mas a sensação de estar perto deles e de ser-lhes semelhante. A visão objetiva, multifocal, quase entomológica de Scorsese é a sua forma oblíqua de compaixão por esses pobres-diabos que, como todos os homens, um dia julgaram-se senhores de seu destino. E é também dentro dessa perspectiva que a polêmica brutalidade do filme se diferencia da exibida pelos *Rambos* e *Máquinas Mortíferas* da vida. Em *Os Bons Companheiros*, a violência — física, psicológica ou verbal — não é um jogo maniqueísta entre bonecos de videogame, mas uma forma espúria de relação e comunicação entre homens de carne e osso, um gesto primal que desfigura tanto quem o sofre como quem o desfere. Ao contrário da banalização da agressão operada pelo cinema atual, Scorsese procede a uma autêntica desconstrução de seu mecanismo diabólico, mostrando o fermentar de sua gênese e repetindo cada golpe sob vários ângulos e em câmera lenta. Passada a sangreira, o que fica no espectador é a aversão e a náusea. Essa nova sintaxe da violência é o que faz de *Os Bons Campanheiros* o que ele é: uma obra-prima.

José Geraldo Couto

Fotos Warner

Começa a decadência: cumprindo pena, Henry recebe a visita da mulher aflita, com os dois filhos. Em liberdade, Jimmy vai aos poucos se tornando um assassino frio

LA FAMIGLIA

Como o chefões da Máfia, Martin Scorsese, 48 anos, gosta de se cercar de colaboradores em quem pode confiar cegamente. A montadora Thelma Schoonmaker (Oscar por Touro Indomável*) e o fotógrafo alemão Michael Ballhaus (*Depois de Horas**, A Cor do Dinheiro*, A Última Tentação de Cristo**) têm posto garantido nessa* famiglia*, mas seu membro mais destacado é o ator Robert De Niro, 47 anos, amigo do cineasta há vinte anos e astro de* Caminhos Perigosos, Taxi Driver, New York, New York, Touro Indomável *e* O Rei da Comédia*. A reunião de De Niro e Scorsese em* Os Bons Companheiros *significa para ambos uma espécie de volta por cima depois de alguns passos em falso que deram separadamente. Com uma interpretação contida e cheia de nuances, De Niro — cuja atividade mais notável nos últimos tempos tinha sido a criação da casa independente de cinema TriBeCa, em Nova York — mostra que ainda é um dos grandes atores americanos. Outro ator que volta a revelar seu potencial dramático em* Os Bons Companheiros *é Joe Pesci, 47 anos. Indicado para o Oscar de coadjuvante em 1980 pelo papel de irmão de Jake La Motta (De Niro) em* Touro Indomável*, Pesci vinha desperdiçando seu talento em personagens cartunescos como os que interpretou em* Máquina Mortífera 2* *e* Moonwalker**.*

A estas feras da equipe permanente de Scorsese vêm juntar-se dois novatos que têm tudo para conquistar cadeira cativa: Ray Liotta e Lorraine Bracco. Nascido em Newark, Nova Jersey, Liotta, 35 anos, estudou Belas Artes em Miami antes de despontar no cinema encarnando personagens como o ex-namorado perverso de Melanie Griffith em Totalmente Selvagem* *e o jogador de beisebol fantasma de* O Campo dos Sonhos*. À maneira de seu personagem Henry Hill, ele se afirma entre os veteranos em* Os Bons Companheiros *graças a uma energia e uma convicção impressionantes. A nova-iorquina Lorraine, 35 anos — cuja semelhança com Debra Winger chega a ser espantosa em alguns momentos — é mulher do ator Harvey Keitel (outro membro ocasional da* famiglia *Scorsese). Passou dez anos em Paris, onde trabalhou como modelo e atriz. Seus papéis no cinema — como o da esposa de Tom Berenger em* Perigo na Noite* *— nunca tinham feito jus a seu talento e beleza. Em* Os Bons Companheiros *ela se revela uma mistura fatal de elegância esguia e vulgaridade suburbana, determinação e sensualidade.*

J.G.C.

* Disponível em Vídeo

Goodfellas, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Martin Scorsese ■ Com Robert De Niro, Ray Liotta, Joe Pesci, Lorraine Bracco, Paul Sorvino, Frank Sivero, Tony Darrow, Mike Starr ■ ROTEIRO: Nicholas Pileggi e Martin Scorsese, baseado no livro *Wise Guys*, de Nicholas Pileggi ■ FOTOGRAFIA: Michael Ballhaus ■ MONTAGEM: Thelma Schoonmaker ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Kristi Zea ■ PRODUÇÃO: Irwin Winkler ■ DURAÇÃO: 146 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

CRICIÚMA

VIDEO LESTE

MESMOS PREÇOS DA MATRIZ DE SÃO PAULO

ESTAMOS TAMBÉM EM STA. CATARINA

CRICIUMA - SANTA CATARINA
R. JOÃO PESSOA Nº 45 - SALA 207
SHOPPING BOURTULLUZE CENTER - CENTRO
FONE: (0484) 33-7142 - CEP 88800

MARTIN SCORSESE

GENTE SILENCIOSA

O diretor fala da fascinação que tinha pelos gangsters de seu bairro e da eterna parceria com Robert De Niro

Quando lançou *A Última Tentação de Cristo*, o diretor Martin Scorsese incorreu na ira de inúmeros grupos religiosos, todos dispostos a impedir que "O Sacrilégio" chegasse aos olhos de seu rebanho temente a Deus. Martin tinha mais o que temer: junto com os protestos vieram as ameaças, algumas até de morte. Por precaução, em 1988 Scorsese foi a Cannes cercado de guarda-costas. Nunca se sabe...

Num passeio à tarde pela Croissette, um jovem aproximou-se de Martin, correndo e aos gritos. Os guarda-costas voaram para cima do rapaz e o imobilizaram. Mais pálido do que normalmente é, mal Scorsese havia recuperado o fôlego quando reconheceu o jovem gritante: era o ator Ray Liotta, que tentava um contato informal para ver se convencia Martin a escalá-lo para o papel principal de *Os Bons Companheiros*.

Martin baixou a guarda e enxergou em Liotta, pela primeira vez, as qualidades que precisava para compor o personagem de Henry Hill: ambição, doçura e determinação.

Os Bons Companheiros fez de Ray um rei em Hollywood e colocou

Martin — a essa altura, espera-se, acostumado — de volta à berlinda. *Os Bons Companheiros* não somente é um dos filmes mais graficamente violentos da carreira de Scorsese, como agora pode atiçar um vespeiro diferente: o da comunidade ítalo-americana, que não quer se ver exemplificada por um bando de gangsters.

O que Martin tem a dizer a respeito de tudo isso? Sem barba e energético como uma pilha atômica, Martin não economiza palavras para fazer prevalecer seu ponto de vista.

Liotta, De Niro e Scorsese no festival de Veneza deste ano: cercados de guarda-costas

Fotos: Spa Press

SET — Os Bons Companheiros *é o primeiro lançamento de uma série de três filmes diferentes sobre a máfia que estão saindo numa mesma época. Como você vê uma possibilidade de disputa entre seu filme,* Ajuste Final *e* O Poderoso Chefão III, *todos bem cotados para o Oscar?*

MARTIN SCORSESE — Eu sabia que você ia perguntar sobre o *Chefão III* (risos). Durante muitos anos, Francis Coppola e eu conversamos sobre isso. E ele perguntava: "Quem vai fazer *O Poderoso Chefão III?* Quem vai fazer?" Mas ele nunca disse para mim: "Marty, em 1989 você começa a rodar seu filme, eu começo a rodar o meu, e os dois saem juntos". Mas aconteceu. O que fazer? Também não acho que Francis tenha ligado para os irmãos Coen. Em última instância, existe na América uma espécie de pânico, essa história de competir todo ano por causa da academia, mesmo que você não queira competir.

SET — *Você foi criado numa vizinhança de Nova York, onde era fácil perceber a presença da Máfia. Pode-se dizer até que você cresceu num ambiente parecido com o da adolescência de Henry Hill, o personagem principal de* Os Bons Companheiros. *Você sentia a mesma atração pelo mundo privilegiado dos gangsters, como Henry sentiu?*

MARTIN SCORSESE — De certa forma, sim. Eu tinha oito anos quando percebi que determinado tipo de pessoa era tratado de forma diferente. Não que fossem tratadas de forma diferente, melhor dizer que agiam de forma diferente que o resto da vizinhança. Eu percebia o poder delas, apenas pelo jeito como elas sentavam, ou como as outras pessoas se comportavam na presença delas. Você sentia o poder emanando dessas pessoas silenciosas, muito silenciosas. Mais tarde, no começo da adolescência, tomei conhecimento de um outro tipo de gente: barulhenta, impetuosa, com roupas chamativas. E visivelmente brutal. Mas os silenciosos, os que ficam por trás — lá no fundo do restaurante, ou numa sala privada — eram os que comandavam. E de certa forma, na área onde eu vivia, existiam garotos que almejavam aquilo. Como acontece hoje em dia numa favela — como canta Lou Reed na música "Dirty Boulevard" —, onde o garoto pobre almeja vender drogas ou virar gigolô ao invés de desejar ir para a escola, porque aquele é o único mundo que ele conhece. Na maior parte dos casos, as pessoas queriam distância daquilo, por isso se mudavam. É como Nick Pileggi (o autor do livro *Wise Guy*, que deu origem ao filme, e também co-roteirista) sempre fez questão de frisar: na verdade, existem de 18 a 20 milhões de ítalo-americanos nesse país, enquanto, de acordo com o FBI, os *Goodfellas* são apenas quatro mil. Então é um aspecto muito pequeno da vida da comunidade ítalo-americana.

SET — *Você acha que essa comunidade irá se objetar a este filme da mesma forma que houve uma grita contra* A Última Tentação de Cristo?

MARTIN SCORSESE — Bom, não sei. A comunidade não pode negar a existência desses quatro mil. Eles existem.

SET — *Sai filme, entra filme, você acaba trabalhando de novo com Robert De Niro. O que Robert lhe oferece como ator a ponto de ser convocado para seus filmes repetidas vezes?*

MARTIN SCORSESE — Não é como se a gente tivesse planejado em 1972 ou 1973 fazer 20 filmes juntos. Acontece que ao longo dos anos — especialmente na década de 70 — descobrimos um punhado de projetos que interessavam a nós dois. Ele queria representar aqueles personagens, eu queria lidar com aquele tipo de história. Não foi nada planejado, mas quando você descobre alguém com quem consegue trabalhar tão intimamente, existe um elemento de confiança mútua.

> ***"Os bandidos são sempre mais interessantes que os mocinhos."***

SET — *Você diria que para o público às vezes o bandido seria mais atraente do que o mocinho?*

MARTIN SCORSESE — Em toda a história do teatro, do cinema, dos livros, os personagens que estão do lado do mal, os bandidos, são sempre mais interessantes do que os mocinhos. E os atores muitas vezes gostam de fazer os bandidos porque são mais complexos. E isso vem desde a tragédia grega. Sempre existiu o antagonista que era mais interessante do que o protagonista. Acho que isso ocorre porque nós todos temos nosso lado bom e nosso lado ruim. Esses caras, esses vilões, põem para fora as piores coisas que existem dentro de nós, coisas que sempre sentimos e que sempre desejamos vivenciar. Em certos casos, também gosto quando eles são punidos no final. Mas nem sempre.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

Meio peixe meio mulher num desenho com a marca Disney

A PEQUENA SEREIA

de John Musker e Ron Clements...

Depois de *As Peripécias de um Ratinho Detetive* (*The Great Mouse Detective*, 1986), de John Musker e Ron Clements, os estúdios Disney voltam a produzir um desenho animado digno deste nome. Não por acaso, *A Pequena Sereia* foi concebido pela mesma dupla de diretores de animação. Eles se basearam numa história de Hans Christian Andersen, reatando as ligações entre os *cartoons* e os contos de fadas que existiam em *As Aventuras de Pinóquio* (AB Vídeo), *A Bela Adormecida* (Abril Vídeo), *Pinóquio*, *Alice no País das Maravilhas* e *Cinderela*. Essas relações entre *cartoons* e os contos de fadas estavam interrompidas nos Estúdios Disney desde 1959. Os diretores John Musker e Ron Clements trouxeram em *A Pequena Sereia* algumas inovações que, sem retirar o encanto da narrativa clássica, dão-lhe um toque moderno e alegre (os números musicais, a atmosfera erótica, o final feliz). Todo o desenho possui um ótimo padrão de traços, cores, ritmo, efeitos e personagens.

A sereiazinha Ariel é a filha mais rebelde de Tritão, vivendo no fundo do mar, numa colorida comunidade de sereias macho e fêmea. Seu passatempo predileto é colecionar objetos de naufrágios, cuja utilidade ela tenta decifrar com o auxílio de uma atrapalhada gaivota que, entre outras impropriedades, afirma-lhe que um garfo serve para alisar os cabelos.

A tentação da sereiazinha Ariel é fazer parte do mundo humano, e por isso Tritão encarrega um fiel crustáceo, Sebastian (uma nova versão de O Grilo Falante), de vigiá-la.

Um dos melhores momentos do desenho é quando Sebastian, tentando convencer Ariel de que deve abandonar seu *hobby* e integrar-se à comunidade das sereias, canta *Under the Sea*, a canção vencedora do Oscar, num esplêndido balé submarino inspirado em Busby Berkeley, de cores vivas e ritmo misto de calipso e *reggae*. De resto, todas as canções de Howard Ashman e Alan Menken estão bem integradas à narrativa, dando vida e dinamismo ao desenho.

A sereiazinha descobre, uma noite, um navio em festa e, dentro dele, o homem de seus sonhos — o príncipe Eric. Apaixonada, mas frustrada pelo pai, ela se torna uma presa fácil das enguias comandadas por uma pérfida feiticeira em forma de polvo — a poderosa Ursula, uma das mais impressionantes criações dos quatrocentos artistas da Disney, que trabalharam quase três anos na confecção do desenho. Ursula é metade mulher e metade polvo. Seus tentáculos são, ao mesmo tempo, membros que lhe servem para a locomoção e caldas do vestido negro que lhe cai do busto, envolvendo seu corpo deformado pela gordura e pela maldade. Seu rosto, pálido e muito maquilado, lembra o de outras mulheres-megeras de Disney, delas diferindo, contudo, por seu caráter balofo e vulgar. É, assim, mais como uma dona de bordel do que como uma figura aristocrática, que Ursula se apresenta, e o seu número musical, *Poor Souls*, é inspirado nas canções de cabaré e nos arranjos de Kurt Weill.

Ursula é a personificação do Mal. Ela se utiliza do estado de fragilidade dos amantes para roubar-lhes a alma. Convence, assim, a sereiazinha a dar-lhe sua voz em troca de pernas humanas, obten-

Ariel entre os companheiros: um Disney como nos velhos tempos

Fotos: Warner

do um curto prazo para beijar seu amado, antes de ser conduzida a um triste jardim, onde as vítimas de Ursula são transformadas em anêmonas.

Sebastian tenta ajudar Ariel criando um clima romântico em torno da barca que conduz o jovem casal — outro belíssimo número musical, intitulado *Kiss the Girl*. Mas Ursula joga sujo, pois sua meta é usurpar o poder de Tritão, tomando-lhe a coroa e o tridente. Nas seqüências finais, a bruxa submarina atinge dimensões descomunais, desencadeando uma catástrofe no oceano — um clímax só atingindo anteriormente nos estúdios Disney na metamorfose de Malévola (Maleficent) em Dragão, no longa *A Bela Adormecida*.

Se nas próprias palavras de Disney tanto melhor é o desenho quanto pior o seu vilão, *A Pequena Sereia* inscreve-se entre os mais bem-sucedidos desenhos animados dos últimos anos, arrancando aplausos e suspiros da platéia, numa emocionante emulação da eterna luta do Bem contra o Mal.

Luiz Nazário

A sereia humanizada e seu amor terreno (acima) e uma das mais potentes vilãs do mundo Disney, a terribilíssima Ursula, desencaminhadora de sereias

The Little Mermaid, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: John Musker e Ron Clements ■ DIREÇÃO DE ANIMAÇÃO: Mark Henn, Glen Keane, Duncan Marjoribanks, Ruben Aquino, Andreas Deja, Matthew O'Callaghan ■ ROTEIRO: John Musker e Ron Clements ■ DIREÇÃO DE ARTE: Michael A. Peraza Jr. e Donald A. Towns ■ MÚSICA: Alan Menken ■ SUPERVISÃO DE EFEITOS ESPECIAIS: Mark Dindal ■ PRODUÇÃO: Howard Ashman e John Musker ■ DURAÇÃO: 82 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

O superstar fracassa ao continuar *Chinatown*

A CHAVE DO ENIGMA

de Jack Nicholson, com Nicholson, Harvey Keitel...

A abertura promete: em sépia, desfocado, confuso, um casal faz amor. Sabe-se disso mais pelo som do que pela imagem, pelos gemidos e sussuros que cercam o impreciso contorno ondulante que enche a tela. A imagem é fluida porque ela é exatamente isto — uma imagem, tal como está sendo captada pelas lentes da câmera fotográfica de J.J. Gittes, aliás, Jack Nicholson, detetive particular especializado em adultérios e divórcios. "Divórcio é uma coisa que tem sido boa para mim", Gittes/Nicholson filosofa, em off. "Resolvo todos os casos. Acho que resolver um caso de adultério é um ato de compaixão — quando a coisa chega a este ponto, um dos dois, ou os dois, ou o casamento, estão tão irremediavelmente doentes que é melhor mesmo liquidar com tudo." Ao longo das mais de duas horas de *A Chave do Enigma*, Gittes terá amplos motivos para rever sua opinião a respeito das benesses do adultério — infelizmente, o espectador também terá razões para duvidar da necessidade de *Chinatown* (CIC Vídeo) ter um posfácio, especialmente um longo, arrastado e confuso como *A Chave do Enigma*.

Para começar, é absolutamente imprescindível que se tenha assistido a *Chinatown*. Sem isso, toda a interminável farândola de personagens vistos e mencionados, todas as situações comentadas nos diálogos sardônicos (e às vezes crípticos) do roteiro de Robert Towne (que escreveu o primeiro, e ganhou um Oscar por isso) tornam-se francamente obscuras nes-

Fotos: UIP

ta produção de 25 milhões de dólares. Aliás, mesmo tendo visto *Chinatown*, há vários momentos ininteligíveis em *A Chave do Enigma*. Depois, o que Polanski deu de nervosidade, clareza e tensão a *Chinatown*, Nicholson — o eterno diretor bissexto — evitou em *A Chave do Enigma*. São, é claro, visões diferentes: Polanski, o exilado, com uma relação traumática com a "cidade dos anjos", via com uma espécie de clara fúria a história de incesto, traição e morte que parafraseava a própria explosão cancerosa de Los Angeles. Nicholson, o cidadão local, se permite o olhar lento, preguiçoso, condescendente até, sobre as conseqüências desta expulsão: irremediavelmente perdida, agora quase vinte anos depois dos incidentes de *Chinatown*, a cidade caminha, trôpega, para a sua danação, entre terremotos geológicos, existenciais e sexuais. O elenco — Harvey Keitel como o outro Jake, Jake Berman, cujo caso de divórcio Gittes é contratado para resolver, Meg Tilly como sua esposa adúltera que esconde mais de um segredo, Rubén Blades como seu braço direito Mickey Nice — é uniformemente competente, mesmo quando a direção de Nicholson é confusa. (Por que Mickey/Blades é tão mau? E qual sua ocupação, afinal?) Apenas Madeleine Stowe, como a viuvinha Lilian Bodine, um tanto alegre, não segura as inconsistências do diretor, e parece uma caricatura patética e sem função, até desaparecer nas dobras do filme.

Ana Maria Bahiana SET

Insert

Nem lupa nem dinheiro acudiram Nicholson, que queria reeditar seu velho êxito de *Chinatown* (1974), ao lado. Na ocasião, o ator era só ator. Quem o acudia era o diretor Roman Polanski

The Two Jakes, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Jack Nicholson ■ Com Jack Nicholson, Harvey Keitel, Meg Tilly, Madeleine Stowe, Eli Wallach, Frederic Forrest, Rubén Blades ■ ROTEIRO: Robert Towne ■ FOTOGRAFIA: Vilmos Zsigmond ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Jeremy Railton, Richard Sawyer ■ MONTAGEM: Anne Goursaud ■ MÚSICA: Van Dyke Parks ■ PRODUÇÃO: Robert Evans e Harold Schneider ■ DURAÇÃO: 138 min ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

Um "ovo de Colombo" simples e perfeito

CORREIO SENTIMENTAL

de Danniel Danniel, com Johan Leysen...

Contrapondo-se a quase todo tipo de trama amorosa urdida pelo cinema americano atual, esta produção holandesa é enigmática e agradavelmente desconcertante por sua extrema simplicidade. O recado de *Correio Sentimental* mantém uma forte independência das palavras e tal convicção nas imagens que poderia muito bem ser um filme mudo sem perder seu impacto. Não por acaso, o protagonista, o padeiro Johan (Johan Leysen), da minúscula e bucólica cidade do interior da Holanda, é analfabeto e pessoa de pouquíssimas palavras, embora distinto e civilizado. Ele tem 35 anos, mora com a mãe, e irradia uma permamente felicidade que provém do simples fato de estar vivo. As atenções de seu mundo giram em torno da cadela do açougueiro que está para dar cria, ou, quando muito, das pequenas reuniões com amigos num bar. Fora isso, ele passa tardes mormacentas atirando pedras, sentado num banco de jardim.

Nada de relevante acontece (mais parece natureza-morta filmada), até o momento em que os amigos do simpático rapaz convencem-no a arranjar uma namorada através de um correio sentimental, e para isso um deles escreve as cartas por Johan, mas com a inspiração ditada pelo pretendente. Apaixonada pelas cartas, Eva (Marijke Veugelers) vai à cidadezinha disposta a se casar com Johan. Ela vem de uma grande cidade qualquer e se surpreende com a pureza e inocência do rapaz. Diante dela, ele age como uma criança feliz com um brinquedo novo que não sabe usar, e não se importa com isso. Perplexa, Eva sonda o impenetrável mundo dele, quando algo terno e ambíguo acontece.

Exato como um ovo de Colombo (que o rapaz tão bem coloca em pé sobre uma mesa, e que Eva apenas consegue quebrar), *Correio Sentimental* é um arquétipo. Por seu didatismo, pode ser tomado como um conto de fadas, uma parábola sobre o amor ou uma poesia singela. Assisti-lo é o mesmo que passar um apagador numa lousa repleta de teorias. Isso está expresso na intenção do diretor Danniel Danniel ao dizer: "Espero que eu possa mandar as pessoas para casa se sentindo melhor".

Walter de Silva

Ei, Holanda, 1987 ■ DIREÇÃO: Danniel Danniel ■ Com Johan Leysen, Marijke Veugelers, Jake Kruyer, Coby Timp, Peter Smits, Piet Kamerman ■ ROTEIRO: Danniel Danniel ■ FOTOGRAFIA: Erik van Empel ■ MÚSICA: Michel Mulders ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Michal Shabtay ■ MONTAGEM: Menno Boerema ■ PRODUÇÃO: René Scholten ■ DURAÇÃO: 58 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Pandora

Pandora

O padeiro Johan (Leysen) atento ao seu pequeno mundo, onde pouca coisa acontece

Patrick Dempsey à esquerda, e seu irmão, em tedioso road-movie

Fox

Ganhador de Berlim desmascara nazistas

UMA CIDADE SEM PASSADO

de Michael Verhoeven, com Lena Stolze...

A cidade do título se chamava Passau, reduto provinciano do catolicismo e do nacionalismo germânico. Lá, uma estudante chamada Anja Romus põe a mão no vespeiro do passado hitlerista e enfrenta a cidade inteira, disposta a deixar bem enterrado seu passado de perseguição anti-semita e campos de concentração. Baseado nesse fato, Michael Verhoeven (marido da atriz Senta Berger, diretor de *OK* e *A Rosa Branca*, entre muitos filmes inéditos no Brasil) engendrou um filme político (ganhador do Urso de Prata no último Festival de Berlim) de rara qualidade, num gênero mergulhado em melodramas, thrillers pouco inventivos e realismo vulgar.

A obra de Verhoeven, ao contrário, é antiilusionista e propositalmente artificial, esbanjando sofisticação narrativa (com várias modalidades de fotografia, cenários pintados, muito "distanciamento" e antilinearidade com atores que olham para a câmera e uso de grandes angulares), humor e elenco afiado. Lena Stolze é Sonya (a Anja da história verídica), que se arrisca para pôr em pratos limpos o passado da cidade de Pfilzing (a Passau original).

Em seqüências curtas e deliciosas, Verhoeven (ágil, sem escorregar para clichês fáceis e emotivos) traça um painel sarcástico na história da bela Sonya, criada entre o clero poderoso para ser uma alemã-modelo de uma cidade hipócrita, obtusa e estúpida, onde o nazismo encontrou terreno fértil. Ao tentar fazer uma pesquisa para uma dissertação intitulada "Minha Cidade Natal Durante o III Reich", a alemãzinha "desagradável" se defronta com boicotes, resistências e todo tipo de terrorismo dos poderosos locais numa cidade zelosa em ocultar os arquivos de seu passado de perseguição a judeus e comunistas.

No fundo, o diretor quer mostrar que (em toda a RFA) muitos que eram nazistas, hoje passam por "liberais". Consegue. E de um jeito bem alemão, pondo o dedo justamente na ferida, ele mostra a perpetuação do nazismo nesse "liberalismo" que não admite ser questionado.

Antonio Querino Neto

Das Schreckliche Mädchen, Alemanha Ocidental, 1990 ■ DIREÇÃO: Michael Verhoeven ■ Com Lena Stolze, Monika Baumgartner, Michael Gahr, Fred Stillkrauth, Elisabeth Bertram, Robert Giggenbach ■ ROTEIRO: Michael Verhoeven ■ FOTOGRAFIA: Axel de Roche ■ MÚSICA: Mike Hertung, Elmar Schloter, Billy Gorlt, Lydie Auvray ■ MONTAGEM: Barbara Hennings ■ DIREÇÃO DE ARTE: Hubert Popp ■ DURAÇÃO: 92 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

Art Films

Após descobrir importantes documentos, Sonya (Lena Stolze) é acossada pela imprensa num ágil thriller político

O CADILLAC AZUL

com Patrick Dempsey

Um automóvel bem conservado pode ser a certeza da (re)agregação da família americana? *O Cadillac Azul* quer responder a essa pergunta da maneira mais fácil, barata e sentimental. No ano de 1963, três irmãos, Bobby, Buddy e Marvin (Dempsey, Gross e Stern), de idades e idéias conflitantes, voltam a encontrar-se quase maduros, com a árdua tarefa de levar um Cadillac 1954 de Detroit à Flórida, na casa de verão, onde "os velhos" os esperam. A história se resume na viagem que os três irmãos têm de enfrentar. É um road-movie. Mas só na mais primária classificação. Não há contestação, nem agressões à maneira beatnik nem qualquer filosofia de estrada. Há ingênuas briguinhas de irmãos, armadilhas para variadas mensagens fraternais, ao som de canções dos anos 60. O diretor Joe Roth deve estar se saindo melhor no seu atual emprego. Ele é presidente da 20th Century Fox. Melhor para ele. Espera-se que seja melhor também para o cinema.

Dilson Gomes

Coupe De Ville, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Joe Roth ■ Com Patrick Dempsey, Arye Gross, Daniel Stern, Annabeth Gish, Rita Taggart, Joseph Bologna ■ ROTEIRO: Mike Binder ■ FOTOGRAFIA: Reynaldo Villalobos ■ MÚSICA: James Newton Howard ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Angelo Graham ■ MONTAGEM: Paul Hirsch ■ PRODUÇÃO: Larry Brezner, Paul Schiff ■ DURAÇÃO: 99 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

A SOMBRA MÓVEL

No centenário de nascimento de Fritz Lang, há dúvidas sobre seu passado no Nazismo, não sobre sua genialidade

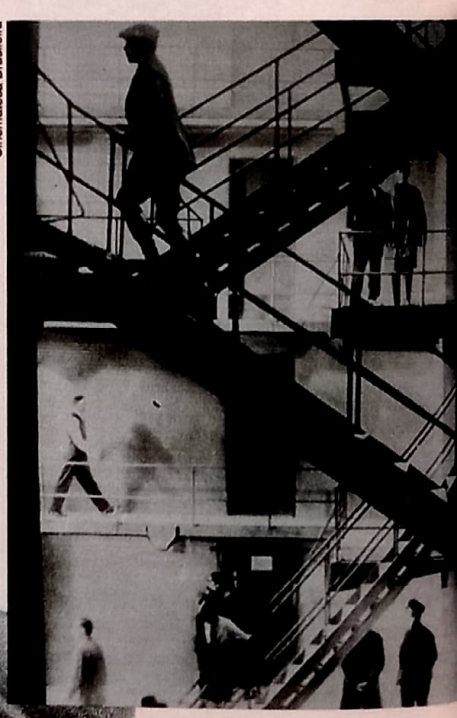
Certa vez Fritz Lang declarou: "É preciso dizer uma coisa: jamais irei para o céu". Os entrevistadores riram do que parecia ser um dito jocoso. Mas, diante das recentes revelações acerca de sua carreira na Alemanha pré-nazista, a piada assume o caráter de uma confissão de culpabilidade. Fritz Lang só se tornou o cineasta antinazista que a crítica geralmente exalta bem longe da Alemanha e muito tempo depois da tomada do poder por Hitler. Seu famoso encontro com Josef Goebbels e a fuga de trem na mesma noite, após receber o convite para dirigir o cinema nazista, parecem ter sido fantasias inventadas por Lang para aureolar sua imagem de exilado com o brilho da resistência. Lang mentiu acerca de seu período alemão e, no ano de seu centenário, convém recordá-lo com uma visão crítica.

Nascido em Viena, a 5 de dezembro de 1890, filho de Anton Lang — proveniente de uma velha família burguesa — e de Paula Schlesinger — judia convertida na infância ao catolicismo —, Fritz Lang poderia seguir a carreira do pai, um arquiteto que coordenava os trabalhos públicos da cidade. Mas, sensível às queixas que dele ouvia a respeito das dificuldades da profissão, Lang matriculou-se na escola técnica apenas para tranqüilizar a família, já decidido a tornar-se um pintor.

Influenciado por Egon Schiele e Gustav Klimt, Lang começa a desenhar, vendendo retratos e decorando cabarés. Repreendido pelo pai, decide percorrer o mundo, viajando para o Oriente, até fixar-se em Paris, onde se matricula numa escola de pintura. É quando o cinema começa a interessá-lo. Em 1914, porém, a Primeira Guerra Mundial desperta os seus sentimentos patrióticos: engaja-se voluntariamente como soldado, é ferido diversas vezes, condecorado e promovido a oficial. É num hospital militar que o tenente Lang começa a escrever roteiros para o cinema. Mas quando ele vê um filme baseado num dos roteiros que vendeu para Joe May, decepciona-se a ponto de desejar dirigir ele próprio as suas histórias. Seu primeiro filme, *Halbblut* (1919), desapareceu. Mas *As Ara-*

AFP

Quem vê cara vê coração? Um tapa-olho e um monóculo faziam de Lang uma espécie de caricatura de nazista



Cinemateca Brasileira

***Espiões*, de 1929: mundo duplicado e atentados por toda parte**

nhas (Die Spinnen, 1919/20) já contém a técnica de duplicação do mundo que Lang desenvolverá em toda a sua obra, como um verdadeiro *autor* de cinema (ver *Tempos Modernos*).

Harakiri (1919) é a confirmação do gosto de Fritz Lang pelo exótico. Nesta adaptação da história de Madame Butterfly, é a bigamia que duplica o mundo, fazendo com que um marinheiro dinamarquês viva normalmente com sua mulher na Europa enquanto a predestinada gueixa O-Take-San espera, no Japão, com seu filho extremamente loiro, a volta dele. O marinheiro despreza a gueixa, que se mata: o filho loiro é recolhido pelos dois dinamarqueses, indiferentes ao harakiri da amante, num dos mais pérfidos "finais felizes" do cinema.

Em *Corações em Luta (Kampfende Herzen*, 1921), Lang transforma um melodrama de falso adultério numa sinistra alegoria da sociedade como um antro de ladrões. E, em *A Morte Cansada (Der Müde Tod*, 1921), sugere que nada — nem o amor mais puro — é capaz de vencer o Destino.

Em *Dr. Mabuse, o Jogador (Dr. Mabuse, der Spieler*, 1922) e *Dr. Mabuse, o Inferno do Crime (Inferno*, 1923), o diretor cria outra ambígua alegoria do poder oculto, retratando, com pessimismo, os anos loucos da República de Weimar. E em oposição ao "caos" da democracia, Lang imagina outro mundo, mítico e heróico, onde o ideal guerreiro assume a sua forma mais acabada: *Os Nibelungos (Die Nibelungen*, (1923/4).

Depois de criar a paisagem mitológica do sonho germânico, Lang retorna à visão conspiratória da Alemanha moderna, com uma visão profética de 1926: *Metrópolis (Metropolis)*, onde o industrial Fredersen duplica o mundo ao mandar o cientista Rotwang construir uma mulher-robô para controlar os seus operários revoltados. O cientista, que amou e perdeu para o industrial uma mulher que morreu quando o filho daquele nasceu, dá ao robô a aparência da amada Hel, que renasce para levar Freder, filho de Fredersen, à perdição. Mas o robô também se parece com a pregadora Maria, que conquista o coração do jovem. O mundo de Metrópolis ainda se desdobra em cidades subterrâneas, cavernas, passagens secretas, porões com portas automáticas, circuitos fechados de televisão e mecanismos interligados que só revelam sua existência durante a catástrofe final. (Em 1984, Georgio Moroder reconstituiu o filme, colorizou algumas cenas, agregou uma trilha sonora moderna, suprimiu seqüências e incluiu outras que estavam perdidas. Não foi a restauração final: o crítico alemão Patalas realizou a mais completa de todas as versões.)

Em *Espiões (Spione*, 1927), Lang duplica novamente o mundo, apresentando uma rede internacional de espiões que cometem atentados no mundo inteiro, arquitetados por um banqueiro supercriminoso que expande seu poder no subterrâneo.

A Mulher na Lua (Frau im Mond, 1928) trata das possibilidades ilimitadas da exploração de colônias em outros mundos. E *M, o Vampiro de Dusseldorf (M*, 1931) sugere a pena de morte contra criminosos psicopatas e doentes mentais perigosos.

Esgotando as possibilidades reais do crime, Mabuse reaparece como um louco dotado de poderes sobrenaturais em *O Testamento do Dr. Mabuse (Das Testament des Dr. Mabuse*, 1933), uma fantasia sobre a possibilidade de uma tomada do poder por grupos criminosos através de atentados terroristas que desestabilizariam a democracia, e que foi proibida pelos nazistas no poder, temerosos de que o método sugerido por Lang e posto em prática por Hitler fosse agora adotado contra a nova ordem.

F.J. Lucas Vídeo

M, o Vampiro de Dusseldorf, de 1931: pena de morte contra psicopatas e doentes mentais perigosos

Provavelmente desgostoso com a proibição de seu filme, Lang deixa a Alemanha e, depois de realizar um filme na França, *Coração Vadio (Liliom*, 1934), fixa residência nos Estados Unidos, onde sua carreira muda decisivamente de orientação ideológica, iniciando-se já com uma forte crítica ao irracionalismo das massas em *Fúria (Fury*, 1936). Mas tanto em sua fase americana quanto em seu segundo período alemão, em faroestes, policiais, filmes de aventura e dramas psicológicos, Lang imprimirá a sua visão sombria do homem, criando sempre um universo carregado de culpa, onde o Bem e o Mal se misturam em doses iguais, num mundo paranoicamente duplicado pela incessante metamorfose das coisas.

Luiz Nazário SET

DEZ OPÇÕES PARA OS OUVIDOS

Para as festas que vêm chegando, nada como presentear com finos biscoitos musicais, para todos os gostos

Aquela época do ano em que as pessoas costumam trocar presentes se aproxima. Aqui vão dez boas sugestões para agradar os amantes de trilhas sonoras e música de cinema em geral, baseadas nos lançamentos dos últimos doze meses. Um pouco de grana no bolso e... boas festas:

◆ *American Graffiti — Vários* (MCA/WEA): Um *must* da era dourada do pop na virada dos anos 50/60 neste álbum duplo reeditado este ano. Conquista desde a mamãe e o papai até a molecada. Para o presente ser completo, basta incluir também *More American Graffiti* (MCA/WEA), outro LP duplo que, apesar de não se tratar de uma trilha sonora, traz um repertório exatamente no mesmo estilo, com outras pérolas do período.

◆ *sex, lies and videotape — Cliff Martinez* (Virgin/EMI-Odeon): Um trilheiro praticamente desconhecido que se sai com um disco pautado pela originalidade na utilização de teclados e samplers. Altamente recomendável.

◆ *I'm Breathless: Music Composed and Inspired by the Film Dick Tracy — Madonna/Dick Tracy: Selections from the Film — Vários/Dick Tracy: Original Score — Danny Elfman* (Sire/WEA): Aqui o presente ideal é o trio, mas se for para escolher um deles fique com o *Selections...*, um passeio musical de estrelas pop de várias épocas e tendências pelo som dos anos 30/40.

◆ *My Left Foot/DA — Elmer Bernstein/Music Box — Philippe Sarde/Back to the Future-Part III — Alan Silvestri* (Varèse Sarabande/Eldorado): Para comemorar a volta do selo americano Varèse Sarabande ao mercado brasileiro, esta trinca também merece ser citada. Duas trilhas pouco representativas, mas sempre competentes, do veterano Bernstein, e trabalhos inspirados por parte de Sarde e Silvestri garantem boa música.

◆ *Little Shop of Horrors — Alan Menken* (Geffen/WEA): As estripulias sonoras aprontadas por Menken nos hilários temas de sua loja de horrores podem atrair a atenção não só dos adultos como também dos pimpolhos.

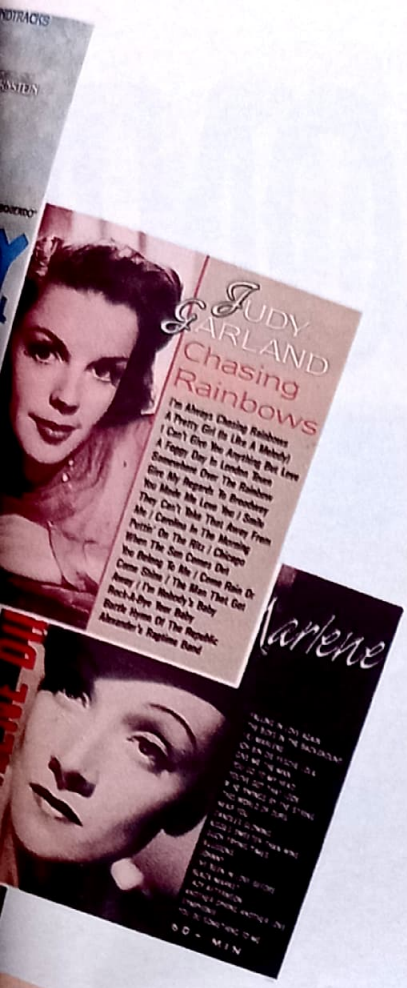
◆ *Chet Baker Sings and Play from the Film "Let's Get Lost" — Chet Baker* (Novus/BMG-Ariola/*Straight, No Chaser — Thelonious Monk* (CBS): O disco de Chet editado no fim do ano passado e o de Monk, lançado há pouco, são brilhantes registros de dois mestres do jazz e servem como prêmio de consolação enquanto os respectivos documentários permanecem inéditos por aqui.

◆ *The Last Waltz — The Band* (Warner/WEA): Ainda no terreno dos documentários, o dirigido por Martin Scorsese em torno do concerto de despedida do quinteto The Band (que criou fama acompanhando Bob Dylan) é um belo testamento musical: um álbum triplo em que seus integrantes contam com as ilustres companhias do próprio Dylan, Muddy Waters, Neil Young e outros.

◆ *Stars of Hollywood — Vários* (MCA/ WEA): Foram editados oito álbuns nesta série. É só escolher quem mais convém ao seu gosto entre *Judy Garland, Al Jolson, Marlene Dietrich, Bing Crosby, Fred Astaire, Sammy Davis Jr., Louis Armstrong* e *Dick Powell*. Qual seu astro ou estrela predileto (a)?

◆ *Chasing Rainbows — Judy Garland/Lili Marlene — Marlene Dietrich/ Puttin' on the Ritz — Fred Astaire/I Wanna Be Loved by You — Marilyn Monroe* (Remember/Movieplay): Na mesma linha da série *Stars of Hollywood*, a gravadora portuguesa Movieplay lança no mercado nacional, dentro da coleção *Remember*, quatro títulos *exclusivamente* em CD. São gravações originais das estrelas cinematográficas, que valem pela curiosidade e, melhor ainda, trazem preços equiparados aos do vinil. Mais meia dúzia de novas boas opções em trilhas, agora disponíveis em CD: *A Clockwork Orange* (Warner/WEA), *2001 — An Space Odyssey, Ben-Hur, The Wizard of Oz* (as três MGM/EMI-Odeon), *The Blues Brothers* e *The Sting* (ambas MCA/WEA).

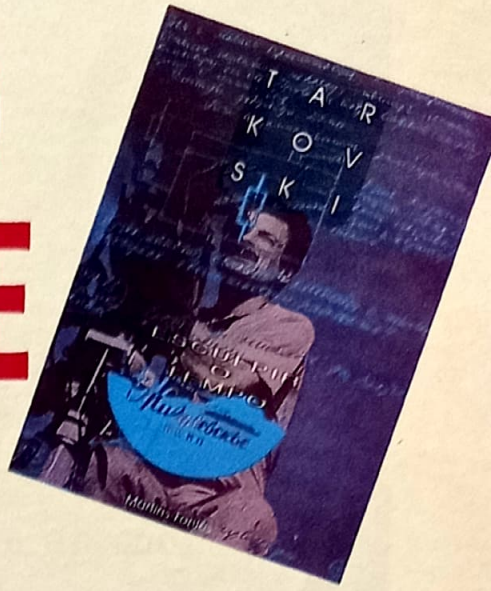
◆ *Twin Peaks — Angelo Badalamenti* (Warner, importado): Para terminar, quem tem um pouco mais para



gastar pode optar por importar este álbum. Trata-se na verdade da trilha da série-sensação na TV americana, composta pelo italiano Angelo Badalamenti e com eventuais letras do diretor David Lynch. É uma viagem musical pelo mundo fantástico que caracteriza o programa.

Celso Pucci

TESTAMENTO LITERÁRIO DE TARKOVSKI



Esculpir o Tempo, escrito pelo cineasta russo, traz suas idéias sobre arte, cinema e vida

O homem nasce. O homem luta, ri, sofre, ama e lembra. O homem morre. Enquanto isso, o cineasta, com seus sentidos e sua câmera ligados, captura em milhões de metros de película cada naco desses momentos. Depois, esculpe um bloco sólido de tempo até obter 90 minutos de imagens plenas de ritmo e verdade, recriando a vida. Assim Andrei Tarkovski, o cineasta russo considerado por Ingmar Bergman o melhor do mundo, concebe uma seqüência ideal de filmagem.

Tarkovski, falecido em 86, aos 54 anos, vítima de câncer, foi um homem de múltiplos talentos. Música, pintura, escultura. Seu primeiro filme, *A Infância de Ivan* (1962), arrebatou o Leão de Ouro em Veneza, e dez anos depois *Solaris* levou o prêmio especial de júri em Cannes.

À exceção de *A Infância...* e *Andrei Rublev* (1966), sua obra foi lançada em vídeo no Brasil (ver box). Assim, é simples conferir seus planos longos e lentíssimos, o texto denso e poético, a forte plasticidade. Tarkovski também assina idéias polêmicas sobre arte, cinema e vida. O resultado é o volume *Esculpir o Tempo*, em belíssima edição brasileira, com 79 fotos, papel vergê e poemas de Arseni Tarkovski, pai do autor.

A teoria de Tarkovski nasce da prática. Enquanto matura e executa seus filmes, ele sintetiza seus ideais éticos, estéticos e morais. Como um possesso, Andrei afirma que o cinema ainda engatinha, mas tem possibilidades infinitas. Afinal, é a única arte capaz de registrar e reproduzir o tempo real.

Andrei Tarkovski morreu imediatamente após finalizar *O Sacrifício* (1986), filme-testamento que resume seus ideais: só com poesia, fé e paixão podemos reacender a esperança. Para quem ainda acredita em milagres, *Esculpir o Tempo* é um livro fundamental.

Celso Cruz

Esculpir o Tempo — Andrei Tarkovski — trad. Jefferson Luis Camargo — Ed. Martins Fontes, 306 págs.

ANDREI TARKOVSKI EM VÍDEO

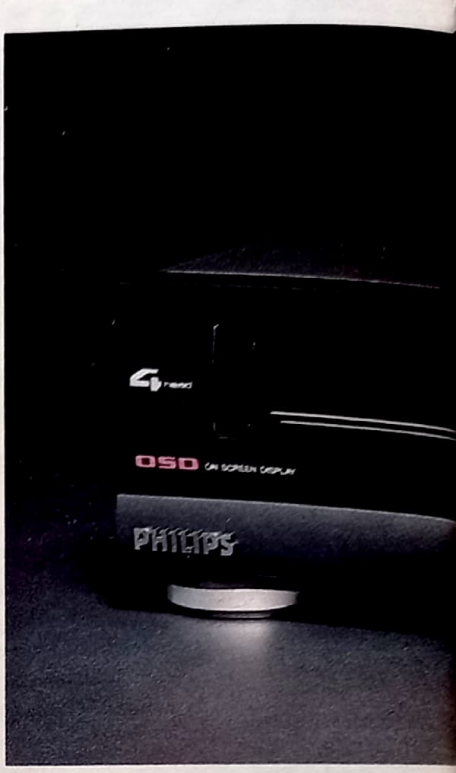
SOLARIS (URSS, 1972), Taipan ■ O ESPELHO (*Zerlako*, URSS, 1974), Taipan ■ STALKER (URSS, 1979), Taipan ■ NOSTALGIA (Itália, 1983), Polevídeo ■ O SACRIFÍCIO (*Offret*, França/Suíça, 1986), Polevídeo.

Taipan

Donatis Banionis e Natalya Bondarchuk em *Solaris*, obra-prima de Tarkovski

O PROFISSIONAL

Com o VR 6491, um cardápio de sofisticações de estúdios comerciais se coloca ao alcance de qualquer amador



O modelo importado VR 6491 da Philips pertence à mais nova geração de aparelhos de videocassetes com recursos mecânicos semelhantes aos dos VHS profissionais.

Uma das grandes vantagens desse aparelho é preservar a fita de ondulações em uma de suas bordas e amassamentos, que resultam na sua inutilização. Mas esses recursos sofisticados ainda são exceções. A presença desses recursos mecânicos profissionais em aparelhos domésticos como o VR 6491, está longe de ser uma tendência predominante no Brasil. Em parte, isso se deve à lentidão dos fabricantes nacionais. Além disso, o usuário demora muito a trocar o vídeo que ele tem em casa, adquirindo um aparelho de nova geração.

MECÂNICA AVANÇADA — Uma das principais características do VR 6491 é a mecânica de carregamento *half-loading* (carregamento parcial), análogo ao das ilhas de edição profissionais. Nessa posição, a fita magnética fica em contato com as cabeças de vídeo, mesmo na condição *stop*. O benefício do *half-loading* é a execução de operações mais rápidas e precisas na mudança de *stop* para *play*, por exemplo.

Outra característica do VR 6491, inspirada nas máquinas profissionais e ausente em todos os outros videocassetes domésticos atuais, é a operação de *eject*, que só se completa se o aparelho estiver na condição *stop*. Esse recurso evita que a fita sofra algum tipo de dano ao ser acionada acidentalmente a tecla *eject* na condição *play*.

MICROPROCESSADOR — Os recursos do VR 6491 são gravados num *chip* (microprocessador) denominado controlador do sistema. Uma das operações automatizadas por esse microprocessador é o recurso *go to* ("vá para", busca por endereçamento eletrônico) de fácil operação. Pressionando-se a tecla *go to* aparece na tela a palavra *now* (agora), seguida da hora, minuto e segundo do tempo decorrido da fita. Em seguida, digitam-se os algarismos correspondentes à hora, minuto e segundo para a localização da cena procurada. Após esse procedimento, é só pressionar a tecla *play* que o trecho desejado será exibido.

O recurso da imagem congelada *(still)* apresenta-se muito bem no VR 6491, com boa resolução de

FICHA TÉCNICA

MARCA/MODELO	TIPO DE APARELHO	N.º DE CABEÇAS DE VÍDEO	GERAÇÃO TECNOLÓGICA	MECÂNICA	VOLTAGEM	CONTROLE REMOTO	CONTAGIROS/ MENSAGENS	GRAVAÇÃO PROGRAMADA
Philips VR 6491	Gravador de videocassete	Quatro	HQ, áudio mono	*Half-loading*	Seleção automática	Com teclas *power*, OTR (gravação a toque) e teclas para comandar televisor Philips; usa pilhas tipo AAA (ou "palito")	Em hora, minuto e segundo/Mensagens na tela (opcional, via tecla OSD, *On Screen Display*)	8 programas com até um mês de antecedência; gravação a toque até 8 horas, programável com até 23 horas de antecedência, atrasável (recurso "delay") e com incrementos de 15 minutos

DOMÉSTICO

Fotos: Rui Mendes

O VR 6491 e seu controle remoto (no destaque): acessórios através de um bom manual com pequenos defeitos

imagem na tela. O mesmo ocorre com o movimento lento *(slow motion)*. Essa operação é completada com o botão *slow tracking*, que tira os indesejáveis "chuviscos" da imagem ao se congelar a cena.

MANUAL DO PROPRIETÁRIO — O texto do manual abandona o formalismo, à página 25, onde fornece dicas importantes e ainda não encontradas em outros manuais, como "não é necessário selecionar a velocidade da fita para reprodução" (o que é lógico, pois a velocidade só é alterável na gravação); "por razões técnicas, a qualidade da cópia não será tão boa quanto a do original" — o fabricante avisa o consumidor sobre esse detalhe técnico; "o botão *pause/still* não funciona nos modos OTR ou *timer*". Essas dicas são válidas para todos os videocassetes e não apenas para o VR 6491.

No entanto, o manual apresenta alguns deslizes: já que o controle remoto está desenhado em tamanho natural, os nomes correspondentes às suas teclas poderiam ter sido escritos e não apresentados por números-códigos. Além disso, as teclas dois e três estão invertidas no desenho da página três, referentes às funções *eject* e *rec*.

Jairo Tadeu Longhi SET

OPERAÇÕES AUTOMATIZADAS POR MICROPROCESSADOR	EDITA (faz play+pause+rec)	AVANÇO DE QUADRO E SLOW-MOTION	CIRCUITO REALÇADOR DE DETALHES	CHAVEAMENTO NTSC/PAL-M	ACESSÓRIOS	DIMENSÕES	PESO	PRAZO DE GARANTIA	PREÇO
Eject, mesmo desligado, *auto-power+play*, rebobina ao final da fita e, no caso de gravação, também dá *eject* e se desliga	Sim, mas não tem conector *pause* para filmadora	Sim, com velocidade variável de *slow* nas teclas de canais	Embutido	Automático, com opção manual na chavinha	Cabo coaxial, balum cachimbo, divisor para UHF, misturador para UHF, pilhas	36 x 33 x 9 cm	5 kg	1 ano	Entre Cr$ 75 000,00 e Cr$ 90 000,00 (valores de outubro, sujeitos a alterações do mercado)

bolsa do vídeo
COMPRAMOS
Seu vídeo-cassete e pagamos
o melhor preço do mercado
TROQUE SEU VÍDEO
Por um modelo mais novo e dê o
seu aparelho como parte do pagamento
Adquira seu vídeo com
GARANTIA DE UM ANO
Fazemos TRANSCODIFICAÇÕES em uma hora.
Consulte-nos de 2ª à 6ª f. das 9:00 às 19:00 hs.
Av. Rouxinol, 1056
(011) 533-6469 / (011) 530-5766
(011) 530-4717 / (011) 240-4655
Av. Rebouças, 1678
(011) 64-7422 / (011) 64-0721
(011) 64-7084
São Paulo - Capital
aceitamos todos cartões de crédito

MERCADO DO VÍDEO
COMPRAMOS VÍDEOS E CÂMERAS USADOS
VIDEO-TEC SERVICE
ASSISTÊNCIA TÉCNICA DE VÍDEOS E CÂMERAS
ORÇAMENTO
E TRANSCODIFICAÇÕES NA HORA
FACILITAMOS PAGAMENTOS
● TRANSCODIFICAMOS FITAS DO SISTEMA EUROPEU (PAL-G) PARA NTSC.
TROCA DE CABEÇA
A PARTIR DE 100 BTNS
NA HORA
● MANUAIS DE VIDEO E CÂMERAS EM PORTUGUÊS
MOEMA
Av. Pavão, 690
Fones: (011) 241-4062/533-3290
e 533-5909
JARDINS
Rua Batatais, 110
Fones: (011) 887-9130/884-4722

CARTAS

Sobre SET

Venho notando uma acentuada decadência editorial de SET em suas últimas edições. A começar pelos editoriais. Em sua edição de novembro de 1988 (n.º 11, ano 2), com a bela capa do filme *Uma Cilada para Roger Rabbit*, o editorial mostrava a contribuição da obra para a história do cinema com um texto inspirado e cheio de idéias instigantes sobre o desejo de ver e fazer cinema. Contudo, SET tem adotado uma linguagem muito objetiva e com idéias descartáveis. Exemplifico comparando os textos sobre os filmes *A General* (n.º 11, ano 2) e *Morte em Veneza* (n.º 7, ano 4). Enquanto o primeiro é repleto de informações, o segundo, ao contrário, transforma o filme numa incógnita para o leitor. Faço essa crítica pois desejo a cada edição o avanço intelectual da revista para que possamos "compartilhar uma afeição. O desejo do desejo de outros mundos".
Renato Pena de Araújo
(Uberaba — MG)

Trilhas Sonoras

Sou leitor assíduo de SET e é com grande pesar que venho constatando o pouco interesse no tocante à música de cinema. Deixo registrado aqui o meu repúdio ao crítico responsável pela seção, por demonstrar total falta de conhecimento sobre o assunto e por desrespeitar os músicos que compõem as trilhas sonoras, os quais ao longo de suas carreiras provaram que nada devem a compositores como Mozart e Tchaikovsky.
Ricardo Ubiratan
(Campinas — SP)

Gostaria que vocês me desculpassem, pois confesso que me enganei ao tentar levantar uma discussão séria sobre o desrespeito com que SET trata as trilhas sonoras. Andei folheando os números antigos de SET e, por curiosidade, olhei o expediente da revista. Qual não foi minha surpresa ao constatar que a equipe redacional havia sido trocada e que a seção Trilhas Sonoras era escrita por outras pessoas que me pareceram especialistas no assunto. Percebi, então, que o crítico Celso Pucci nada mais é do que um elaborador de texto e, portanto, não deve ser encarado como crítico — aí reside o meu engano. Percebi, também, que a intenção dos antigos editores era a de informar, dar acesso a entrevistas com cineastas realmente interessantes e atores igualmente talentosos, sempre com abordagem objetiva e coerente. Hoje se vêem páginas reduzidas com matérias pré-fabricadas, tendência exacerbada ao modismo e destaques para filmes de puro apelo popular. Tudo isso, aliado à contratação de pessoal não-especializado, leva a crer que a seriedade previamente delineada pelos editores originais deu lugar a uma medíocre mentalidade caça-níquel. Um exemplo da mediocridade de SET foi a palhaçada feita com *Batman*. No auge da moda, o filme foi amplamente elogiado, divulgado e até exaltado. Passado o filme, e logicamente a moda, surgem críticas devastadoras e arrogantes a ele. Na certeza de ter sido bastante repetitivo e totalmente enfadonho, mando abraços.
André Lux
(Campinas — SP)

Century
Keaton

De todas as mudanças pelas quais SET vem passando, a que mais gostei foi a realizada na seção Cartas. Percebe-se que SET respeita seus leitores dando mais espaço a suas opiniões, desempenhando um importante papel na imprensa cinematográfica.
Valdemir Ribeiro Francisco
(São Paulo — SP)

Cinema Nacional

Discordo de certos leitores que criticam SET, afirmando que esta revista trata com descaso o cinema nacional. Afinal, me pergunto, será que o cinema nacional merece alguma atenção? Nossos filmes são pouco inteligentes e abusam do apelo pornográfico. É triste, mas torço para que ele saia do buraco.
Patrícia Lima Grillo
(São Paulo — SP)

Mito

Gosto da revista SET, e especialmente da seção Mito, que na edição n.º 8 (ano 4) enfocou formidavelmente o ator Johnny Weissmuller.
Valdeci Donizetti Pascai
(Bragança Paulista — SP)

Lupe Velez

Aponto dois lamentáveis equívocos cometidos na seção Mito sobre Johnny Weissmuller (n.º 8, ano 4). Primeiro, a grande atriz mexicana Lupe Velez (nascida Guadalupe Villalobos) jamais foi uma simples "engolidora de fogo" como vulgarmente denominada pelo autor do texto. No início de sua carreira, final dos anos 20, foi uma intérprete dramática com memoráveis atuações. Em fins dos anos 30 e começo dos 40, Lupe foi uma ótima comediante, vivendo o tipo de latina explosiva. Ao lado de Leon Errol e do galã Donald Woods, Lupe fez a série *Spitfire*, para a RKO-Radio. Nesses filmes, Lupe tinha a alcunha de "cospe

fogo" por ser temperamental; mas jamais uma "engolidora de fogo". O segundo equívoco refere-se à morte da atriz. Lupe suicidou-se em 1945, e não em 1938 como publicado, e muitos anos depois de se divorciar de Johnny Weissmuller. Na época, alguns jornais noticiaram que Lupe se matara por estar grávida, e outros, por causa de um amor não correspondido por um francês. Vejo filmes desde 1934 e Lupe Velez é até hoje uma das minhas estrelas favoritas. Gostaria de acrescentar, ainda, que Lupe visitou o Brasil por volta de 1937 e foi muito bem recebida.
Waldemar Iglésias Fernandes
(Sorocaba — SP)

Essa Estranha Paixão

A crítica feita ao filme *Essa Estranha Atração* (n.º 6, ano 4) fez-me ver que o preconceito ainda está arraigado na mente brasileira. Através de termos como "bizarro" e "tendência" com os quais o crítico se referiu ao personagem central, percebe-se a incompreensão e desinformação que há em relação à temática tão delicada. O fato do crítico ter também confundido travesti com transformista, de reduzir a expectativa de um possível amor a uma simples atração por "carne fresca" e ainda vaticinar uma possível decepção das fanzocas de Matthew Broderick ante sua "competência no papel de um gay", nos abre duas possibilidades de especulação: ou tal crítico é radicalmente careta e preconceituoso e, por conseguinte, desinteressado e desinformado pela temática gay, ou deve (ou crê) ter um público cativo com tais características. Não obstante o fato de respeitar qualquer das hipóteses acima, acho que tal crítico deveria ter ao menos mencionado, digamos que a título de informação, o fato da peça homônima já ter sido encenada no Brasil, com inquestionável sucesso, sob a direção de Geraldo Queiroz, com Ricardo de Almeida no papel de Arnold, Zé Carlos de Andrade como Ed, a então obscura e incipiente atriz Cláudia Raia como Laura e a magnífica Célia Biar como a sofredora mãe judia.
Ariel Macedo Mendonça
(Rio de Janeiro — RJ)

Alvorada
Essa Estranha Atração

Edição n.º 8, ano 4

A edição n.º 8 (ano 4) de SET está excelente: além das ótimas entrevistas com Bruce Willis, Dustin Hoffman e Warren Beatty, a espetacular reportagem sobre a febre do momento: a nova safra de videogames.
Getro S. R. Guimarães
(Itapetinga — BA)

Fiquei decepcionado com a edição n.º 8 (ano 4) de SET. O que me agradou foram o excelente artigo sobre os livros do cineasta Eisenstein e as resenhas de Videolançamentos. Espero que as próximas edições sejam melhores.
Eduardo R. da Rosa
(Cambuí — MG)

Aprecio muito esta revista, e a edição n.º 8 (ano 4) de SET está demais. A Matéria de Capa e a entrevista com Dustin Hoffman estão realmente muito boas.
Marcos Eduardo Kira
(Itapetininga — SP)

Congratulo SET pela Matéria de Capa com o filme *Duro de Matar 2* (n.º 8, ano 4), o qual foi feito com extremo profissionalismo pelo diretor Renny Harlin.
José Augusto de Carvalho
(São Paulo — SP)

Fox
Willis

Fantástica a edição de SET com a ótima reportagem sobre o filme *Duro de Matar 2*. A capa está fabulosa e a revista, por dentro, demais. Continuem assim.
Leo Grossman
(São Paulo — SP)

Parabenizo-os pela Matéria de Capa da edição n.º 8 (ano 4) sobre o filme *Duro de Matar 2*. A capa com Bruce Willis é uma das melhores já publicadas. Também gostei muito das entrevistas com Willis e Warren Beatty. Só lamento o pouco espaço dado ao filme *Robocop 2* nesta mesma edição.
Ricardo Souza Cruz
(Salvador — BA)

Columbia Tri-Star
Robocop 2

A edição n.º 8 (ano 4) de SET foi a melhor já publicada. A Matéria de Capa com o filme *Duro de Matar 2* está incrível e a entrevista com Bruce Willis, ótima.
Abba Bitencourt dos Santos
(Belo Horizonte — MG)

Acho que o espaço dedicado na edição n.º 8 (ano 4) ao filme *Duro de Matar 2* e ao ator Bruce Willis foi demasiadamente grande, já que o filme não é uma obra-prima. Conseqüentemente, a seção Livros — com as obras de Sergei Eisenstein — foi insuficiente, embora o filme *Outubro*, do diretor, tenha sido maravilhosamente abordado na seção Filmoteca.
Ana Carolina Mariano
(Brasília — DF)

Parabenizo a equipe de SET pelo bom trabalho que está desenvolvendo, como as entrevistas com Bruce Willis e Dustin Hoffman publicadas na ediçao n.º 8 (ano 4).
Robespierre Carvalho Filho
(Juiz de Fora — MG)

CARIBE Home Vídeo
CARIBE HOME VIDEO
LIGUE PARA CARIBE E TENHA A MELHOR LOCADORA DE SUA CIDADE!
TUDO PARA LOCADORAS
REVENDA DE FITAS E ACESSÓRIOS
• TODAS AS PRODUTORAS
• PRONTA ENTREGA
• MONTAMOS SUA LOCADORA
• VENDA DE FITAS USADAS
IMPLANTAÇÃO DE COMPUTADORES
• PROGRAMAS
• MANUAIS
• COMPUTADORES
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL
TELEFONES
(011) 965-7933
(011) 965-4498
CARIBE HOME VIDEO
R. Campo Largo, 818 - sala 5
Alto da Moóca - São Paulo - S.P.
CEP: 03186

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

Diretor de Marketing: Romeu Andreatta Filho

REDAÇÃO
Diretor de Redação: Eugênio Bucci
Editores: Dilson Pedro Gomes (executivo), Carlos Volpato, Mario Nery
Redação: Deborah Peleias, Walter de Silva
Coordenação de Produção: Marcelo de Castro
Atendimento ao Leitor: Ana Lucia Romanin
ARTE
Editor de Arte: Michel Spitale
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Diagramador: Izaú Norbertino
Arquivo e Pesquisa: Sandra Machado Alves
Colaboradores: Críticos - Antonio Querino Neto, José Geraldo Couto, Luiz Nazário, Paulo Capuzzo. **Texto** - Celso Pucci, David França Mendes, Fátima Gigliotti, Felipe Macedo, Helena Salem, Jairo Tadeu Longhi, José Carlos Avellar, Marcos Smirkoff, Ricardo Cota, Wagner Almeida Silva. **Arte** - Jair Farias, Marco Antonio Pizzirani. **Fotografia** - Rui Mendes. **Revisão e Preparação de Textos** - Marcos Antonio Gimenes

Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araújo
Diretor - SP: Eduardo Rosa
Supervisora: Rosangela Cassilio
Contatos: Márcia Letícia L. L. Amaral, José Estevão Favaro
Diretor - RJ: Jairo Carneiro
Contatos: Romualdo Ayres Costa
Produção Gráfica: Gerente: Edna K. Burigo
Coordenador: José Soares A. Santos
Representantes:
Rio Grande do Sul e Santa Catarina:
Print Sul (0512) 23-9528, RS. (0482) 44-8224, SC
SP-2: Intermídia Repres. e Public. S/C Ltda. Fones: (016) 623-4262/623-4291 — Ribeirão Preto — SP
Belo Horizonte:
Marco Aurélio Maia. Fone: (031) 222-5594
Norte/Nordeste: Toda-Mídia Representações Ltda. Fone: (081) 465-1883

Serviços Editorials
Azul Press - Gerente: Benjamin Sérgio Gonçalves
Abril Press - Gerente: Judith Baroni; **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles)
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Gerente: José Carlos Boldarine
PROMOÇÃO E PROPAGANDA
Diretor: A. Vasco Castro Barbosa
Gerente: Fabio Bueno

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Carlos Alberto Araújo, Pedro Frazão, Romeu Andreatta Filho e Vera Helena Mirandez Gomes

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05477, tel.: (011) 211-7866, Caixa Postal 60081, CEP 05096. Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Circulação desta revista: de 19 de novembro a 17 de dezembro.
Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

ANER IVC

Fotolito: Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTAS

Filmoteca

É extasiante o artigo publicado na seção Filmoteca sobre o filme *Outubro*, de Eisenstein (n.º 8, ano 4). José Carlos Avellar, o autor do texto, consegue, como mágica, fazer-nos viajar no cem anos de cinema que ele cita.
Luiz Carlos F. da Silva
(Sorocaba — SP)

Videogame

Quero parabenizá-los pela excelente reportagem "Clímax Eletrônico" (n.º 8, ano 4). Sou fanático por videogame e gostaria que SET sempre publicasse as novidades desse mercado.
Jorge Garcia
(Itabaianinha — SE)

Achei superinteressante a reportagem sobre a terceira geração de videogames publicada na edição n.º 8 (ano 4) de SET.
João Daniel M. de Moura
(Brasília — DF)

Sou videogame-maníaco e adorei a reportagem "Clímax Eletrônico" (n.º 8, ano 4), principalmente quando diz que a tecla *start* acaba de ser acionada.
Marcelo Medeiros
(Rio de Janeiro — RJ)

Fãs-clubes

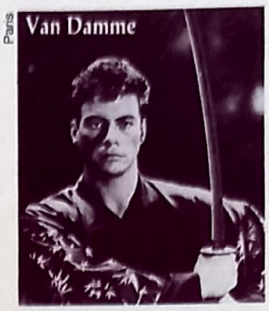
Original Motion Picture Score. Endereço: rua Dr. Quirino, 585, apto. 58, Campinas — SP (CEP 13015)

Fã-clube I'm Crazy for You Madonna. Endereço: rua Oliveira Ribeiro, 1086, Rio de Janeiro — RJ (CEP 21810)
Denilson Rodrigues Alves

Back to the Future Fã Club. Endereço: rua Berlin, 79, Governador Valadares — MG (CEP 35050)
Anderson Gomes

Fã-clube Michael J. Fox. Endereço: rua Delegado Pinto de Toledo, 1463, São José do Rio Preto — SP (CEP 15010)
Cláudio Luís Lima

Fã-clube Jean-Claude Van Damme, Mel Gibson e Arnold Schwarzenegger. Endereço: rua Paula Rodrigues, 170, apto. 201, Fortaleza — CE (CEP 60410)
Ricardo César R. Batista



Correio entre os Leitores

Compro pôsteres dos filmes *Nascido em 4 de Julho*, *Rain Man*, *Cocktail*, *Ases Indomáveis* e *Metrópolis*. Endereço: rua Rademaquer, 69, São Paulo — SP (CEP 02269).
Márcia Valéria dos Santos

Compro a edição 34, n.º 4, ano 4, de SET, com a atriz Michelle Pfeiffer na capa. Endereço: rua 10, 2292, Rio Claro — SP (CEP 13500).
Renato Christofoletti

Quero me corresponder com fãs dos atores Mel Gibson, John Travolta e Christopher Reeve. Endereço: rua Padre Sucupira, 181, Crato — CE (CEP 63100).
Honório de Sousa Rodrigues

Desenvolvo um trabalho no qual o filme é utilizado como um instrumento didático fundamental, e gostaria de me corresponder com pessoas que vêem o cinema como um campo para a reflexão. Endereço: rua Francisco Pereira, 163, Rio de Janeiro — RJ (CEP 21830).
Andréia Frazão

Quero trocar informações sobre o ator Jean-Claude Van Damme. Endereço: avenida Castro Alves, 857, Santa Cruz do Sul — RS (CEP 96800).
Clavio Osvaldenir Kist

Compro qualquer material referente a Johnny Depp, Mel Gibson e Ralph Macchio. Endereço: Estrada de Servidão, 284, Parque São Rafael, São Paulo — SP (CEP 08320).
Rosana Higa

Compro qualquer material sobre o ator Warren Beatty. Endereço: rua Princesa Isabel, 224, Ferraz de Vasconcelos, São Paulo — SP (CEP 08500).
Selma P. Araújo

Quero me corresponder com fãs de Harrison Ford, Bruce Willis e Elvis Presley. Endereço: rua Visconde de Itaboraí, 171, São Paulo — SP (CEP 03380).
Miriam Perides

Procuro cartazes de *A Hora do Pesadelo* partes 2 e 3 e de *Quem É Essa Garota?* Endereço: rua Emílio Moreira, 1308, Praça 14, Manaus — AM (CEP 69020).
Ricardo Carvalho de Oliveira

Troco correspondência com fãs de filmes de ficção científica. Endereço: Caixa Postal 3994, São Paulo — SP (CEP 01051).
Julia Winber

Quero me corresponder com leitores que curtam o gênero aventura. Endereço: rua Euclides da Cunha, 1320, Assis — SP (CEP 19800).
Rodrigo Guimarães

Adoraria me corresponder com pessoas que curtam os verdadeiros astros imortais dos anos 30 a 70. Endereço: avenida Caminho do Mar, 2795, São Bernardo do Campo — SP (CEP 09730).
J. Carin Hadedd

Errata

O leitor Gustavo Moreira Gorski apontou dois erros na edição n.º 8 (ano 4): o primeiro à página 65 — a distribuidora do filme *Os Irmãos Cara de Pau* é CIC e não Warner, como publicado — e o segundo, à página 68, na Parada dos filmes mais alugados — a distribuidora correta do filme *Morto ao Chegar* é a Abril Vídeo.

Cartas para Diretor de SET, av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05477, São Paulo — SP. Todas as cartas serão respondidas pelo correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.

FILMOGRAFIAS

ISABELLA ROSSELLINI

Isabella Fiorella Elettra Giovanna Rossellini nasceu em 18 de junho de 1952, em Roma, Itália.

Paramount

1976: QUESTÃO DE TEMPO (*A Matter of Time*, de Vincente Minnelli) ■ 1978: IL PIRATA (ou *The Meadow*) ■ 1980: PAPOCCHIO, TUDO SOB OS OLHOS DO PAPA * (*Il Pap'occhio*, de Renzo Arbore) ■ 1985: SOL DA MEIA-NOITE * (*White Nights*, de Taylor Hackford) ■ 1986: VELUDO AZUL * (*Blue Velvet*, de David Lynch) ■ 1987: CHAPEUZINHO VERMELHO (*Red Riding Hood*, de Adam Brooks); SIESTA (de Mary Lambert); TOUGH GUYS DON'T DANCE (de Norman Mailer) ■ 1988: ZELLY AND ME (de Tina Rathborne) ■ 1989: UM TOQUE DE INFIDELIDADE * (*Cousins*, de Joel Schumacher) ■ 1990: CORAÇÃO SELVAGEM (*Wild at Heart*, de David Lynch).

Sipa-Press

JAMES CAGNEY

James Francis Cagney Jr. nasceu em 17 de julho de 1899, em Nova York, EUA, e faleceu em 30 de março de 1986 na mesma cidade.

1930: SINNER'S HOLIDAY (de John G. Adolfi); A CAMINHO DO INFERNO (*Doorway to Hell*, de Archie Mayo) ■ 1931: OTHER MEN'S WOMEN (de William Wellman); O MILIONÁRIO (*The Millionaire*, de John G. Adolfi); INIMIGO PÚBLICO (*The Public Enemy*, de William Wellman); AS MULHERES ENGANAM SEMPRE (*Smart Smoney*, de Alfred E. Green); TRAVESSURAS DE UMA LOIRA (*Blonde Crazy*, de Roy Del Ruth) ■ 1932: PESO DO ÓDIO (*Taxi*, de Roy Del Ruth); DELIRANTE (*The Crowd Roars*, de Howard Hawks); TUDO OU NADA (*Winner Take All*, de Roy Del Ruth) ■ 1933: DIFÍCIL DE LIDAR (*Hard to Handle*, de Mervyn LeRoy); O FURÃO (*Picture Snatcher*, de Lloyd Bacon); O PREFEITO DO INFERNO (*The Mayor of Hell*, de Archie Mayo); BELEZAS EM REVISTA (*Footlight Parade*, de Lloyd Bacon); O MULHERENGO (*Lady Killer*, de Roy Del Ruth) ■ 1934: BANCANDO O CAVALHEIRO (*Jimmy The Gent*, de Michael Curtiz); O HOMEM QUE EU PERDI (*He Was Her Man*, de Lloyd Bacon); AÍ VEM A MARINHA (*Here Comes the Navy*, de Lloyd Bacon); COMPRANDO BARULHO (*The St. Louis Kid*, de Ray Enright); O GRANDE MOTIM (*Mutiny on the Bounty*, de Frank Lloyd, como extra) ■ 1935: FUZILEIROS DO AR (*Devil Dogs of the Air*, de Lloyd Bacon); G-MEN CONTRA O IMPÉRIO DO CRIME (*G-Men*, de William Keighley); O FILHINHO DA MAMÃE (*The Irish in Us*, de Lloyd Bacon); SONHOS DE UMA NOITE DE VERÃO (*A Midsummers Nigth's Dream*, de Max Reinhardt e William Dieterle); CIDADE SINISTRA (*Frisco Kid*, de Lloyd Bacon); HERÓIS DO AR (*Ceiling Zero*, de Howard Hawks) ■ 1936: PESOS E MEDIDAS (*Great Guy*, de John G. Blystone) ■ 1937: UM MOTIVO PARA CANTAR (*Something to Sing About*, de Victor Schertzinger) ■ 1938: COMPRANDO BARULHO (*Boy Meets Girl*, de Lloyd Bacon); OS ANJOS DE CARA SUJA (*Angels With Dirty Faces*, de Michael Curtiz) ■ 1939: A LEI DO MAIS FORTE (*The Oklahoma Kid*, de Lloyd Bacon); A MORTE ME PERSEGUE (*Each Dawn I Die*, de William Keighley); HERÓIS ESQUECIDOS (*The Roaring Twenties*, de Raoul Walsh) ■ 1940: REGIMENTO HERÓICO (*The Fighting 69th*, de William Keighley); ZONA TÓRRIDA (*Torrid Zone*, de William Keighley) ■ 1941: DOIS CONTRA UMA CIDADE INTEIRA (*City for Conquest*, de Anatole Litvak); UMA LOIRA COM AÇÚCAR (*Strawberry Blonde*, de Raoul Walsh); A NOIVA CAIU DO CÉU (*The Bride Came C.O.D.*, de William Keighley) ■ 1942: CAPITÃO DAS NUVENS (*Captains of the Clouds*, de Michael Curtiz); A CANÇÃO DA VITÓRIA (*Yankee Doodle Dandy*, de Michael Curtiz) ■ 1943: SEMPRE UM CAVALHEIRO (*Johnny Comes Lately*, de William K. Howard) ■ 1945: SANGUE SOBRE O SOL * (*Blood on the Sun*, de Frank Lloyd) ■ 1946: RUA MADELEINE 13 (*13 Rue Madeleine*, de Henry Hathaway) ■ 1948: UM MOMENTO EM CADA VIDA (*The Time of Your Life*, de H.C. Potter) ■ 1950: FÚRIA SANGUINÁRIA (*White Heat*, de Raoul Walsh); CONQUISTANDO WEST POINT (*The West Point Story*, de Roy Del Ruth); O AMANHÃ QUE NÃO VIRÁ (*Kiss Tomorrow Goodbye*, de Gordon Douglas) ■ 1951: DEGRADAÇÃO HUMANA (*Come Fill the Cup*, de Gordon Douglas); ESTRELAS EM DESFILE (*Starlift*, de Roy Del Ruth) ■ 1952: SANGUE POR GLÓRIA (*What Price Glory*, de John Ford) ■ 1953: UM LEÃO ESTÁ NAS RUAS (*A Lion is on the Streets*, de Raoul Walsh) ■ 1955: FORA DAS GRADES (*Run for Cover*, de Nicholas Ray); AMA-ME OU ESQUECE-ME (*Love me or Leave me*, de Charles Vidor); MISTER ROBERTS (de John Ford e Mervyn LeRoy); UM CORINGA E SETE ASES (*The Seven Little Foys*, de Melville Shavelson) ■ 1956: HONRA A UM HOMEM MAU (*Tribute to a Bad Man*, de Robert Wise); PASSADO PERDIDO (*Those Wild Years*, de Roy Rowland ■ 1957: O HOMEM DAS MIL CARAS (*Man of a Thousand Faces*, de Joseph Pevney); ATALHO PARA O INFERNO (*Short Cut to Hell*, como diretor) ■ 1958: O REI DA ZONA (*Never Steal Anything Small*, de Charles Lederer) ■ 1959: DE MÃOS DADAS COM O INFERNO (*Shake Hands with the Devil*, de Michael Anderson) ■ 1960: O AMANHECER DA GLÓRIA (*The Gallant Hours*, de Robert Montgomery) ■ 1961: CUPIDO NÃO TEM BANDEIRA (*One, Two, Three*, de Billy Wilder) ■ 1981: NA ÉPOCA DO RAGTIME * (*Ragtime*, de Milos Forman).

Episódio para TV — 1984:TERRIBLE JOE MORAN.

Curtas-metragens — 1931: PRACTICE SHOTS N.º 11 (SÉRIE BOBBY JONES) ■ 1933: HOLLYWOOD ON PARADE N.º 8 ■ 1934: SCREEN SNAPSHOTS N.º 11; THE HOLLYWOOD GAD-ABOUT ■ 1935: A TRIP TROUGH HOLLYWOOD STUDIOS ■ 1938: HOMENAGEM A WILL ROGERS (*For Auld Lang Syne*) ■ 1943: SHOW BUSINESS AT WAR ■ 1943: YOU, JOHN JONES.

Narrador — 1944: BATTLE STATIONS ■ 1962: ROAD TO THE WALL ■ 1968: PISTOLEIROS DO ARIZONA (*Arizona Bushwackers*).

DAVID LYNCH

Nasceu em 20 de janeiro de 1946, EUA.

1967: THE ALPHABET (curta-metragem) ■ 1970: THE GRANDMOTHER (16 mm) ■ 1978: ERASERHEAD ■ 1980: O HOMEM ELEFANTE * (*The Elephant Man*) ■ 1984: DUNA * (*Dune*) ■ 1986: VELUDO AZUL * (*Blue Velvet*) ■ 1988: ZELLY AND ME (de Tina Rathborne, como ator) ■ 1990: CORAÇÃO SELVAGEM (*Wild at Heart*).

Episódio para TV — 1990: NORTHWEST PASSAGE.

Série para TV — 1990: TWIN PEAKS *

* Disponível em Vídeo

COMO TER UM NEGÓCIO CHEIO DE AVENTURA, ARTE, EMOÇÃO, DRAMA, POLICIAIS, ROMANCE E LUCROS.

VIDEO LESTE

Se você quer tudo isso em um único negócio, você anda pensando em abrir uma videolocadora. Vá em frente. É uma ótima área de investimento.

Mas, se na sua videolocadora você quer deixar os Policiais e o Drama do título ai de cima apenas nas prateleiras, a solução está na **VideoLeste**, onde você encontra tudo que precisa para o seu novo empreendimento.

Para isso, a **VideoLeste** oferece consultoria integral para que sua locadora seja tanto um sucesso de público quanto de lucros. Sem dramas na vida real.

Além disso, a **VideoLeste tem 25 mil fitas**, com todos os lançamentos das melhores distribuidoras, prontas para o acervo da sua locadora. E isso não é tudo: estojos, porta-fitas, fichas para cadastro de clientes, para controle de filmes e comandas, rebobinadores, adesivos para proteção de selo do Concine, sacolas plásticas personalizadas, painéis de informações, computadores e sistemas para gerenciar seu novo negócio, entre outros acessórios, estão à sua disposição.

Se você está preparado para as emoções fortes da caixa registradora tilintando sem parar, entre em contato com a VideoLeste.

Rua 24 de Maio 77 • 14.º andar • Tels. (011) 223.3833/221.8809 / 221.7431 / 222.9526 / 221.0440 / 223.2969
Telex: (011) 25395 • Fax: (011) 2207431 • CEP 01041 • São Paulo • SP

Av. do Contorno, 8000 - sala 1302 à 1304 c/ Luiz
Tel. (031) 531-3590 • CEP 30110 • BELO HORIZONTE - MG

Av. Parigot de Souza, 198 - Sala 2 - Tel. (0442) 23-0570
CEP 87013 • MARINGÁ - PR • c/ Odiney

mesmos preços da matriz de S. Paulo

por Felipe Macedo

O DESPERTAR DA BESTA

(1970)

Entre os bons, há cineastas metódicos e organizados em sua criação final. Seus filmes acumulam toneladas de negativo, um número enorme de tomadas para cada plano previamente estudado, desenhado — até gravado em vídeo hoje em dia.

Estruturar todo um filme dessa maneira, mantê-lo por igual num planalto constante de qualidade, envolve disponibilidade de dinheiro, muita experiência e, é claro, o talento para organizar esses e os outros elementos que entram na sua composição.

Noutros realizadores, o talento se manifesta de uma maneira completamente irregular e, às vezes, até caótica. Soluções de intuição genial que vão bem fundo nas feridas da cultura e/ou da realidade.

José Mojica Marins, 54 anos, é a expressão mais perfeita desse segundo tipo de cineasta. O típico produtor cultural que o Terceiro Mundo tende a apresentar: irregular, anárquico, com uma produção paupérrima nos recursos mas milionária na criatividade. Todos os filmes do Mojica são impressionantes — e muitos são assustadores, já que tratam do Horror. Mas nem todos são filmes de terror, e o Horror de Mojica não se confunde com esses truquezinhos de marketing, repetidos à exaustão, que andam por aí (as unhas — verdadeiras — do Zé do Caixão antecedem em, pelo menos, 20 anos as garras do Freddy Krueger). Na obra dele, o Horror transcende esses aspectos menores do "gênero" e se reinsere como elemento da própria realidade, reflexo das vivências dessa nossa parte do Mundo, cheia de pequenos e grandes horrores cotidianos. Um horror que se eleva à condição de realidade, um real que revela horrores mais profundos.

Uma obra — ao longo de dezenas de filmes — que se mostrou intérprete riquíssimo da experiência cultural desse povo que vive por aqui. Obra reconhecida por esse público (*À Meia-Noite Levarei Sua Alma*, em vídeo pela Mundial Filmes, fez 50 000 espectadores em uma só sala, na primeira semana, e seus outros filmes têm números semelhantes), para só depois ser celebrada nos festivais internacionais.

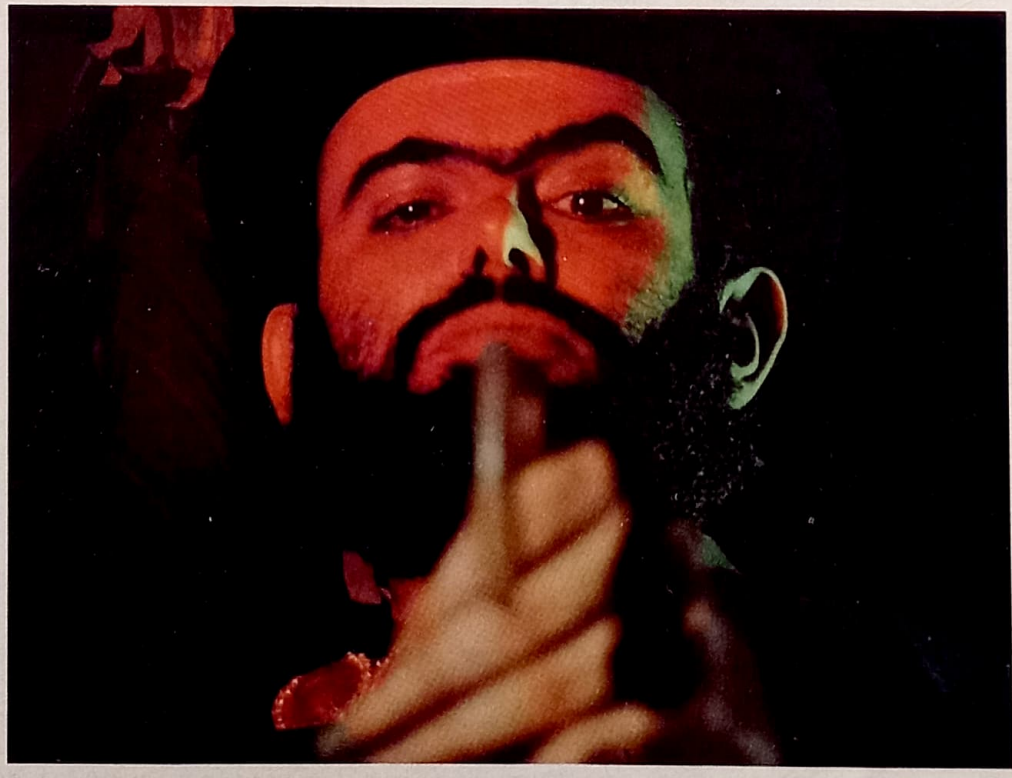
Aliás, essa dualidade do concreto e imaginário é tão séria que o espírito do Zé do Caixão "baixa" em vários médiuns e terreiros pelo país afora, prova cabal de que encarnou definitivamente na alma popular.

No conjunto da obra, Mojica faz o tipo sistemático, consistente, coerente. Nos filmes, em cada filme, é um gênio louco, surpreendente, chocante. E maldito. O ápice dessa obra — segundo a unanimidade dos poucos que a puderam ver — é o recorde nacional da discriminação. Dezesseis anos proibido pela Censura, mais cinco anos nas gavetas burocráticas da Embrafilme: *O Despertar da Besta* — ex-*Ritual dos Sádicos* — atingiu a maioridade do opróbio, reunindo contra si tudo o que o Brasil tem de pior: moralistas, militares, burocratas, censores e uma grande e nebulosa parcela do que é o negócio de cinema nesta terrinha.

De fato, pensando em 1969 — quando o filme começou sua "carreira" —, percebe-se que é uma fita subversiva. Imaginem, o *Despertar* é uma "reflexão" sobre a própria obra do Mojica. Portanto, é o Horror nacional ao quadrado. Ou a Subversão.

Você pode apreciar o filme de uma maneira meio fanática. E pode odiá-lo, nas inúmeras contradições do seu horror brasileiro. Mas eu garanto que ninguém vai dormir na sessão. Até porque — cuidado! A Besta vai despertar. SET

Felipe Macedo é fundador do Elétrico Cineclube e um dos fundadores dos cineclubes Bixiga, Oscarito e da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo.



Mojica, como Zé do Caixão: baixando em terreiros pelo país afora

Associação Beneficente Cultural Zé do Caixão

DE PLAYBOYS A CARLITOS NÓS SOMOS O AB C... DAS NOVIDADES.

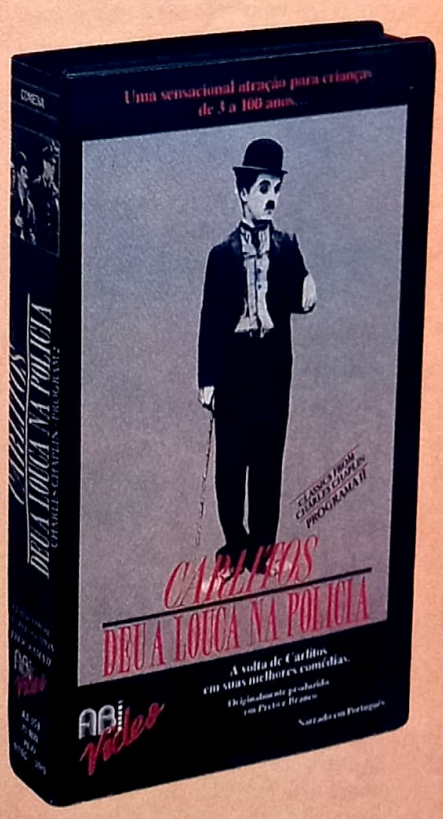
TUDO NA VIDA TEM SUA PRIMEIRA VEZ, ATÉ O AMOR...

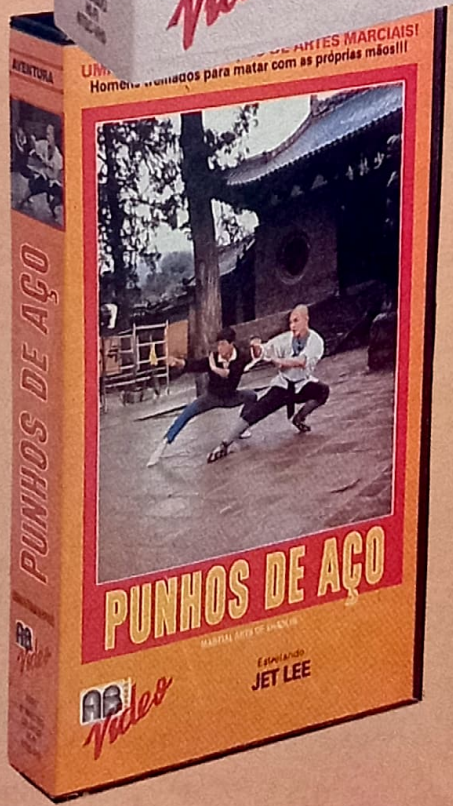
o Playboy do Califórnia

com
MARK HARMON (Mais Forte Que o Ódio)
KIRSTIE ALLEY (Olha Quem Está Falando)

CARLITOS DEU A LOUCA NA POLICIA

UM FURACÃO DE GARGALHADAS
UM CLÁSSICO DO CINEMA MUNDIAL





A GRANDE MURALHA,
A CIDADE PROIBIDA
E MARAVILHOSAS PAISAGENS...

PUNHOS DE AÇO

Jovens destemidos treinados para matar com as próprias mãos.

UMA SUPER PRODUÇÃO DE ARTES MARCIAIS com JET LEE

AB Vídeo

FAÇA A ESCOLHA CERTA.

AB INTERNACIONAL VIDEO LTDA.
Rua Dr. Manuel Maria Tourinho, 43 - 01236 - São Paulo SP
Telefone: (011) 65-5554 - Telex: 111014 ABVI - BR

AGORA QUE VOCÊ ACABOU DE SABER TUDO SOBRE TODAS AS NOVIDADES EM VÍDEO, ANOTE NO CUPOM ABAIXO OS FILMES QUE VOCÊ QUER VER E SOLICITE À SUA VIDEOLOCADORA.

Anote aqui os filmes que você quer alugar até a próxima edição.

SET CINEMA & VÍDEO

O AMOR EM FUGA

Hedwig Kiesler, austriaca, mais conhecida por Hedy Lamarr, em *Êxtase* (1933), de Gustave Machaty

Capte toda a beleza,

ou somente a beleza do rosto,

ou somente a beleza da jóia.

Câmera Panasonic M-1000 com Zoom 8X e Macro Auto Focus para o close que você quiser.

A cena está longe, mas você quer captá-la de qualquer maneira. A Panasonic M-1000 está pronta. Porque ela tem o fantástico Zoom 8X. Em seguida, você aproxima. As lentes quase tocam a imagem que você quer captar. A Panasonic M-1000 já está pronta para a ação. Automaticamente. Captando tudo o que estiver em quadro, graças ao exclusivo Piezo Auto Focus.

M-1000 - Uma grande família de câmeras de design profissional com resistente chassi de alumínio e as seguintes características: fade in/fade out, tanto em vídeo quanto em áudio; AGC- alto brilho e balanço de branco automático.

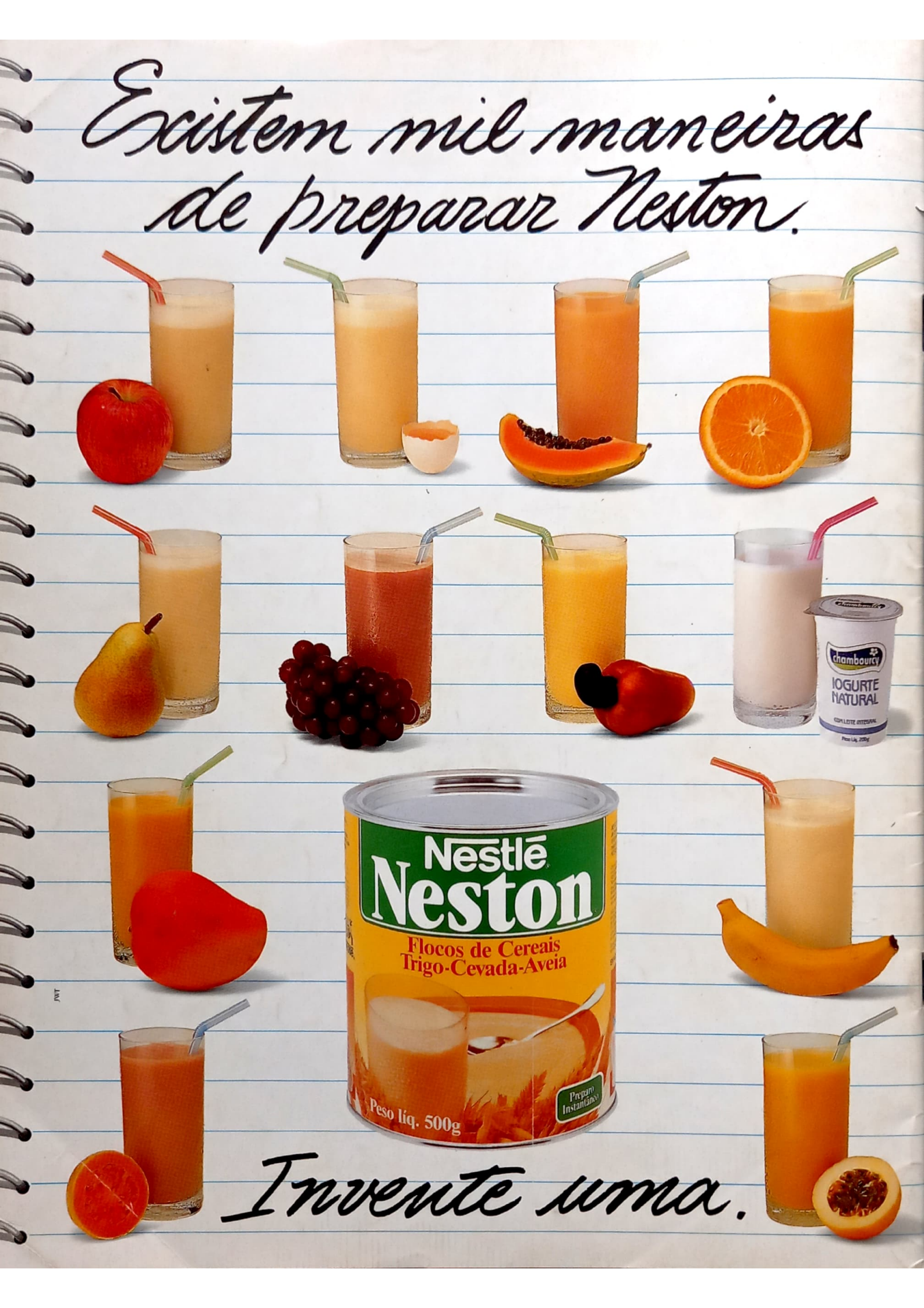
Seja para captar toda a beleza ou apenas um detalhe.

NV-M1000PX

Panasonic

À venda na Zona Franca de Manaus.

Existem mil maneiras de preparar Neston.



Invente uma.